UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

GEOGRAFIA DE MATO GROSSO DO SUL: MATERIAL PEDAGÓGICO PARA O COMPONENTE CURRICULAR *GEOGRAFIA REGIONAL* DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPO GRANDE-MS

Dourados-MS
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE GEOGRAFIA EM REDE NACIONAL (PROFGEO)

GUSTAVO HENRIQUE DE ALMEIDA FERREIRA

GEOGRAFIA DE MATO GROSSO DO SUL: MATERIAL PEDAGÓGICO PARA O COMPONENTE CURRICULAR *GEOGRAFIA REGIONAL* DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPO GRANDE-MS

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação – Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede Nacional (PROFGEO), da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo

Dourados-MS

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

F382g Ferreira, Gustavo Henrique De Almeida

Geografia de Mato Grosso do Sul: material pedagógico para o componente curricular Geografia Regional da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS [recurso eletrônico] / Gustavo Henrique De Almeida Ferreira. -- 2026.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Marcos Leandro Mondardo.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Geografia em Rede)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2026.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em: https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio

1. Geografia Regional. 2. material pedagógico. 3. cartilha geográfica. 4. Mato Grosso do Sul. 5. ensino de geografia. I. Mondardo, Marcos Leandro. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo pela atenção, paciência e orientações, que foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

À banca examinadora, composta pelas professoras Flaviana e Camila, pelas contribuições rigorosas e generosas, que enriqueceram significativamente esta pesquisa.

Aos professores do PROFGEO, pelo conhecimento compartilhado ao longo do curso.

À minha família: minha mãe, Sonia; meu pai Antístenes (*in memoriam*); meu irmão, Fábio; e meu companheiro, Wagner. Sem o apoio de vocês, nada disso faria sentido.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida durante o tempo de realização do PROFGEO.

Ao Comitê de Ética da UFGD, pela autorização da pesquisa junto aos professores de Geografia de Campo Grande-MS.

Aos colegas da segunda turma do PROFGEO – Martinha, Kelvin, Camila, Ana Lia, Valmir, Éverton, Alan – pela amizade. Ainda que tenhamos convivido juntos por pouco tempo, foram fundamentais no processo de realização do curso e nas trocas de experiências sobre Geografia e a rotina em sala de aula.

À Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Campo Grande-MS, pelo apoio durante a pesquisa e pela viabilização dos trâmites necessários para que o trabalho obtivesse êxito. Em especial, à equipe de Geografia – Rafael Bastazini, Rafael Bartimann, Sônia e Analice – que sempre me apoiou nesse percurso acadêmico, além de oferecer formações continuadas de alto nível. Muito obrigado por compartilhar experiências e conhecimentos!

Um agradecimento especial ao colega Rafael Bastazini pelas rigorosas contribuições ao longo do trabalho, tanto na Qualificação quanto na Defesa.

À minha querida amiga Prof. Dr. Nathalia Claro Moreira, pelas contribuições ao longo do PROFGEO, pelo incentivo para que concluísse “logo” o trabalho (rsrs) e pela amizade construída desde 2024, na escola Prof. Luiz Cavallon.

Às diretoras da escola municipal Santos Dumont, Valéria e Luciana, e às colegas/amigas de trabalho – Débora, Phaola, Francieli, Valdinéia, Denise – pelos anos de amizade e que também muito me apoiaram durante essa jornada. Tenho um carinho especial por essa escola, que me acolheu em 2016, quando assumi o concurso em Campo Grande-MS. A todos que contribuíram direta ou indiretamente na realização deste trabalho, muito obrigado pela existência de vocês!

RESUMO

O ensino da Geografia Regional constitui um importante instrumento para a compreensão das dinâmicas territoriais e para o fortalecimento da identidade e do sentimento de pertencimento dos estudantes ao espaço em que vivem. No contexto da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS (Reme), Mato Grosso do Sul, observa-se a necessidade de materiais didáticos específicos, atualizados e sistematizados que subsidiem a prática docente no componente curricular Geografia Regional do 7º ano do Ensino Fundamental. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo elaborar um material pedagógico, na forma de uma cartilha digital, destinado a apoiar o ensino da Geografia Regional de Mato Grosso do Sul. A investigação foi motivada pela experiência profissional do pesquisador como professor da educação básica, que identificou a escassez de recursos didáticos voltados à realidade regional, dificultando a mediação dos conteúdos em sala de aula. Para fundamentar a proposta, realizou-se uma revisão bibliográfica acerca do conceito de região, contemplando desde as abordagens clássicas até as perspectivas críticas contemporâneas, com destaque para as contribuições de autores como Milton Santos e Rogério Haesbaert. Também foram analisados materiais de apoio já utilizados pelos docentes, entre eles o blog *Geografia Morena*, reconhecido como importante recurso complementar para o ensino da Geografia sul-mato-grossense. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, de natureza aplicada, com caráter descritivo, sendo realizada uma pesquisa diagnóstica por meio de questionário on-line respondido por 39 professores de Geografia da Reme. Os resultados evidenciaram que a maioria dos participantes enfrenta dificuldades decorrentes da ausência de materiais didáticos específicos sobre a Geografia de Mato Grosso do Sul, ressaltando a necessidade de recursos que contemplem aspectos físicos, históricos, demográficos, econômicos e culturais do estado de maneira contextualizada, atualizada e adequada ao público escolar. Em resposta a essa demanda, foi elaborada a cartilha digital **GEO-MS**, organizada em linguagem acessível e composta por textos, mapas, imagens, atividades, sugestões de vídeos e outros recursos pedagógicos. O material está estruturado em cinco eixos temáticos: conceito de região e regionalização; formação territorial e populacional de Mato Grosso do Sul; biomas e aspectos físicos; diversidade étnica e conflitos territoriais envolvendo povos indígenas e comunidades quilombolas; e Geografia Econômica, com destaque para o agronegócio, a industrialização, o turismo e a Rota Bioceânica. Conclui-se que a cartilha representa uma contribuição para o ensino da Geografia Regional ao oferecer um material didático atualizado, contextualizado e alinhado às necessidades dos docentes, favorecendo práticas pedagógicas que possibilitem aos estudantes compreender as relações entre o espaço local e os processos globais, desenvolvendo uma leitura crítica da realidade e fortalecendo sua identidade territorial.

Palavras-chave: Geografia Regional. Mato Grosso do Sul. Cartilha geográfica. Material pedagógico. Ensino de Geografia.

ABSTRACT

Regional Geography teaching plays a fundamental role in understanding territorial dynamics and strengthening students' identity and sense of belonging to the places where they live. Within the context of the Municipal School System of Campo Grande, Mato Grosso do Sul, there is a growing need for specific, updated, and systematically organized teaching materials to support teachers in delivering the Regional Geography curriculum to seventh-grade students in elementary education. In this context, this study aimed to develop a pedagogical resource in the form of a digital handbook to support the teaching of the Regional Geography of Mato Grosso do Sul. The research was motivated by the author's professional experience as a basic education teacher, who identified a shortage of teaching resources focused on the state's regional reality, making it difficult to mediate regional content in the classroom. To provide a theoretical foundation for the proposal, a literature review was conducted on the concept of region, encompassing classical approaches as well as contemporary critical perspectives, with particular emphasis on the contributions of Milton Santos and Rogério Haesbaert. Existing educational resources used by teachers were also analyzed, including the *Geografia Morena* blog, recognized as an important complementary resource for teaching the geography of Mato Grosso do Sul. The study adopted a qualitative, applied, and descriptive approach, consisting of a diagnostic survey conducted through an online questionnaire completed by 39 Geography teachers from the Municipal School System of Campo Grande, Mato Grosso do Sul. The findings revealed that most participants experience difficulties due to the lack of specific teaching materials addressing the geography of Mato Grosso do Sul, highlighting the need for educational resources that present the state's physical, historical, demographic, economic, and cultural aspects in a contextualized, updated, and pedagogically appropriate manner. In response to this demand, the digital handbook **GEO-MS** was developed, featuring accessible language and incorporating texts, maps, images, classroom activities, video suggestions, and other educational resources. The handbook is organized into five thematic sections: the concept of region and regionalization; the territorial and population formation of Mato Grosso do Sul; biomes and physical geography; ethnic diversity and territorial conflicts involving Indigenous peoples and Quilombola communities; and Economic Geography, with emphasis on agribusiness, industrialization, tourism, and the Bioceanic Corridor. It is concluded that the handbook represents a significant contribution to Regional Geography teaching by providing updated, contextualized, and teacher-oriented educational material that supports pedagogical practices aimed at helping students understand the relationships between local spaces and global processes, fostering critical thinking about reality and strengthening their territorial identity.

Key words: Regional Geography. Mato Grosso do Sul. Geography handbook. Educational material. Geography teaching.

SUMÁRIO

1. Apresentação 6

1.1 Objetivo geral 7

1.2 Objetivos específicos 7

2. Revisão Bibliográfica 7

2.1 Categoria de região: breve trajetória teórico-metodológica, a questão regional do Mato Grosso do Sul e o ensino de Geografia 11

2.2 Justificativa 22

2.3 Antecedentes: análise do blog Geografia Morena, as Orientações curriculares e a preocupação regional 23

3. Descrição do produto 30

4. Proposta do uso do material junto ao público-alvo 31

4.1 Mobilização do público-alvo 32

4.2 Questionário *online* e análise dos resultados 33

5. Análise do produto 50

5.1 Temáticas a serem desenvolvidas na Cartilha 50

5.2 Limites e potencialidades do uso do material didático em sala de aula 51

6. Considerações finais 52

7. Referências 55

8. APÊNDICE - CARTILHA GEOMS 59

1. APRESENTAÇÃO

A presente proposta de trabalho de conclusão de curso escolhida foi na modalidade Material Pedagógico e pretende-se envolver uma série de linguagens para a abordagem da Geografia Regional do Mato Grosso do Sul. O meu interesse pela temática Geografia Regional se inicia no ano de 2016, quando assumi a vaga de professor efetivo de Geografia na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS (Reme). Formei-me em Uberlândia (MG), nasci e fui criado no interior de São Paulo (município de Barretos), e prestei o concurso da prefeitura da capital de Mato Grosso do Sul e obtive êxito. Porém, minha formação pouco contemplou a temática regional, especialmente voltada à região Centro-Oeste e o estado de Mato Grosso do Sul. E quando assumi a vaga de professor fui surpreendido com esse componente curricular, carente de material disponível para os docentes naquele período.

Ao mesmo tempo em que buscava conhecer um pouco sobre a temática, a Difem (Divisão dos Anos Finais e Ens. Médio da Secretaria Municipal de Educação - Semed – setor Geografia) por meio de seus técnicos, elaborou e produziu um *blog* extraoficial chamado Geografia Morena ("Geomorena"[1]) contendo alguns materiais didáticos, planos de aula, vídeos e textos sobre a Geografia Regional. É um blog muito diverso, pois apresenta várias linguagens geográficas disponíveis para o professor mediar em sala de aula.

Não há livro didático específico sobre a Geografia de Mato Grosso do Sul[2], o que dificultou meu trabalho inicialmente. Posteriormente, houve a produção do blog e o envio de várias atividades, mas mesmo assim, há espaço para ampliar o conhecimento geográfico escolar de Mato Grosso do Sul, visto que nas formações continuadas, os professores solicitam materiais e/ou práticas de ensino relacionados à temática regional.

A partir da promulgação do Referencial Curricular de Geografia da Reme (Campo Grande, 2020), existe a necessidade de ampliar o conhecimento geográfico de Mato Grosso do Sul, voltado para o Ensino Fundamental. Por isso, nosso objetivo é contribuir com o ensino de Geografia e a prática de ensino dos professores, com a produção de um material atualizado, diversificado e reflexivo sobre a Geografia Regional.

Há a preocupação de contemplar várias linguagens do ensino de Geografia, bem como apropriar-se e desenvolver metodologias diferenciadas nas aulas do Ensino Fundamental. O

[1] Blog Geografia Morena – Disponível em: http://geomorena.blogspot.com/

[2] O livro que utilizei na ocasião foi editado em 2005, voltado para o 5º ano do Ensino Fundamental, no qual consegui fazer algumas adaptações ao planejamento. Não houve reedição do livro. O livro utilizado foi: GRESSLER, L. A.; VASCONCELOS, L. M. **Geografia do Mato Grosso do Sul**. São Paulo: FTD, 2005. 159 p.

interesse dos estudantes pelo conhecimento geográfico tende a melhorar com a mediação do professor em sala de aula por meio de várias linguagens: gráficas, textuais, imagéticas, fotos, mapas, audiovisual, documentário, filmes, músicas, literária etc.

Nesse contexto, a presente pesquisa visa colaborar com os professores de Geografia que ministram o conteúdo regional de Mato Grosso do Sul, por meio da diversificação das estratégias pedagógicas utilizadas na mediação do conhecimento desenvolvido no ambiente escolar. Tal mediação será pautada em um material didático que terá uma discussão teórica, mas ao mesmo tempo, possibilitará práticas de ensino que sejam objetivas e que dialoguem com os professores em sala de aula.

1.1 Objetivo geral

Elaborar um material didático com atividades diversificadas sobre o componente curricular "*Geografia Regional*" para os professores do 7º ano da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande-MS.

1.2 Objetivos específicos

Identificar, junto aos professores da Reme, os principais temas que precisam de material didático na Geografia Regional.

Reconhecer o que já foi produzido nesse componente curricular e ampliar o material disponível para os docentes.

Produzir uma cartilha com exercícios, textos, sugestões de atividades que envolvam metodologias ativas em temas específicos da Geografia Regional.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

No contexto escolar, o professor ainda é figura importante no processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, muitas vezes, o docente se depara com "realidades" totalmente distintas, heterogêneas, desiguais entre escolas, nas salas de aula, entre os alunos, sobretudo na educação pública. O estudante é chamado, então, para ser o protagonista do processo de ensino e aprendizagem, mas esse protagonismo não se faz sozinho, é preciso a mediação do professor em sala de aula.

Na tentativa de atenuar a desigualdade de aprendizagem e adequar os diversos conhecimentos ao nível nacional, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca, no ensino de Geografia, o raciocínio geográfico, que é uma forma de desenvolver o pensamento espacial em sala de aula. Esse raciocínio segue os seguintes princípios: analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem. A BNCC também apresenta os principais conceitos geográficos que servem de base para a sua proposta teórico-conceitual.

> O raciocínio geográfico pode se constituir como instrumento teórico para o aluno na interpretação do mundo e de desenvolvimento de atitudes nas suas práticas espaciais cotidianas. Contudo, esse tipo de raciocínio depende de ações planejadas e estruturadas pelo professor, fundamentado nos conceitos estruturantes da Geografia enquanto ciência –espaço, território, paisagem [e região] –e seus princípios lógicos de localização, escala, delimitação, descrição e rede, que já foram mencionados. (Luz Neto; Leite, 2021, p. 12)

O Referencial Curricular da Reme também está pautado pelo desenvolvimento do raciocínio geográfico[3] e promove uma breve discussão teórico-metodológica das categorias de análise da ciência geográfica, tais como território, espaço, paisagem, lugar e região. Também há orientações e reflexões sobre avaliação e aprendizagem, bem como as habilidades e competências específicas da Geografia (chama-se a atenção para que se incorpore no ensino os temas contemporâneos previstos na BNCC).

Uma análise crítica-reflexiva da BNCC aponta uma "lacuna" sobre a questão regional. Silva e Silva (2020, p. 463) trazem essa crítica, pois, segundo os autores "ao se propor uma BNCC para todo o país (...) desconsidera toda uma heterogeneidade própria de um país continental como o Brasil (...) desconsidera as práticas que são diferentes entre os diversos locais do país". Talvez, em relação aos anos finais do Ensino Fundamental, o sétimo ano é que tem um "espaço" para encaixar a Geografia Regional, pois é nesse ano que se estuda a Geografia do Brasil e que se diz claramente que a ênfase é no conceito de região para ser desenvolvido em sala de aula na busca do entendimento sobre a formação territorial brasileira (BRASIL, 2017, p. 382).

Em Campo Grande-MS já havia o componente curricular antes da promulgação da BNCC, isso se deu para atender a uma demanda específica em relação ao Plano de Cargos e Carreiras dos Professores (Costa, 2021). Por sua vez, para que os temas sejam mediados de forma que contribua com a aprendizagem dos estudantes, necessitam de ampliação de atividades didáticas. Tais temas sugeridos pelos professores, na pesquisa prévia que realizamos, estão inseridos no item 4.3 deste relatório.

[3] Para uma análise crítica da concepção do raciocínio geográfico na BNCC, consultar Rocha; Aguiar, 2022.

Ao longo desta breve revisão bibliográfica, apresentaremos algumas concepções, ideias, teorias, contribuições a respeito do significado de região, da questão e da análise regional, voltados especificamente ao ensino de geografia. Haesbaert (2010) apresenta uma dessas concepções e diz que, para uma análise regional que se pretenda consistente, deve-se considerar:

> [...] tanto o campo da produção material quanto o das representações e símbolos, ideias, tanto a dimensão da funcionalidade (político-econômica, desdobrada por sua vez sobre uma base material- "natural") quanto do vivido (simbólico-cultural, mais subjetivo) – em outras palavras, tanto a coesão ou lógica funcional quanto a coesão simbólica, em suas múltiplas formas de construção e des-articulação – onde, é claro, dependendo do contexto, uma delas pode acabar se impondo sobre – e refazendo – a outra. (HAESBAERT, 2010, p. 17)

Já para Pierre George (1980), na definição de uma região, o autor considera analisar: a) a relatividade histórica da região; b) os laços existentes entre seus habitantes; c) a organização regional em torno de um centro; e d) a região só existe como parte integrante de um conjunto. Em relação à análise regional e à Geografia escolar, Silva Jr.; Silva (2018) defendem que seja feita em sala de aula uma compreensão a partir das diferenças do espaço, "se posicionar no mundo" é entender as variáveis em um dado recorte espacial aceito como regional:

> Dado esse cenário, propomos que o 'se posicionar no mundo' (SANTOS, 2007) exige um entendimento no qual as variáveis que irão estruturar o nosso discurso regional sejam pensadas na forma de um 'quadro geográfico' (regional, nesse caso); em outras palavras, "um quadro de análise no qual o jogo de posições é um elemento central" (GOMES, 2017, p. 124) em um recorte aceito como regional. A ambição de 'apresentação do mundo' se articula com a proposta pedagógica de 'se posicionar no mundo', na medida em que o jogo de posições na análise do quadro geográfico (regional) se constrói. (Silva Jr.; Silva, 2018, p. 62).

Diante dessa proposta metodológica, os autores defendem um raciocínio regional que visa estimular nos alunos "comparações, proporcionalidades, semelhanças, razões locacionais, processos mentais etc." (Silva Jr.; Silva, 2018, p. 62) que vai além do mero "inventário de coisas" sobre uma área ou região. Entretanto, e aqui será objeto também de discussão, os autores trouxeram um exemplo do continente asiático como uma análise regional a ser explorada em sala de aula. Souza (2016) indaga: um continente pode ser considerado uma região?

> Na escola, o conceito de região é muito frequente e é utilizado na proposição de recortes espaciais com os quais os demais conteúdos da geografia são estudados. Por exemplo: a organização dos livros ou capítulos em estudos das regiões brasileiras (regiões administrativas e/ou geoeconômicas); dos continentes ou suas partes (América, Europa, Sudeste Asiático, Oriente Médio...) ou áreas específicas das regiões supranacionais (Mercosul, União Europeia etc.). Tanto nos anos iniciais como nos finais do ensino fundamental, são poucas as obras que propõem a problematização

> dos critérios de definição de uma região, ou seja, que tratam dos critérios de regionalização, sua arbitrariedade, propósito, transitoriedade. (Campos; Buitoni, 2010, p. 95-96)

É importante problematizar esses critérios de definição sobre o que é uma região em sala de aula, ainda que utilizando um vocabulário mais adequado para estudantes do sétimo ano do ensino fundamental. Analisar em sala de aula os critérios que definem uma região, bem como enfatizar também que uma região pode ser "contínua ou descontínua"[4] (Haesbaert, 2010), como exemplo a espacialidade observada em determinados povos indígenas de Mato Grosso do Sul. Devemos nos questionar se o intuito da regionalização é identificar áreas homogêneas segundo qualquer critério (Campos; Buitoni, 2010, p. 100).

Ainda persiste no Brasil uma realidade bastante problemática em relação ao material didático, uma vez que em diversas escolas "o giz, a lousa, o material impresso (apostila ou livro didático) imperam como únicos recursos didáticos" (Guimarães, 2018, p. 1043). Isso é um complicador a mais quando vamos analisar as diversas reflexões teórico-metodológicas sobre como trabalhar a região em sala de aula, uma vez que uma parte dos professores brasileiros não dispõe do básico em sala de aula.

Portanto, nosso esforço é buscar aquilo que consideramos como um dos objetivos da Geografia, que é "ensinar ao aluno um modo de pensar pela Geografia, ensinar a pensar por meio dos conteúdos que são veiculados nas aulas dessa disciplina" (Cavalcanti, 2019, p. 139-140). Concordamos com a autora quando nos oferece um percurso didático para a mediação: problematizar, sistematizar, sintetizar.

Nesse contexto, em um breve levantamento do *blog* "Geografia Morena", todas as atividades disponíveis contemplam as habilidades previstas na BNCC. Além disso, há planos de aula (sujeito a adaptações, pois foram elaboradas antes da promulgação do Referencial Curricular da Reme) e atividades para serem aplicadas diretamente em sala de aula. São exercícios, estudos de caso, sugestões de trabalho em equipe que contemplam a aprendizagem de Geografia por meio de metodologias diversas.

O *blog* possui também um acervo de aulas gravadas durante a Pandemia de Covid-19, no caso específico da Geografia Regional, contempla os seguintes temas: Aspectos demográficos atuais de Mato Grosso do Sul; O processo histórico de formação populacional e territorial de Mato Grosso do Sul; Comunidades quilombolas e população indígena de Mato

[4] Rogério Haesbaert reflete sobre essa "nova" questão de regionalização: "Uma questão que se coloca, de saída, é como regionalizar um mundo de tão intensa (e muitas vezes instantânea) mobilidade e crescente descontinuidade espacial." (HAESBAERT, 2005, p. 8)

Grosso do Sul; Setores primário, secundário e terciário de Mato Grosso do Sul; Aspectos Físicos e Impactos Ambientais; e Aspectos Gerais de Campo Grande (localização geográfica, aspectos físicos, formação populacional e territorial, características demográficas, econômicas e socioambientais).

2.1 Categoria de região: breve trajetória teórico-metodológica, a questão regional do Mato Grosso do Sul e o ensino de Geografia

Iniciaremos esse breve texto sobre as várias concepções de região com uma indagação: o que é região? Existe mesmo uma região geográfica? Um continente pode ser considerado uma região? As regiões são realmente homogêneas? Apresentam características próprias? Alguns autores questionam essas diversas definições que remetem à região. O intuito dessa reflexão é trazer a contribuição de vários autores, dialogando com diversas correntes teóricas e metodológicas, uma vez que o debate não se encerra. Inicialmente, o Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa nos informa que região é:

> **Região**: [Do lat. Regione] *S.f.* 1. Grande extensão de terreno. 2. Território que se distingue dos demais por possuir características [clima, produção, etc.] próprias. 3. *Anat*. Cada uma das partes em que, mediante limites não raro arbitrários, se considera dividido o corpo humano para facilitar o seu estudo. 4. *Anal*. *Mat*. Domínio. 5. *Mús*. Cada uma das cinco partes (subgrave, grave, média, aguda e superaguda) em que se divide a escala geral dos sons musicais audíveis; registro. 6. *Bras*. Grande Região. **Região cislunar**. Espaço cislunar. **Região circundante**. *Bioquím*. Porção terminal de carboxila das cadeias pesada e leve, e que é idêntica em moléculas de imunoglobina de uma mesma classe. **Região D**. *Geofís*. A região mais baixa da ionosfera, que vai aproximadamente de 40 a 80km de altitude. **Região de base**. *Eletrôn*. Base (12). **Região de coletor**. *Eletrôn*. Coletor (8). **Região de emissor**. *Eletrôn*. Emissor (3). **Região de Heaviside**. *Geofís. V. camada de Heaviside*. **Região de informação de voo**. Região de navegação. **Região de navegação**. Zona de espaço aéreo na qual as aeronaves recebem informações dos serviços terrestres, embora não estejam sujeitas a controle permanente; região de informação de voo. **Região E**. *Geofís. V. camada de Heaviside*. **Região Epigástrica**. *Anat*. Epigástrio. **Região F**. *Geofís*. Região da ionosfera que vai aproximadamente de 140 a 350km de altitude, e que durante o dia se divide em duas: as *regiões F1 e F2*. **Região F1**. *Geofís. V. região F*. **Região F2**. *Geofís. V. região F*. **Região fisiográfica**. *Geogr*. Região que se distingue de outras segundo critérios geográficos (físicos, humanos e econômicos), formando um conjunto coerente e original. **Região H II**. *Astr*. Região do espaço interstelar na qual o hidrogênio se encontra totalmente ionizado. [Estas regiões ocorrem nas proximidades de estrelas de alta luminosidade e alta temperatura superficial]. **Região hipográstrica**. *Anat*. Hipogástrio. **Região litorânea**. *Ocean*. Região do fundo do mar, entre os limites da preamar e os da baixa-mar. **Região metropolitana**. *Urb. Bras*. Região densamente urbanizada, constituída por municípios que, independentemente de sua vinculação administrativa, fazem parte duma mesma comunidade socioeconômica, e cuja interdependência gera a necessidade de coordenação e realização de serviços de interesse comum. [No Brasil, compete aos Estados instituir por lei as regiões metropolitanas]. **Região militar**. *Bras*. Cada uma das áreas em que se divide o Brasil, para fins de preparo e execução do serviço militar, da mobilização, do apoio logístico e do equipamento do território, além dos encargos de instrução dos

> corpos de tropa e repartições militares que são subordinadas ao seu comandante. **Região natural**. *Geofís*. Região que se distingue de outra unicamente segundo critérios geofísicos, tais como clima, relevo, etc. **Região pelágica**. *Ocean*. Área do relevo submarino com a profundidade de até 2.000m. **Grande região**. *Geog. Bras*. Cada uma das cinco regiões em que, segundo critérios geográficos e políticos, se divide o Brasil, que, por sua vez, se subdividem em microrregiões homogêneas. Por conveniência estatística e administrativa, estabeleceu-se uma divisão que segue os limites das unidades político-administrativas da Federação: a *Região Norte* compreende RO, AC, AM, RR, PA, AP, TO; a *Região Nordeste*, MA, PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA; a *Região Centro-Oeste*, DF, GO, MT, MS; a *Região Sudeste*, ES, RJ, SP, MG; e a *Região Sul*, PR, SC, RS. [A divisão anterior, que respeitava critérios geográficos mais estritos, era a seguinte: *Norte*, abrangendo totalmente RO, AC, AM, RR, PA e AP; e parcialmente MA, GO e MT; *Nordeste*, dividido em *Nordeste Ocidental* ou *Meio-Norte* (parte do MA, PI e CE) e *Nordeste Oriental* (parte do PI, CE e BA, e totalmente RN, PB, PE, AL e SE); *Leste*, que abrangia totalmente ES, RJ, e parcialmente BA, MG e SP; o Sul, que compreendia parte de SP e totalmente PR, SC e RS; e Centro-Oeste, que incluía parcialmente MA, BA, MG, GO, MT, e totalmente o DF] [Tb. se diz apenas Região.] (Ferreira, 2009, p. 1723).

Em primeiro lugar, não surpreende o fato de o verbete "região" apresentar diversas definições, uma vez que o termo é vinculado a várias ciências (físicas, humanas, biológicas, exatas). Em segundo lugar, as definições que nos interessam dizem respeito àquelas relacionadas à Geografia. Em terceiro, lembra-nos Lencioni que, diante de várias definições a respeito de região, o conceito também faz parte do senso comum e de um imaginário popular que foi construído historicamente (Lencioni, 2009, p. 16-17). Ao longo deste texto problematizaremos algumas dessas definições.

Concordamos com George (1980, p. 298) quando ele argumenta que "a região é uma criação humana e que o homem desempenha um papel determinante na sua evolução". Essa evolução pode ser desigual, como veremos mais à frente. Marcelo Lopes de Souza (2016, p. 141) menciona que a região não pode ser analisada em si mesma, sendo necessário considerar diversas escalas para sua análise. Em um diálogo com Yves Lacoste, Souza argumenta que:

> Ademais, ele denunciou a falácia que consiste em agir como se o conteúdo de uma região mais ou menos se explicasse em si mesmo, quando, na verdade, processos atinentes a diferentes escalas contribuem para definir estruturas e dinâmicas na escala regional. Nenhuma região poderia ser explicada isoladamente (Souza, 2016, p. 141).

O quadro a seguir apresenta um breve resumo sobre as concepções de região ao longo da história do pensamento geográfico. As características apresentadas foram elaboradas a partir de uma Formação Continuada oferecida pela Equipe de Geografia da Semed no ano de 2025.

Quadro 1. Sobre o conceito de região.

Região Natural / Região Geográfica		
Origem	***Autores-chave***	***Características***
Geografia clássica do início do século XX	Friedrich Ratzel, Vidal de La Blache, Alfred Hettner, Max Sorre	A região é vista como natural, derivada da configuração física, clima, vegetação, etc. A relação homem-meio (gênero de vida) molda a região como uma entidade concreta e relativamente estável. Ênfase na homogeneidade de características naturais e culturais.
Região como classe de área / Região como rede urbana (Geografia Quantitativa)		
Origem	**Autores-chave**	**Características**
Após a II Guerra Mundial até os anos 1970	Walter Christaller e Michel Rochefort	A região é estruturada pela hierarquia das cidades e suas funções. A rede urbana define a coesão regional, com metrópoles, centros intermediários e locais. Construção estatística, definida por semelhanças internas e diferenças externas entre lugares. A região deixa de ser uma entidade concreta e torna-se um modelo analítico funcional.
Região como construção político-econômica (marxismo e crítica contemporânea)		
Origem	**Autores-chave**	**Características**
Após os anos de 1970	Yves Lacoste, Milton Santos, Doreen Massey	A região não é um dado natural, mas uma construção histórica, social e ideológica. Deve ser analisada em relação à totalidade social e às relações de produção capitalistas. Milton Santos propõe que a região seja compreendida como: Resultado de "horizontalidades" (processos internos e históricos) e de "verticalidades" (vetores externos de controle, como empresas e fluxos globais.

Referência: Adaptado de Blog Geografia Morena. Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/2024/09/geografia-regional-producao-coletiva-de.html

Importante destacar que, no período clássico da geografia, há o imperialismo como o contexto político, social e econômico predominante na época. No período da geografia quantitativa, há o contexto global da Guerra Fria. Já no período contemporâneo, emerge o contexto global de neoliberalismo, que vai impactar diretamente nas cidades (especialmente em grandes cidades latino-americanas). Como exemplos de horizontalidades e verticalidades pode-se exemplificar: produção agrícola familiar, artesanato e feiras livres (horizontalidades) e agronegócio e Rota Bioceânica (Verticalidades).

Uma concepção teórica a respeito da região é aquela que enfatiza o "espaço vivido" (Fremont, 1980; Serpa, 2021). Essa corrente metodológica enfatiza a identidade regional, a sua vivência (pensando no estado do Mato Grosso do Sul, quais grupos da sociedade concebem a

região dessa forma? Como mostrar essa e outras concepções de região para os estudantes?). Por exemplo, populações rurais têm um forte apego à questão da vivência e do cotidiano do campo, mas também estão inseridas em lógicas capitalistas que as envolvem além de suas escolhas, como no processo de êxodo rural.

O fator político é fundamental na compreensão de uma análise regional. Podemos dizer que "o destino da região depende da vontade política" (George, 1980, p. 301). Logo, a região também é, por exemplo, palco de disputas e manipulações políticas que concorrem pelo controle da região para disputar investimentos. Nesse sentido, há disputas por parte das elites regionais pelo controle das receitas do Estado (Markusen, 1981).

Daí vêm os regionalismos, que são muito mais que uma ideologia da classe dominante: "ele se apoia em práticas regionalistas, na produção de uma sensibilidade regionalista, numa cultura, que são levadas a efeito e incorporadas por várias camadas da população e surge como elemento dos discursos destes vários segmentos". (Haesbaert, 2010, p. 11). Já na análise marxista, regionalismo é "uma reivindicação política de um grupo de pessoas identificado territorialmente contra um ou muitos mecanismos do Estado" (Markusen, 1981, p. 83).

Regionalismo "tem por base um recorte regional e configura uma forma de ideologia política que se fundamenta na identidade regional" (Castro, 2021, p. 53). O regionalismo supõe uma luta por autonomias regionais ou mesmo por emancipação, podendo transformar as regiões em Estados ou outras unidades administrativas (Castro, 2021).

Região também refere-se ao ato de regionalizar. Em sala de aula, ensinamos nossos alunos que, para dividir um espaço em determinadas regiões, podemos utilizar diversos critérios. Citamos exemplos que vão dos mais simples (uma divisão regional em sala de aula, por exemplo, entre meninos e meninas) aos mais complexos (a regionalização do espaço mundial – conhecimento específico do oitavo ano do ensino fundamental). Regionalizar é assumir a natureza do regional (Haesbaert, 2010), é um método de investigação. Haesbaert nos instiga a pensar por que – e para quem – regionalizamos:

> Para responde-la, é importante começar por distinguir suas dimensões: analítica, voltada para dilemas dos pesquisadores (em especial os geógrafos); prático-vivida, relacionada a questões do espaço vivido de seus habitantes (como no caso dos debates sobre identidade regional); e normativa, especialmente no vínculo com projetos de descentralização política, regionalismos autonomistas e com o chamado planejamento regional. (Haesbaert, 2021, p. 28)

No quadro a seguir (quadro 2), apresentamos outras contribuições de Haesbaert (2010) a respeito da categoria de região:

Quadro 2. Contribuições de Haesbaert.

- Globalização → Diversidade territorial;
- **Região = instrumento de interpretação;**
- **Regionalização = método de investigação;**
- **A região é processo e representação – resultado da interação entre materialidade e simbolismo;**
- **É preciso refletir sobre formas mais complexas de regionalização, incluindo:**

✓ **Regiões descontínuas – Ex. Povos indígenas**

✓ **Redes regionais – Ex. Conexão comercial (Ex. Ribas do Rio Pardo – modificação do espaço regional a partir da chegada de um grande empreendimento)**

✓ **Espaços fragmentados e multiterritoriais – Ex. Pantanal (não é um bioma homogêneo)**

Referência: Adaptado de Blog Geografia Morena. Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/2024/09/geografia-regional-producao-coletiva-de.html

O geógrafo também nos convida a pensar a região no sentido de descolonizá-la, ou seja, propor uma regionalização que vá além da ação de grupos hegemônicos dos países centrais. A regionalização do território brasileiro a partir da "Geografia da Fome" (de Josué de Castro) e uma regionalização que destaca os povos tradicionais brasileiros (muitas vezes considerados "vazios" em mapas oficiais) são exemplos dessa descolonização da região (Haesbaert, 2021). Entretanto, analisando currículos oficiais, livros didáticos e a própria BNCC, a Regionalização do espaço brasileiro[5] (mais especificamente, mediada no sétimo ano do ensino fundamental) e do espaço mundial (oitavo e nono ano do ensino fundamental) são temas que aparecem de forma predominante na Geografia escolar dos anos finais do Ensino Fundamental.

Retomando a problemática de Souza (2016), um continente é uma região? A partir desse questionamento, ensinamos nossos estudantes a dividirem o espaço geográfico brasileiro em regiões; mas também ensinamos a regionalizar o espaço mundial, utilizando critérios que vão desde geográficos, físicos, mas também econômicos, políticos, históricos, demográficos etc. Dito isso, podemos dividir a Terra em "grandes regiões" (por exemplo: a Regionalização geográfica da Terra em seis continentes – América, África, Antártida, Ásia, Europa e Oceania; a Regionalização do mundo durante a Guerra Fria – em Primeiro, Segundo e Terceiro Mundo; ou a Regionalização estabelecida pelo Indice de Desenvolvimento Humano [IDH] – em regiões ou grupo de países com alto, médio ou baixo desenvolvimento humano).

Por sua vez, não podemos, enquanto docentes e mediadores do conhecimento científico historicamente produzido, furtar do debate que inclui destacar contradições, limites e

[5] Rita de Cássia Ariza da Cruz, no artigo "Regionalizações do espaço brasileiro – mantendo vivo o debate regional", publicado no livro *Por uma nova geografia regional* (2021), analisa e apresenta uma proposta de periodização das regionalizações do Brasil a partir de 1822.

desafios a respeito da regionalização e do ato de dividir o espaço geográfico em regiões. Por exemplo, é importante mencionar que o conhecimento geográfico (via institutos de planejamento e livros didáticos) contribuiu, durante a década de 1970, com um imaginário popular de que, na Região Centro-Oeste, havia "grandes espaços vazios" a serem ocupados (Lima; Abreu, 2005, p. 179). O Estado brasileiro, naquele momento, negou a existência de inúmeros povos originários que ocupavam a região. Por isso, o discurso oficial da "homogeneização" regional é muito perigoso, uma vez que:

> o discurso geográfico e pedagógico sobre a região Centro-Oeste tem sido construído desde o tempo colonial, sendo associado a um "vazio", "deserto" e, portanto, "livre" do ponto de vista da reprodução do capital. A consolidação dessas ideias na sociedade brasileira, contou com um instrumento de alcance social fundamental, que é o livro didático, na medida em que disseminava um discurso geográfico em que a fronteira com os países de Oeste ou fronteira agrícola e a região apareciam sempre como áreas naturais, onde a vegetação era natural e o território desocupado. (Lima; Abreu, 2005, p. 193).

Nesse sentido, o papel do Estado é fundamental no desenvolvimento de uma região. O Estado é o aparelho político que governa a sociedade, mas sua estrutura e sua dinâmica diferem grandemente de um país para outro (Markusen, 1981).

O autor supracitado faz uma discussão pertinente a respeito da questão de classe e de gênero como uma causa regional. Daí uma causa regional, defendida ou não por um grupo minoritário, pode ser opressora na medida em que "um grupo regional quer preservar seus privilégios ou de aumentar a exploração de outro grupo" (Markusen, 1981, p. 84-85), podendo até resultar em conflitos regionais. Nesse sentido, o Estado pode favorecer determinadas classes sociais em detrimento de outras, mas são "classes que exploram classes e não áreas que exploram áreas" (Markusen, 1981, p. 93).

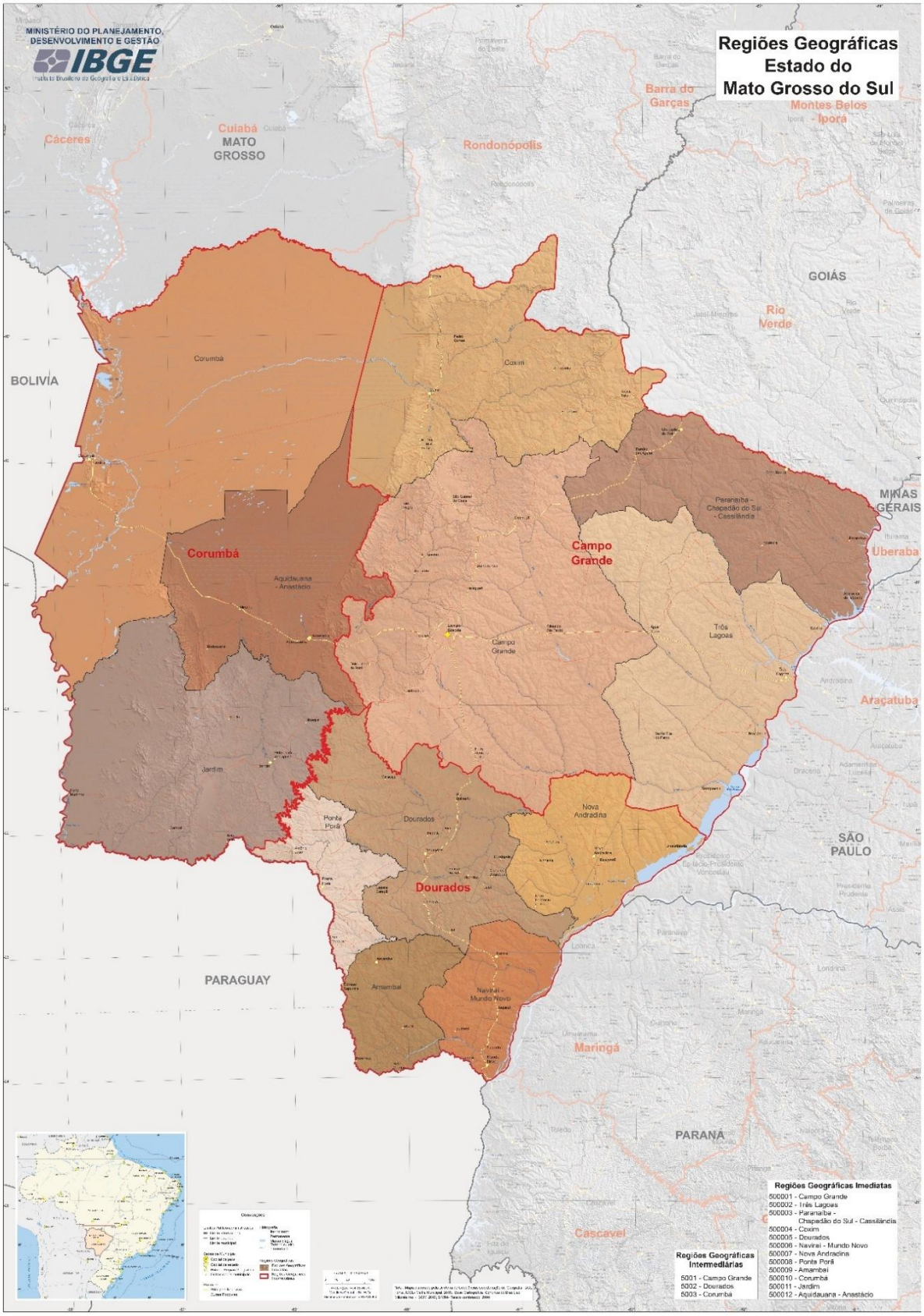
Falar da Geografia regional de Mato Grosso do Sul é analisar também a questão da fronteira. Lembremos de George (1980, p. 282) quando argumenta que "limites regionais são múltiplos, dinâmicos". Dessa forma, para compreender a região de fronteira é necessária uma análise geográfica integrada, considerando aspectos sociais, políticos, econômicos, culturais, fisiográficos, etc. Num mundo "globalizado e regionalizado", as fronteiras podem se tornar totalmente porosas aos mais diversos fluxos, exigindo uma nova configuração das regiões (Nogueira, 2021, p. 152). Esse autor também qualifica a questão da fronteira e da região e nos ajuda a pensar que a região, atualmente, é mais definida a partir de um centro do que a partir das bordas (em suas origens):

> Para a fronteira, recorreu-se a tipologias: natural, quando rios ou cadeias de montanhas são tomadas como marcos divisórios; humana, quando acordos, tratados e/ou negociações são a base das demarcações; política, quando se valoriza a relação entre os Estados nacionais fronteiriços; ou econômica, quando se considera os avanços da dinâmica produtiva de uma porção territorial sobre outra; ainda, cultural, quando a língua ou a religião definem os limites; ou geométrica, quando linhas astronômicas são utilizadas para traçar os limites. Estas são as considerações mais gerais, uma vez que é a particularidade que, de modo mais incisivo, qualifica a fronteira.[...] Poderíamos estender esse pensamento também para a região, quando atributos históricos, naturais, culturais são mobilizados para identifica-la como distinta de uma outra: região da Champagne, região serrana, o agreste, a região de colonização alemã.[...] Se na origem dos estudos regionais os limites das regiões eram estabelecidos basicamente a partir das bordas, das características naturais, ou mesmo históricas, sem ter como referência uma centralidade, a expansão urbano-industrial altera o referencial consolidado e a região passa a ser limitada a partir do centro, pelo alcance espacial da polarização exercida pelas cidades. (Nogueira, 2021, p. 148-149).

No caso da fronteira Brasil/Paraguai, é importante destacar que o turismo é um indutor no desenvolvimento econômico regional, ainda que existem diferenças no investimento público e privado dos dois países. Ainda é característico dessa região, o fato dela ser carente de políticas públicas (Clemente de Souza; Gemelli, 2011), uma vez que lá se encontram os municípios com os menores índices de IDH do estado do Mato Grosso do Sul. A figura 1 mostra os municípios de Mato Grosso do Sul e a divisão em regiões geográficas intermediárias e regiões geográficas imediatas.

Outra caracterização da fronteira Mato Grosso do Sul/Paraguai é a mobilidade populacional constante tendo como impulso a atividade comercial. Cidades paraguaias como Salto del Guairá e Pedro Juan Caballero são conhecidas por oferecer opções de compra mais “baratas” para a população brasileira, sobretudo no que diz respeito à itens importados com elevada carga tributária no Brasil, como bebidas, perfumes, eletrônicos etc. O turismo de compras é bastante evidente nessas duas cidades.

Figura 1 – Regiões Geográficas de Mato Grosso do Sul.



Fonte: IBGE – Divisões Regionais do Brasil. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/divisao_regional/divisao_regional_do_brasil/divisao_regional_do_brasil_em_regioes_geograficas_2017/mapas/50_regioes_geograficas_mato_grosso_do_sul.pdf Acesso em 11 abr. 2026.

Além da questão do turismo e do comércio que envolve o contexto regional de Mato Grosso do Sul, no sul do estado é evidente que há uma grave situação de conflitos no campo, onde os indígenas Guarani e Kaiowá são os povos que sofrem ataques tanto do poder estatal quanto de agentes do agronegócio, por meio de fazendeiros. Mondardo (2020) esclarece que:

> Na fronteira do Brasil com o Paraguai, em áreas periféricas como a dos Guarani e Kaiowá, o ataque genocida, etnocida e ecocida, infelizmente, é recorrente. No Mato Grosso do Sul não faltam denúncias, imagens e números a confirmar a escalada da violência do Estado, de fazendeiros e milícias, articulados ou não, contra os povos indígenas, assim como a intoxicação por agrotóxicos na forma de ataques químicos, pulverização aérea de pesticidas e envenenamento de rios, córregos e lagos das aldeias e retomadas de *tekoha*. (Mondardo, 2020, p. 150)

Os povos indígenas sofrem ataques há séculos. Muitas vezes, no ensino de Geografia, há um silenciamento que pode ser facilmente verificado em livros didáticos. O discurso racionalista, pautado em um desenvolvimentismo primário-exportador, é predominante e "incompatível com a economia de reciprocidade própria dos Kaiowá" (Silva; Nunes, 2020, p. 123). A forma como o livro didático explica a expansão agrícola para o Cerrado ignora a presença desses povos indígenas, bem como outros movimentos sociais que possuem outra relação com a terra. É negado, portanto, ao aluno a compreensão da importância da luta (indígena) pela retomada de territórios (Silva; Nunes, 2020, p. 125).

Entretanto, há um esforço de mudar essas narrativas e inserir, pouco a pouco, a questão das lutas indígenas em relação à demarcação de terras. Ainda que esse assunto não esteja contemplado no livro didático, o professor pode problematizar a questão indígena em sala de aula, destacando suas lutas, seus modos de vida, sua relação com a terra e o território. Por exemplo, o livro 'Moderna em Formação', livro didático que compõe o PNLD voltado para formação dos professores de Geografia traz, no campo das linguagens visuais, a cartografia dos povos indígenas e o conceito de etnocartografia, que varia de cultura para cultura, em que cada comunidade elabora o seu próprio conhecimento (Guimarães; Araújo, 2021).

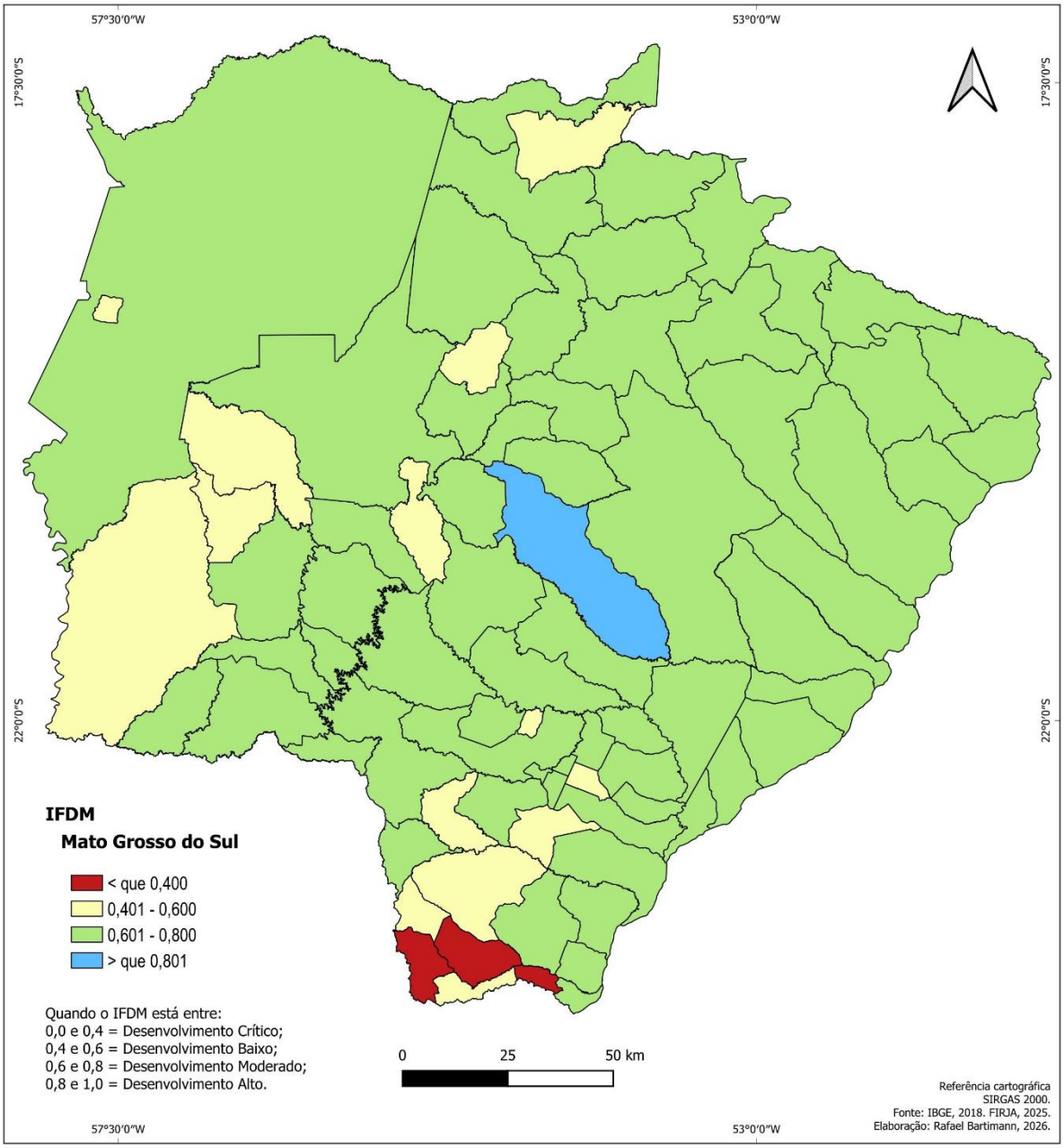
O Estado, dentro do modo de produção dominante, é o agente de regionalização do espaço (Clemente de Souza; Gemelli, 2011, p 109, apud Corrêa, 1998), juntamente com a iniciativa privada (o capital) e a sociedade civil organizada. Portanto, o poder estatal não age sozinho em nenhuma região, principalmente em regiões de fronteira. A atuação do Estado, segundo Clemente de Souza; Gemelli (2011):

> é diferencial em ambos os lados da fronteira. No Paraguai, o sistema político-administrativo possui autonomia centralizada, enquanto que, no Brasil, essa autonomia é descentralizada em cada Estado da Federação. Desse modo, há, no Brasil, uma atuação maior do Estado pelo território que no Paraguai. Esse é um dos fatores

> que contribuem para a diferenciação ligada à infraestrutura turística existente na faixa de fronteira entre os dois países (Clemente de Souza; Gemelli, 2011, p. 109).

Uma outra forma de discutirmos a regionalização de MS, pode ser a partir do Índice Firjan (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro) de Desenvolvimento Humano (IFDM), criado em 2008, que abrange três dimensões do desenvolvimento em sua composição: emprego, renda, saúde e educação. O índice é calculado anualmente para todos os municípios brasileiros.

Figura 2 – IFDM – Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal de MS em 2016.



Nota-se que, a partir da Figura 2, vários municípios próximos a áreas de fronteira (localizados nas regiões do Pantanal, Bonito/Serra de Maracaju e Caminhos da Fronteira), tais como Ladário, Porto Murtinho, Antônio João, Aral Moreira, Coronel Sapucaia, Tacuru, Sete Quedas, Eldorado e Japorã apresentam os índices de desenvolvimento socioeconômico mais baixos do estado, necessitando de o Estado promover políticas de desenvolvimento socioeconômico. Outro fator que aumenta a complexidade dessa porção próxima à fronteira, diz respeito ao interesse e às estratégias do crime organizado voltado sobretudo ao tráfico de drogas e armas (Idesf, 2022). Hoeckel; Costa (2021) analisa essas diferenças regionais com base no nível de desenvolvimento socioeconômico:

> O nível de desenvolvimento socioeconômico de um município, região e estado, demonstra a capacidade que os mesmos possuem de distribuir o crescimento da renda de forma a melhorar a qualidade de vida da sua população. A existência de diferenças regionais pode impactar em gerar regiões mais desenvolvidas, com municípios mais ricos, enquanto municípios mais pobres podem padecer por mais tempo (desenvolvimento mais demorado), assim a localização de um município pode ser muito importante dada a possibilidade de acesso a saúde, empregos com melhor remuneração e educação de seus municípios vizinhos (Hoeckel; Costa, 2021, p. 39).

A análise regional implica em reconhecer as relações entre os espaços regionais e a cidade – conceito de "cidade-região" de Arrais (2008). "O espaço polarizado que se organiza em torno de uma cidade é uma região" (Arrais, 2008, p. 82 *apud* Kayser, 1980). Por exemplo, a relação entre área territorial, a população e o número de municípios é um ponto de partida. A região Centro-Oeste apresenta uma média da área dos municípios de 3.601 km². Mato Grosso do Sul apresenta uma média maior: 4.520 km² de área territorial (Corumbá é o maior município do estado, e um dos maiores do Brasil, com mais de 64.000 km²; Douradina, com 280 km² é o menor do estado; Campo Grande tem mais de 8.000 km² de área territorial).

Campo Grande, que apresenta a maior população do Mato Grosso do Sul, com mais de 900.000 habitantes (IBGE, 2022), é uma cidade média que desempenha importante papel na rede regional. Atualmente, como se caracteriza esta cidade? Para Bastazini (2023), a cidade se apresenta de modo fragmentado: enorme quantidade de vazios urbanos e uma baixa densidade demográfica, resultando em uma cidade espraiada e dependente do transporte individual motorizado.

Zanotelli (2021, p. 199) lembra que vivemos em uma "cidade neoliberal", sendo o neoliberalismo um discurso dominante em nossa época; "ele tem seus efeitos bem concretos na cidade, podendo torná-la predominantemente neoliberal". Essa condição política do nosso tempo tem várias implicações na vida cotidiana: o abandono das políticas sociais, a busca incessante de segurança (e uma "cultura do perigo", do instável, do medo bastante enraizada

em nossa sociedade) e uma fobia/criminalização do Estado, com ampliação de condomínios horizontais fechados, descrença no transporte público, dentre outros aspectos.

Para finalizar esse breve percurso teórico-metodológico do conceito de região, a hierarquia regional atual "se justifica pela inserção global, tendo como atributos a criatividade, o conhecimento e a inovação" (Arrais, 2008, p. 88), o que diminui a importância das regiões industriais, por exemplo. É preciso, também, qualificar os atores, explicitando seus interesses, desvendando o significado de sua ação, que é um dos caminhos a se chegar em uma boa análise regional. Fazendo um contraponto com Arrais, George (1980, p.317), afirma que "quanto mais indústrias, maior o potencial das rendas e o grau de desenvolvimento das regiões".

2.2 Justificativa

Convivemos com vários desafios impostos em sala de aula, dentre os quais destacamos: alunos desmotivados, infraestrutura precária, recursos insuficientes, "educação permissiva"[6]. Ainda que a questão do material didático voltado para os professores de Geografia não seja uma "lacuna", muitos docentes utilizam "apenas" o livro didático em sala de aula[7]. Entendemos que a falta de infraestrutura (tais como a diversificação de mapas, material didático atualizado como revistas, jornais, Atlas etc, recursos tecnológicos como notebooks, datashow, caixa de som, lousas digitais dentre outros) é crucial para se colocar em prática boa parte do material didático disponível.

Apesar disso, a produção e a diversificação de material didático nas aulas de Geografia são de fundamental importância. Não estamos fazendo oposição ao uso do livro didático, pelo contrário, é preciso usá-lo em sala de aula, pois muitas vezes o aluno só terá acesso a este livro durante toda a vida escolar, que é exatamente aquele utilizado na escola. Também é um recurso público e faz parte das políticas públicas da Educação brasileira[8]. O que estamos propondo são outras opções didático-pedagógicas para o professor trabalhar especificamente a Geografia Regional de Mato Grosso do Sul.

---

[6] Estudos indicam que a permissividade dos pais em relação às crianças e jovens tem um efeito desastroso na educação. Fonte: https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/07/10/o-que-e-a-educacao-permissiva-praticada-por-pais-em-casa-e-por-que-ela-esta-enlouquecendo-professores.ghtml. Acesso em 15 jul. 2024.

[7] Importante frisar que o componente curricular Geografia Regional na Reme não possui livro didático.

[8] Segundo dados do Orçamento de 2023, "o governo federal investirá cerca de 2,35 bilhões de reais na produção, aquisição e distribuição de livros e material didático na educação básica". Fonte: https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/11/27/verba-livro-didatico-2023.htm. Acesso em 12 nov. 2023.

Nesse contexto, o presente trabalho de conclusão na modalidade material didático visa criar uma Cartilha que contemple estratégias pedagógicas voltadas ao ensino de Geografia de Mato Grosso do Sul, com aplicação no componente curricular Geografia Regional do sétimo ano do Ensino Fundamental.

Diante de tais desafios, a inserção de diversas metodologias faz-se necessária na busca por mais interesse e menos frustração por parte dos docentes e alunos. Com isso, a intenção é a busca da autonomia, que é um dos caminhos para outras formas de mediação pedagógica (FREIRE, 2017).

2.3 Antecedentes: análise do blog Geografia Morena, as Orientações curriculares e a preocupação regional

Outra justificativa para este trabalho, que é ao mesmo tempo um dos objetivos desta pesquisa, é analisar, de um lado, o Blog Geografia Morena, que possui um acervo considerável de materiais didáticos voltados para o sétimo ano do ensino fundamental, e de outro, o Referencial Curricular da Reme, no componente curricular Geografia Regional. O que há no blog sobre Geografia Regional? Existe uma sequência de aulas em slides sobre os seguintes temas:

Quadro 3 – Temas (aulas em formato slides) relacionados à Geografia Regional disponíveis no Blog Geografia Morena.

Sugestão de aulas	Primeiro bimestre	Segundo bimestre	Terceiro bimestre	Quarto bimestre
População indígena e comunidade quilombola	Não disponível	Os primeiros moradores de Mato Grosso do Sul	Geologia do Mato Grosso do Sul	A economia do Mato Grosso do Sul – setor primário
Fluxos econômicos e populacionais		A população indígena de Mato Grosso do Sul	O relevo do Mato Grosso do Sul	A economia do Mato Grosso do Sul – setor secundário
Indicadores socioeconômicos		A atual população de Mato Grosso do Sul	A hidrografia do Mato Grosso do Sul	A economia do Mato Grosso do Sul – setor terciário
		Indicadores sociais em Mato Grosso do Sul	O clima do Mato Grosso do Sul	A economia do Mato Grosso do Sul – impactos socioambientais
			Vegetações e biomas em Mato Grosso do Sul	

Fonte: Blog Geografia Morena. Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/. Org. própria.

O Quadro 3 mostra as aulas disponíveis no blog em Geografia Regional. É preciso enfatizar o seguinte: tais aulas foram elaboradas a partir das orientações curriculares 2015-2019, logo, não estão em conformidade com o atual Referencial Curricular da Reme. Nota-se, então, uma preocupação em dialogar com os professores em sala de aula sobre os aspectos populacionais, físicos e econômicos do Mato Grosso do Sul. O professor pode tomar essas atividades como ponto de partida em sala de aula.

Além da sequência de aulas, há quatro blocos de atividades que contemplam os anos finais do Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano. O quadro 4 apresenta essas atividades, bem como uma breve descrição sucinta dos temas sugeridos em Geografia Regional.

Quadro 4 – Blocos de Atividades em Geografia Regional – Blog Geografia Morena.

Blocos de Atividades	Descrição sucinta das atividades
1º Bloco (contempla habilidades e conhecimentos específicos do Primeiro bimestre)	Diversas escalas geográficas (desde a rua até o continente); regiões urbanas de Campo Grande; localização geográfica de Mato Grosso do Sul; impacto ambiental do MS; Biomas do MS; Bacias hidrográficas do MS; Climas do MS; Rendimento médio dos domicílios em Campo Grande; Formação da população do MS.
2º Bloco (contempla habilidades e conhecimentos específicos do Segundo bimestre)	Cultura do MS (tereré); População e emancipação do MS; conceito de aculturação; povos indígenas do Brasil e de Mato Grosso do Sul; respeito e diversidade cultural; pluralidade cultural e heranças africanas no MS.
3º Bloco (contempla habilidades e conhecimentos específicos do Terceiro bimestre)	Localização geográfica do MS; Diferença entre altura e altitude; Geologia, Relevo, Hidrografia e bacias hidrográficas, Biomas, Clima e Previsão do tempo do MS; Bacias hidrográficas do Brasil; Aquífero Guarani e Alter do Chão; Formação do Solo; Cerrado e Pantanal.
4º Bloco (contempla habilidades e conhecimentos específicos do Quarto bimestre)	Recursos naturais; Atividades econômicas: agricultura, agropecuária, indústrias, setor terciário (imagens que os estudantes precisam identificar a atividade econômica); desenvolvimento sustentável; PIB e renda *per capita* do MS; Renda *per capita* de Campo Grande; Indústrias de MS.

Fonte: Blog Geografia Morena. Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/. Org. própria.

Essas atividades já estão em conformidade com o Referencial Curricular da Reme (Campo Grande, 2020), bem como atendem as habilidades da BNCC, visto que o primeiro documento foi elaborado a partir do segundo, conforme previsto na legislação. Todos os blocos de atividades contemplam diversas linguagens geográficas: leitura e interpretação de textos, análise de mapas (políticos, físicos, temáticos), gráficos e tabelas, esquemas, interpretação de

imagens e ilustrações, infográficos. Os mapas[9] apresentados são bem elaborados, pois apresentam várias informações em diversas escalas (mapas de Campo Grande, do Mato Grosso do Sul, da América do Sul). Os textos são diretos, alguns mais complexos e outros obtidos de sites jornalísticos, ou seja, com uma variedade de complexidade, o que exige do estudante uma leitura atenta.

Também há no blog Geografia Morena uma sequência de aulas, gravadas durante a pandemia de Covid-19 para a TV Reme[10] e disponibilizados no YouTube. Além das videoaulas, há uma apresentação de slides (em formato ppx. ou pdf.) que os professores elaboraram na época. Em Geografia Regional, temos as seguintes temáticas:

- Aspectos demográficos atuais de MS.
- Centro-Oeste - aspectos gerais.
- O processo histórico de formação territorial e populacional de Mato Grosso do Sul.
- Comunidades quilombolas em MS.
- População indígena em MS.
- Campo Grande - Aspectos Gerais.
- Mato Grosso do Sul - Setor primário, secundário e terciário.
- Mato Grosso do Sul- aspectos físicos e impactos ambientais.

Essas aulas gravadas e o material em Power Point (ou em PDF) já foram elaboradas de acordo com o Referencial Curricular da Reme (Campo Grande, 2020), o que ampliou significativamente o acervo do blog, contribuindo para a melhoria das práticas de ensino em sala de aula. Para finalizar a análise do blog Geografia Morena, verificamos que existem: um projeto sobre Campo Grande[11], um vídeo sobre o Pantanal[12], o Cerrado[13], o Mercado Municipal

[9] "Uma definição usual indica que os mapas são representações no plano da superfície da Terra ou de partes dela. Mas, muito mais que isso, os mapas constituem uma linguagem" (Giasanti, 2009, p. 48).

[10] A convite da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande - MS (Semed), gravei a aula 'O processo histórico de formação territorial e populacional de Mato Grosso do Sul', que está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ehq6rhwktkY. O material que produzi sobre a aula está disponível em: https://docs.google.com/uc?export=download&id=1OtfZ50nX7tU9pK6T9uEmm7QKJLvs7v0M

[11] O nome do projeto é "Transformações no espaço urbano de Campo Grande entre as décadas de 1960 a 1980". No blog, há uma videoaula do professor Rafael Bastazini e um "conjunto de placas em PVC (1,20x0,90) que constituem uma exposição temática", podendo ser levado para as escolas. Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/2023/03/transformacoes-no-espaco-urbano-de.html. Acesso em 22 jul. 2024.

[12] Vídeo 'Ciclo das águas do Pantanal'. Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/2020/04/ciclo-das-aguas-do-pantanal.html. Acesso em 22 jul. 2024.

[13] Vídeo 'Cerrado: berço das águas no Brasil'. Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/2014/09/cerrado-berco-das-aguas-do-brasil.html. Acesso em 22 jul. 2024.

de Campo Grande[14] e mapas de Campo Grande[15] e de Mato Grosso do Sul[16]. Sem dúvidas, o *blog* Geografia Morena contribui enormemente não só para o conhecimento geográfico de Campo Grande e do Estado de Mato Grosso do Sul, mas também com a Geografia escolar brasileira dos anos finais do Ensino Fundamental.

O *blog* Geografia Morena é oriundo da preocupação em fornecer aos professores de Geografia da Reme um acervo para que utilizem em sala de aula ou que sirva de complementação às suas aulas. O *blog* passou por atualizações nos últimos anos, principalmente em decorrência da publicação do Referencial Curricular da Reme. Este documento precisava ser elaborado no âmbito municipal, pois havia sido promulgado a BNCC em âmbito nacional. Durante os anos de 2018 e 2019, as formações continuadas oferecidas pela Semed estavam "focadas" na sua escrita. Os professores participaram, ainda que indiretamente, na construção e formulação dessas novas orientações. Entretanto, o Referencial Curricular precisava estar de acordo com a BNCC, o que não deu muito espaço para a incorporação de novos temas, conteúdos, conhecimentos, já que todas as habilidades previstas na BNCC precisavam constar no documento.

Nesse contexto, no sétimo ano do Ensino Fundamental encontra-se um desmembramento da Geografia, ou seja, está previsto que o professor trabalhe a Geografia dita "geral" e a Geografia Regional. Essa divisão ocorreu em 2013 para atender a uma demanda específica sobre a nova lei do piso e a lei de planos de cargos e carreiras dos professores (Costa, 2020). Portanto, o novo Referencial Curricular da Reme incorporou a Geografia Regional como componente curricular para contemplar a nova carga horária de trabalho dos docentes da rede Municipal de Ensino[17].

---

[14] Vídeo 'O Mercadão e suas histórias'. Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/2014/03/mercado-municipal.html. Acesso em 22 jul. 2024.

[15] Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/2020/02/mapas-de-campo-grande-ms.html. Acesso em 22 jul. 2024.

[16] Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/2019/09/conjunto-de-mapas-de-mato-grosso-do-sul.html. Acesso em 22 jul. 2024.

[17] De acordo com o Plano de Cargos e Carreiras dos Professores de Campo Grande, a carga horária de trabalho semanal é 20 horas, sendo 13 horas em sala de aula e 07 horas para planejamento. Nos anos finais do Ensino Fundamental, "quebrou-se" a Geografia no sétimo ano (01 aula para Geografia "Geral" e 01 aula para Geografia Regional), uma vez que nessa etapa do ensino são duas aulas de Geografia em cada ano escolar. Essa "quebra" foi feita em todos os demais componentes curriculares para atender essa divisão 13/7 da carga horária de trabalho: Matemática (no nono ano, criou-se o componente "Aplicações Matemáticas"), Língua Portuguesa (no nono ano, criou-se o componente "Iniciação aos Estudos Literários"), Ciências (nono ano, divide-se em "Ciências Física" e "Ciências Química"), Educação Física (no ano ano, divide-se em "Educação Física 1" e "Educação Física 2"), História (no oitavo ano, é dividido em História "Geral" e "História Regional") e Língua Inglesa (no nono ano, é dividido em "Inglês 1" e "Inglês 2").

O Referencial Curricular da Reme apresenta uma parte teórica sobre as categorias de análise da Geografia (paisagem, território, lugar, região, espaço). Sobre a região, há uma breve discussão que destaca: a região no Império Romano, a região na institucionalização da Geografia, região na concepção crítica e humanista e um breve comentário sobre a regionalização que destacamos:

> Apesar de as questões de ordem econômica serem predominantes na definição de região, não podemos ignorar outras abordagens, como a cultural, associada a identidades regionais ou a política, inclusive, a movimentos políticos de base territorial ou a atuação administrativa do Estado (Campo Grande, 2020, p. 32).

Posteriormente, no documento, há uma discussão teórico-metodológica sobre o raciocínio geográfico (a BNCC também utiliza essa teoria na Geografia), o que se espera da aprendizagem e da avaliação e habilidades e conhecimentos específicos, e assim termina a parte introdutória do referencial curricular de Geografia. Habilidades e conhecimentos específicos estão divididos por ano (abrange desde o primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental) e a Educação de Jovens e Adultos – EJA (EJA inicial I, inicial II, fase intermediária e fase final).

Nos quadros 5 e 6 apresenta-se o Referencial Curricular Geografia Regional, dividida em: Bimestres, Unidades temáticas, Objetos do conhecimento, Habilidades relacionadas, conhecimentos específicos e recomendações didáticas. O referencial curricular deixa evidente que, em Geografia Regional, não trabalha somente o estado de Mato Grosso do Sul, mas também a Região Centro-Oeste e outros conhecimentos específicos previstos na BNCC, que não tiveram espaço em outros anos do Ensino Fundamental. A Geografia Regional incorpora também questões relacionadas à realidade socioespacial brasileira.

Quadro 5 – Referencial Curricular – Geografia Regional

Unidades temáticas – 1º Bimestre	Objetos de conhecimento – 1º Bimestre	Habilidades relacionadas – 1º Bimestre	Conhecimentos específicos – 1º Bimestre
Conexões e escalas	Unidades político-administrativas do Brasil	(CG.EF07GER01.d) Distinguir unidades político-administrativas oficiais nacionais (distrito, município, unidade da federação e grande região), suas fronteiras, localizando o Mato Grosso do Sul.	- Centro-Oeste: localização, ocupação territorial e organização do espaço; - Aspectos físicos, demográficos e econômicos;
	Formação territorial do Brasil	(CG.EF07GER02.d) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Mato Grosso do Sul, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.	

Formas de representação e pensamento espacial	Mapas temáticos do Centro-Oeste e do Mato Grosso do Sul	(CG.EF07GER03.d) Interpretar e elaborar mapas temáticos e históricos, inclusive utilizando tecnologias digitais, com informações demográficas e econômicas do Centro-Oeste e do Mato Grosso do Sul (cartogramas), identificando padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais.	- Exploração dos recursos naturais.
		(CG.EF07GER04.d) Elaborar e interpretar gráficos de barras, gráficos de setores e histogramas, com base em dados socioeconômicos do Centro-Oeste e do Mato Grosso do Sul.	
Unidades temáticas – 2º Bimestre	**Objetos de conhecimento – 2º Bimestre**	**Habilidades relacionadas – 2º Bimestre**	**Conhecimentos específicos – 2º Bimestre**
Conexões e escalas	Formação territorial do Brasil	(CG.EF07GER02.d) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Mato Grosso do Sul, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas.	- Mato Grosso do Sul: processo histórico de formação da população; - Fluxos migratórios; os grupos étnico-raciais do estado e os conflitos; - Conceitos de preconceito, racismo, genocídio, etnocídio e aculturação; - Respeito às diferenças culturais; - Desigualdade social e econômica; indicadores socioeconômicos.
		(CG.EF07GER05.s) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.	
O sujeito e seu lugar no mundo	Processos migratórios no Brasil	(CG.EF07GER06.d) Descrever processos migratórios e suas contribuições para a formação da população sul-mato-grossense.	
Unidades temáticas – 3º Bimestre	**Objetos de conhecimento – 3º Bimestre**	**Habilidades relacionadas – 3º Bimestre**	**Conhecimentos específicos – 3º Bimestre**
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Biodiversidade brasileira	(CG.EF07GER07.d) Caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no Mato Grosso do Sul, bem como sua distribuição e biodiversidade.	- Mato Grosso do Sul: a geologia e a ocupação humana; - O relevo e o uso do solo; a hidrografia e os seus usos; o clima e as suas influências; - A vegetação, os biomas, suas ocupações e impactos.
	Conservação e degradação da natureza	(CG.EF07GER08.s) Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.	
Unidades temáticas – 4º Bimestre	**Objetos de conhecimento – 4º Bimestre**	**Habilidades relacionadas – 4º Bimestre**	**Conhecimentos específicos – 4º Bimestre**

Mundo do Trabalho	Produção, circulação e consumo de mercadorias	(CG.EF07GER09.s) Discutir em que medida a produção, a circulação e o consumo de mercadorias provocam impactos ambientais, assim como influem na distribuição de riquezas, em diferentes lugares.	- Mato Grosso do Sul: o setor primário; - O setor secundário; o setor terciário; - A produção econômica e os impactos socioambientais.
	Desigualdade social e o trabalho	(CG.EF07GER10.d) Analisar a influência e o papel das redes de transporte e comunicação na configuração do território sul-mato-grossense.	

Fonte: Campo Grande, 2020. Org. própria.

Analisando o componente curricular Geografia Regional, verifica-se que estão contemplados os elementos de análise regional proposto por Pierre George (1980, p. 306), que são: a população, em seus aspectos demográficos e sociais; os recursos e sua utilização; o consumo; as relações exteriores (migrações, trocas de mercadorias); a estrutura geográfica (redes urbanas, transportes etc.). Em relação a estrutura geográfica, George chama a atenção para um detalhe importante: para efeito de simplificação, é como se a região se constituísse em um conjunto homogêneo; "mas sabemos que isso não é verdade" (George, 1980, p. 309). Daí o autor propor o estudo das redes urbanas como uma direção analítica para "corrigir" esse esquema.

Por fim, o quadro abaixo (quadro 6) apresenta recomendações didáticas que podem ser mediadas em sala de aula durante os quatro bimestres em Geografia Regional. No primeiro bimestre, o destaque é para a Região Centro-Oeste; já a partir do segundo bimestre o foco é Mato Grosso do Sul. No segundo bimestre, é recomendado para os docentes apresentar dados populacionais de Mato Grosso do Sul (desde os primeiros grupos humanos até dados recentes da população – tais como IDH, população urbana e rural, população indígena). No terceiro, é a mediação da Geografia Física de Mato Grosso do Sul. E no quarto bimestre, características econômicas de Mato Grosso do Sul e a problemática ambiental.

Quadro 6 – Recomendações didáticas para o desenvolvimento das habilidades em Geografia Regional

Recomendações didáticas – 1º Bimestre	**Para desenvolver essas habilidades, sugerimos apresentar as principais características de relevo, hidrografia, clima e vegetação da região Centro-Oeste; compreender como ocorreu a interiorização do povoamento; discutir a transferência da capital federal; compreender de que forma se deu a expansão econômica da região e conhecer as principais atividades; aproveitar os conhecimentos específicos relacionados às habilidades e trabalhar com temas contemporâneos (educação ambiental, educação em direitos humanos, educação das relações étnico-raciais, cultura indígena e diversidade cultural).**
Recomendações didáticas – 2º Bimestre	Para desenvolver essas habilidades, sugerimos apresentar os primeiros grupos humanos que ocuparam a região, assim como o período; destacar suas principais características e seus modos de vida; apresentar os sítios arqueológicos e as artes

	rupestres representativas desse período; compreender o processo histórico de ocupação do estado a partir dos povos tradicionais; destacar as influências indígenas na construção da identidade de MS; compreender os fluxos migratórios advindos de outras regiões brasileiras e de outros países; abordar a questão da demarcação das terras indígenas e quilombolas; apresentar, por meio dos conflitos em nosso estado, a relação entre os povos tradicionais e a produção agropecuária; definir preconceito, racismo, genocídio, etnocídio e aculturação; apresentar dados básicos da atual população de MS; discutir ao longo das décadas o crescimento da população, a transição entre a população rural e urbana, a taxa de fecundidade, a mortalidade infantil, a estrutura etária etc.; apresentar e discutir os indicadores socioeconômicos de MS (IDH, analfabetismo, expectativa de vida etc.).
Recomendações didáticas – 3º Bimestre	Para desenvolver essas habilidades, sugerimos definir qual é o objeto de estudo da geologia; associar a geologia a outros elementos da natureza; analisar como os tipos de solos influenciam a ocupação; definir o que é a geomorfologia; apresentar as características das macrounidades de relevo; destacar o perfil topográfico de MS (no sentido leste-oeste, norte-sul, contemplando planalto, depressão e planície); diferenciar altura de altitude; analisar como o relevo influencia no uso do solo; definir o que é a hidrografia; compreender o que são bacias hidrográficas e a sua distribuição pelo território nacional e estadual; destacar as bacias presentes em MS e os seus principais rios; apresentar as águas subterrâneas; analisar os diferentes usos da água em MS; definir o que é a climatologia; diferenciar clima e tempo atmosférico; identificar as principais massas de ar que atuam em MS; apresentar os elementos e os fatores climáticos; compreender como se formam as frentes; analisar como o clima influencia na vegetação, nas atividades econômicas etc.; apresentar e compreender as características dos biomas presentes em MS; apresentar as diferentes formações vegetais nos biomas; analisar e discutir como a ocupação e o uso dessas áreas impactam o meio ambiente.
Recomendações didáticas – 4º Bimestre	Para desenvolver essas habilidades, sugerimos definir e apresentar as características do setor primário; compreender o processo de modernização das atividades agrárias; apresentar as principais culturas e a sua distribuição espacial; apresentar os principais rebanhos e a sua distribuição espacial; destacar a importância do setor primário na economia do estado; definir e apresentar as características do setor secundário; apresentar os principais ramos da indústria e a sua distribuição espacial; definir e apresentar as características do setor terciário; apresentar os principais produtos exportados e importados; apresentar e discutir o papel da atividade turística; relacionar as atividades econômicas com os problemas ambientais; apresentar e discutir os problemas ambientais no meio urbano; apresentar e discutir os problemas ambientais no meio rural. Observação: utilizar como referência o relatório do Zoneamento Ecológico-Econômico do estado de Mato Grosso do Sul.

Fonte: Campo Grande, 2020. Org. própria.

3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto final pensado para este trabalho de conclusão é um material didático que contempla uma variedade de atividades voltadas para a Geografia Regional do sétimo ano do Ensino Fundamental. Esse material didático é uma cartilha, que será disponibilizada aos professores e demais interessados, inicialmente no formato digital. A cartilha terá textos informativos, boxes, atividades, mapas, sugestões de documentários e vídeos para que se aprofunde as temáticas contempladas na Geografia Regional. Há várias definições acerca do

que é uma Cartilha escolar: segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (BRASIL, 2019) “cartilhas são materiais informativos e educativos que devem expor de forma leve e dinâmica o conteúdo”; “produto de apoio/suporte com fins didáticos na mediação de processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos educacionais”.

Cartilha tem potencial para ser implantada em sala como material complementar, por isso é importante trazer e alinhar ilustrações, imagens e textos com a temática (COSTA et al, 2023). Para Bento (2023, p.83), “cartilha é uma tipologia de livreto com finalidade pedagógica, que serve para sintetizar um determinado assunto de forma lúdica e com uma linguagem acessível ao público-alvo a que se destina”. Ele chama a atenção para a incorporação de imagens, balões informáticos, notas de rodapé e glossário para facilitar a leitura. E sobre uma cartilha geográfica:

> os elementos gráficos e cartográficos são fundamentais para a aplicação de conceitos e temas pertinentes a esse campo disciplinar. A utilização de mapas temáticos, mapas mentais e croquis, auxiliam na aplicação dos princípios do raciocínio geográfico, indicando a localização e extensão dos fenômenos naturais e sociais, assim como na analogia e da diferenciação dos processos que ocorrem nas mais diversas escalas geográficas. Já os gráficos em suas diversas modalidades (barras, linhas e setores) servirão para evidenciar de forma lúdica os quantitativos absolutos e os percentuais dos mais variados temas, dentre estes: indicadores demográficos, atividades econômicas, composição da atmosfera e percentual de água na superfície terrestre. (Bento, 2023, p. 84)

As temáticas elaboradas nesta cartilha contemplarão os temas solicitados pelos professores na pesquisa online, temas que deverão estar no Referencial Curricular da Reme. Temáticas ligadas aos aspectos físicos, sociais, culturais e econômicos de Mato Grosso do Sul estão presentes nesta cartilha. O título da cartilha será “GEO-MS”. Pensando em um “símbolo” que possa caracterizar o Mato Grosso do Sul, sugerimos que a imagem da capa da cartilha seja um mosaico com várias imagens que retratam o estado: paisagens naturais e urbanas; população indígena; agronegócio e agricultura familiar; indústrias; agropecuária que estarão representados dentro do mapa do estado.

4. PROPOSTA DO USO DO MATERIAL JUNTO AO PÚBLICO-ALVO

O público-alvo desse material didático é o docente, especialmente aquele que ministra (ou futuramente ministrará) o componente curricular Geografia Regional na Reme. O docente poderá aplicar esse material diretamente em sala de aula, que é um dos objetivos deste trabalho. Porém, diante da complexidade que o Mato Grosso do Sul representa, esta Cartilha poderá ser utilizada por outros professores de geografia fora da Reme (por exemplo, docentes da rede

estadual de ensino ou de outras redes municipais) que tenham em seu trabalho a preocupação regional.

A escolha dos temas contemplados na cartilha é resultado de uma pesquisa realizada por meio do Google *Forms* com professores que atuam na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande – MS. Os temas foram escolhidos de acordo com a pesquisa realizada, que conseguiu alcançar um total de 39 docentes participantes (mais a frente, é apresentado e analisado os resultados desta pesquisa).

4.1 Mobilização do público-alvo

A mobilização do público-alvo (professores da Reme) se deu, inicialmente, por meio do contato direto nas escolas e também contato via rede social (*WhatsApp*). A pesquisa foi iniciada antes da sua aprovação no Comitê de Ética da UFGD, via Plataforma Brasil e, portanto, não pode ser aplicada a toda rede de ensino da capital. Por sua vez, o início da pesquisa foi feito com colegas conhecidos que gentilmente se propuseram a responder as perguntas; na ocasião, explicamos que a pesquisa ainda estava em análise no Comitê de Ética[18].

Posteriormente a liberação da pesquisa pelo Comitê de Ética, as próximas etapas foram: encaminhamento do questionário *online* para a equipe de Geografia da Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande (Semed) que encaminhou, via e-mail, o questionário *online* para todos os professores da Reme. Obtivemos da Semed uma Comunicação Interna (C.I.) que autorizou a realização da pesquisa.

Também fez parte da mobilização do público-alvo o envio do questionário *online* em grupos de redes sociais, tais como grupos de professores de Geografia do *WhatsApp* e *Facebook*.

Os resultados da pesquisa nos informaram que existem dificuldades em trabalhar a Geografia Regional em sala de aula, bem como e descrevem uma gama de temas geográficos relacionados ao Mato Grosso do Sul que precisam ser ampliados e/ou adaptados para linguagem específica do sétimo ano do Ensino Fundamental.

[18] O projeto intitulado "Produção de material didático no ensino de Geografia Regional da rede municipal de Campo Grande-MS" foi submetido na Plataforma Brasil no dia 09/02/2024. O número do CAAE é: 80190124.0.0000.5160. E o número do comprovante é: 058144/2024.

4.2 Questionário *online* e análise dos resultados

No quadro abaixo (quadro 7) consta as perguntas que foram enviadas aos professores de Geografia que participaram da pesquisa. O objetivo foi: identificar o perfil do professor (se é docente da rede pública, escolaridade, faixa etária, cor, quanto tempo atua na educação), identificar a sua relação com a Geografia Regional (temas que mais tem interesse, temas que mais trabalham em sala de aula, dificuldades e potencialidades, falta ou não de material didático), apresentar uma reflexão do que se entende por Geografia Regional e, por fim, se há disponibilidade em aplicar em sala de aula o material didático produzido nesta pesquisa.

Quadro 7 – Questionário online.[19]

Pergunta 1	Você é professor(a) da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande - REME?
Pergunta 2	Você é professor(a) da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul?
Pergunta 3	Você é professor(a) de escola particular?
Pergunta 4	Qual é a sua faixa etária?
Pergunta 5	Qual a sua formação acadêmica em âmbito educacional?
Pergunta 6	Você é docente há quanto tempo?
Pergunta 7	Você atua em qual(is) escola de Campo Grande?
Pergunta 8	Seguindo a categorização utilizada no Censo IBGE você se autodeclara em relação à **raça /cor**
Pergunta 9	Você tem dificuldade em ministrar o componente curricular *Geografia Regional*? Se sim, qual é a dificuldade?
Pergunta 10	Quais são os temas que você mais trabalha em *Geografia Regional*?
Pergunta 11	No componente curricular *Geografia Regional*, qual(is) tema(s) você sente falta de material didático (por exemplo, textos atualizados, atividades, livros, mapas) para trabalhar com os estudantes?
Pergunta 12	Quais recursos didáticos você utiliza nas aulas de *Geografia Regional*?
Pergunta 13	Quais são os temas relacionados a *Geografia Regional* que você gostaria que esteja contemplado nesta Cartilha?
Pergunta 14	Apresente uma breve reflexão sobre o que você entende por ensino de *Geografia Regional*.
Pergunta 15	Você gostaria de aplicar o material didático piloto que será produzido? Caso apresente interesse, o professor/pesquisador entrará em contato via e-mail e/ou telefone.

Fonte: Elaboração própria.

[19] Após o exame de Qualificação, duas perguntas foram alteradas para que os professores participantes pudessem sugerir temas para a composição da cartilha: perguntas 11 e 13.

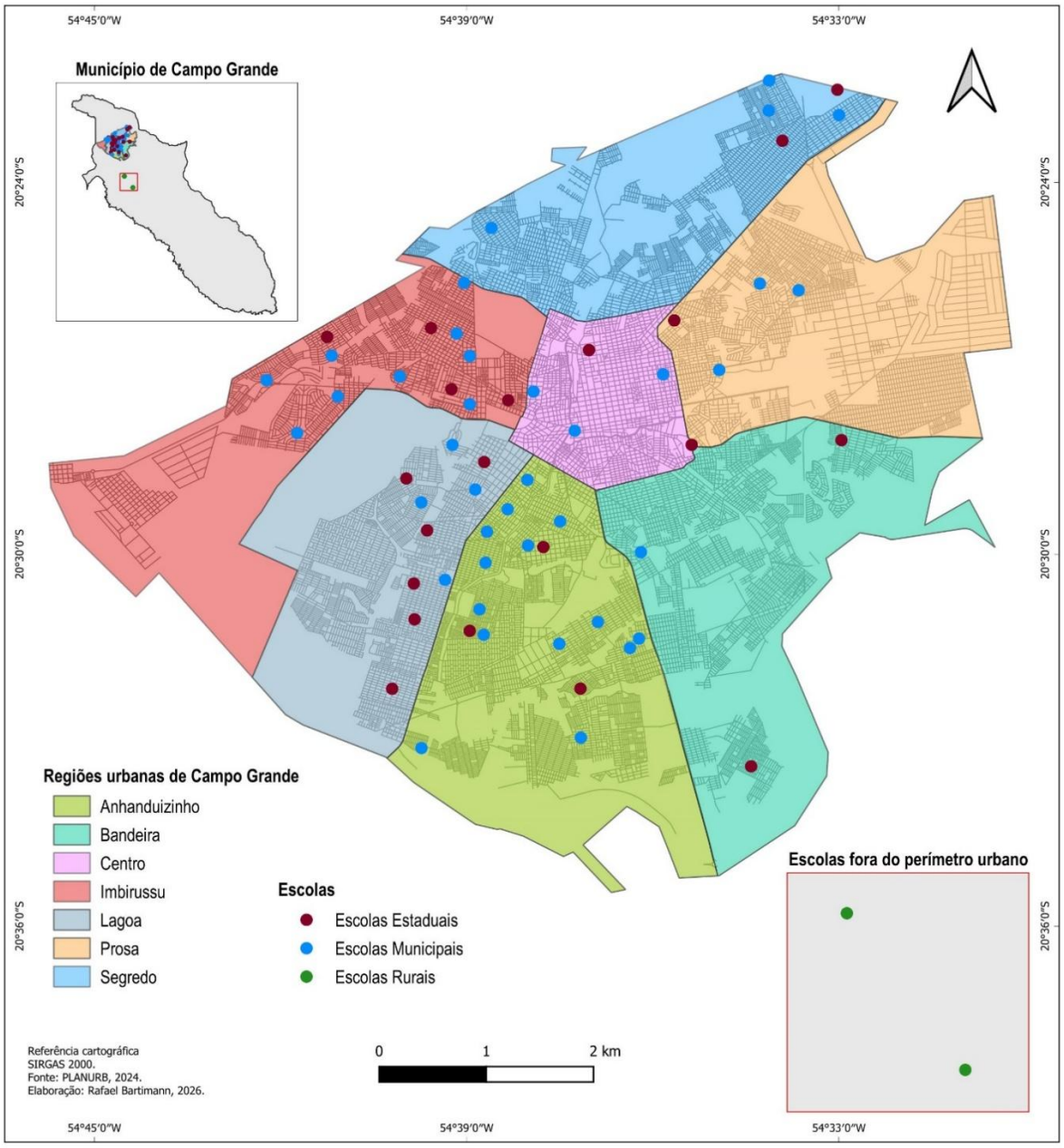
Finalizada a pesquisa, 39 professores participaram e responderam o questionário. O período disponibilizado para a participação dos docentes foi entre os meses de julho a dezembro de 2024. Sobre o perfil dos participantes: 16 professoras e 23 professores. Na primeira pergunta, somente dois professores responderam que não são professores da Reme. Na segunda questão, 25 professores disseram que fazem parte da rede estadual de educação e, na terceira pergunta, somente seis professores informaram que trabalham em escolas particulares (sendo que dois professores disseram que trabalham na rede estadual, rede municipal e escola particular), o que mostra uma predominância de docentes que atuam da rede pública.

No que se refere a faixa etária dos participantes (pergunta quatro), a maioria dos professores estão entre 40 a 49 anos (19 respostas), seis professores estão acima de 50 anos, sete professores entre 30 e 34 anos e sete professores entre 35 e 39 anos. Em relação a formação acadêmica (pergunta cinco), a maioria tem especialização (20 professores), outros cinco têm mestrado, três professores com doutorado e 11 professores graduados.

O tempo de docência (pergunta seis) foi bastante variado, mostrando que há professores com bastante experiência (até 24 anos de sala de aula) e outros "novatos" (com menos de seis meses de sala de aula): 17 professores têm até dez anos de sala de aula; 17 professores têm entre 11 e 20 anos de docência; e cinco professores com mais de 20 anos (21 a 24 anos). Esse tempo de experiência dos participantes é extremamente importante na pesquisa, pois nos mostra expectativas, visões de mundo e demandas diferenciadas que contribuem para a qualidade da elaboração do material didático.

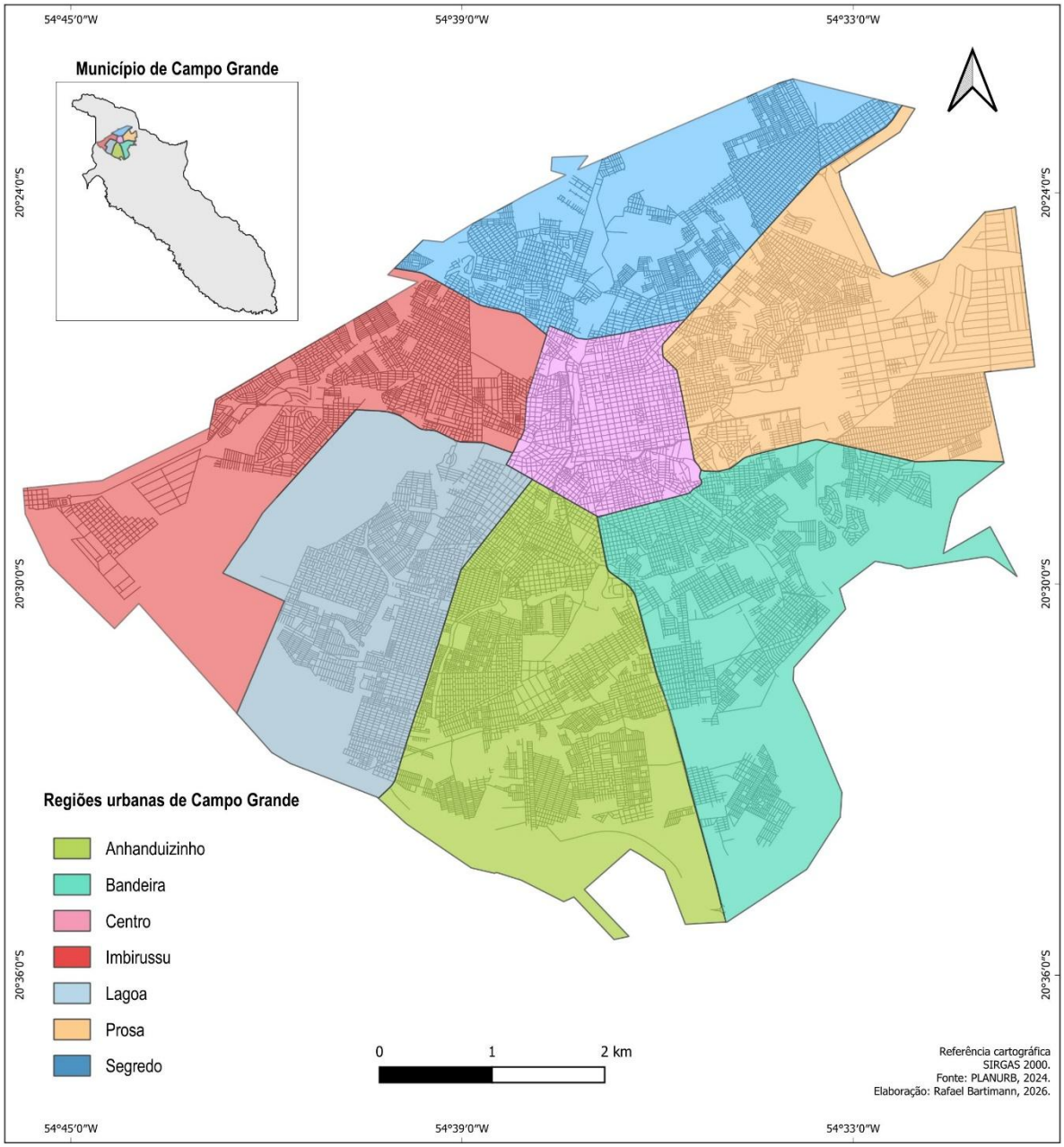
Em relação as escolas em que atuam, três professores não informaram o nome delas. Um professor trabalha na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) e outro professor é docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS – Campus Mundo Novo). Quanto aos demais professores, podemos tirar algumas conclusões: é uma realidade maçante e muitas vezes perversa o fato de vários colegas estarem em várias escolas para completar a sua carga horária. Não perguntamos a carga horária do professor, mas visualizando os locais de trabalho, percebemos que a maioria trabalha em duas ou mais escolas (vinte e nove professores), chegando a quatro ou cinco escolas; apenas sete professores responderam que trabalham em apenas uma escola.

Figura 3 – Localização das escolas urbanas dos professores participantes da pesquisa.



Na figura 3, podemos verificar a espacialização das escolas que trabalham os professores que participaram do questionário. Há um predomínio de docentes que trabalham em escolas municipais (34 no total), 18 escolas estaduais e duas escolas particulares (cursinho Morenão e Colégio Harmonia). A pesquisa conseguiu atingir professores que atuavam em várias escolas do munícipio, localizadas nas sete regiões urbanas da cidade, que inclui escolas mais periféricas, escolas centrais e, também, escolas da área rural. A figura 4 mostra a divisão administrativa por regiões urbanas da cidade de Campo Grande-MS.

Figura 4 – Regiões urbanas de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.



As escolas municipais e estaduais de Campo Grande possuem contextos variados, em bairros socialmente distintos (que variam, por exemplo, desde uma renda média per capita baixa de aproximadamente 278 reais em bairros mais periféricos até uma renda média per capita de mais de 4.000 reais na região do Centro e do Prosa[20]) e estudantes variados, com pais mais presentes e pais totalmente ausentes da vida escolar. Do ponto de vista socioeconômico, as regiões do Prosa e do Centro são as que apresentam, por exemplo, as maiores rendas per capita do município, concentra a maioria dos hospitais e instituições de ensino superior (apesar de

[20] Bastazini, 2023.

alguns bairros, tais como Jardim Noroeste, carrega um estigma[21] dos seus moradores e apresenta um quadro socioeconômico diferente da média da região do Prosa). Por sua vez, escolas localizadas em bairros distantes do Imbirussu, Lagoa e Anhanduizinho apresentam as menores rendas per capita da cidade e altos índices de analfabetismo.

A maioria dos professores que responderam a pesquisa online trabalham nas escolas das regiões: Anhanduizinho (a mais populosa e com a maior quantidade de escolas), Imbirussu e Lagoa. Segundo dados do Censo IBGE-2022, Campo Grande tem uma população de 898.100 habitantes. Ainda não foi finalizado os dados populacionais por regiões urbanas e bairros referentes ao Censo IBGE-2022[22]. Por sua vez, dados recentes publicados na mídia mostram que essa população está desigualmente espalhada pela cidade, uma vez que a região do Anhanduizinho é a mais populosa e com a segunda maior densidade demográfica, quase a mesma quantidade da região do Centro (tabela 1).

Tabela 1 – Campo Grande: regiões urbanas, população, densidade demográfica e escolas

Regiões urbanas	População (2022*)	Densidade demográfica (2022**)	Quantidade de escolas municipais***
Anhanduizinho	218.500	3.528 hab./km²	25
Bandeira	136.691	2.191 hab./km²	10
Centro	71.037	3.532 hab./km²	09
Lagoa	134.964	2.668 hab./km²	10
Imbirussu	108.000	1.880 hab./km²	12
Prosa	95.500	1.716 hab./km²	08
Segredo	128.300	2.853 hab./km²	11
Total	896.100	2.538 hab./km²	95

Fonte(s): (*) Campo Grande News. Disponível em: https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/anhanduizinho-e-regiao-mais-populosa-e-centro-perdeu-13-dos-moradores. Acesso em 01 ago. 2024. (**) Considerando os dados de área retirados de PLANURB. Secretaria de Planejamento Urbano. Valores aproximados. (***) Semed, 2024.

Segundo dados da Semed, Campo Grande tem 99 escolas que oferecem o ensino fundamental sendo que a maioria se concentra na região do Anhanduizinho, com mais de ¼ do

[21] "O estigma territorial se associa com os espaços de pobreza material, a partir de preconceitos étnicos, grupos imigrantes empobrecidos, habitações degradadas, imoralidades impostas a partir da visão do avalista bem como espaços de delinquência" (Bastazini, 2023 apud Wacquant; Slater; Pereira, 2014).

[22] Segundo o site do SISGRAN – Sistema Municipal de Indicadores de Campo Grande – MS (disponível em: https://sisgran.campogrande.ms.gov.br/), os primeiros resultados do Censo Demográfico 2022 do IBGE estão sendo atualizados na plataforma do Sisgran.

total das escolas municipais. Sobre a área rural: no total, são 9 escolas municipais e uma população de 12.595 habitantes. Uma professora que respondeu ao questionário trabalha em duas dessas escolas rurais. Os distritos de Anhanduí e Rochedinho são os mais populosos.

As regiões do Segredo, Centro e Bandeira contaram com a participação de professores que ministram aula também em outras regiões da cidade. Por fim, a região do Prosa (com quatro escolas) e a área rural (com uma professora trabalhando em duas escolas rurais) também estão contemplados no levantamento (quadro 6). Importante frisar nesse levantamento junto aos professores que, um mesmo professor estava trabalhando, no momento que respondeu a pesquisa, a várias escolas (desde uma escola a até sete escolas).

Quadro 8 – Regiões e escolas dos professores participantes.

Regiões	Escolas
Anhanduizinho	E.M. Dr. Plinio Barbosa Martins, E.M. João Nepomuceno, E.M. Abel Freire de Aragão, E.M. Prof. Luiz Cavallon, E. M. Irene Szukala, E. M. Prof.ª Iracema de Souza Mendonça, E. M. Prof. Wilson Taveira Rosalino, E. M. Prof.ª Leire Pimentel de Carvalho Correa, E. M. Elízio Ramirez Vieira, E. M. Prof.ª Adair de Oliveira, E. M. Padre José Valentim, E. M. Prof.ª Marina Couto Fortes, E. M. Prof.ª Brígida Ferraz Fóss, E.M. Gov. Harry Amorim Costa, E. E. Amando de Oliveira, E. E. Padre Mário Blandino, E. E. Teotônio Vilela.
Bandeira	E. M. Prof.ª Flora Guimarães Rosa Pires, E.E. Prof.ª Maria de Lourdes Widal Roma, E.E. Dolor Ferreira de Andrade.
Centro	E. M. Prof. Luiz Antônio de Sá Carvalho, E.M. Padre José de Anchieta, E. E. 26 De Agosto, Centro Estadual de Educação Profissional (CEEP) Hercules Maymone, Colégio Harmonia, Cursinho Morenão.
Imbirussu	E.E. Adventor Divino de Almeida, E.E. José Mamede de Aquino, E. E. Prof.ª Alice Nunes Zampiere, E. E. Rui Barbosa, E.M. Carlos Vilhalva Cristaldo, E. M. Cel. Sebastião Lima, E.M. Frederico Soares, E.M. Osvaldo Cruz, E.M. Santos Dumont, E.M. João Evangelista Vieira de Almeida (JEVA), E.M. Pref. Manoel Inácio de Souza, E. M. Prof. Fauze Scaff Gattass Filho, E. M. Prof. Nagib Raslan, E. M. Prof.ª Eulália Neto Lessa.
Lagoa	E.E. Aracy Eudociak, E.E. José Antonio Pereira, E.E. Prof.ª Maria Rita de Cássia Pontes Teixeira, E.E. Blanche dos Santos Pereira, E. E. Padre José Scampini, E. E. 11 De Outubro, E.M. Prof. José de Souza (Zezao), E.M. Dr. Tertuliano Meireles, E. M. Major Aviador Y-Juca Pirama de Almeida, E. M. Nagen Jorge Saad.
Prosa	E.M. Consulesa Margarida Maksoud Trad, E. M. Prof.ª Danda Nunes, E. M. Elpídio Reis, E. E. Prof. Henrique Ciryllo Correa.
Rural	E.M. Darthesy Novaes Caminha, E.M. José do Patrocínio.
Segredo	E.E. Lino Vilachá, E.E. Padre Franco Delpiano, E. M. Irmã Edith Coelho Netto, E. M. Nerone Maiolino, E. M. Prof. João Candido de Sousa, E.M. Prof.ª Elizabel Maria Gomes Salles.

Fonte: Google Earth. Elaboração própria com base no endereço das escolas.

Ainda sobre o perfil dos participantes (pergunta 8), dezenove professores se autodeclararam de cor pardo(a)s, quinze de cor branco(a)s e cinco de cor preto(a)s. Já em relação a pergunta nove, a maioria tem dificuldade em ministrar o componente curricular Geografia Regional pois está relacionado a "falta de encontrar" material didático. Algumas respostas chamaram a atenção, destacando a falta de material didático ("livro", "apostila", "referencial curricular detalhado") e também:

> "A maior dificuldade está na construção de ações didáticas que ajudem a transpor as diferentes perspectivas de região que existe na ciência geográfica, uma ação possível é compreender a região desde o espaço da sala de aula, da escola, do bairro e todo esse material tem de ser construído pelo professor e pelo estudante em sala de aula, isso representa um desafio pelo tempo limitado de uma aula semanal." *Professor n.9*.

Realmente, a falta de tempo adequado para se trabalhar a Geografia Regional em sala de aula é um grande desafio (foi citado também por outros dois professores). Por isso, a necessidade de ações didáticas que otimizem o tempo, bem como a necessidade de usar recursos didáticos que chamem a atenção do aluno para as diversas escalas: desde o seu bairro e a sua rua, depois a cidade, o estado, o país, o continente, o planeta Terra. A utilização de tecnologias (como o Google Earth, por exemplo) ajuda nessa articulação de escala e apropriação do conhecimento escolar.

No quadro abaixo (quadro 9), há uma síntese dessas respostas de alguns professores que responderam "sim", "não", "atualmente não", "às vezes" e que procuraram detalhar essas dificuldades enfrentadas no dia a dia da escola. Há também aqueles que não encontram dificuldade, ou que já sentiram dificuldade no passado ou que já organizaram materiais a partir de pesquisas individuais. Mas chama a atenção o fato de vários professores sentirem falta de material didático específico, ainda que esse material esteja disponível no blog Geografia Morena, mas que não está de forma "sistematizada", organizada por conteúdos que contempla atividades, textos, vídeos que possam ser aplicados diretamente para os estudantes. Tais respostas corroboram com nossa proposta de material didático organizado em capítulos e conteúdos que estão no Referencial da Reme, sistematizado para uso didático-pedagógico. Além dessas respostas, tivemos 11 professores que responderam "não" e outros três que responderam "sim"

Quadro 9 – Respostas dos professores.

Pergunta 9. Você tem dificuldade em ministrar o componente curricular Geografia Regional? Se sim, qual é a dificuldade?	
Sim. Dificuldade em encontrar material para utilizar nas aulas. ***(professor 11)***	*Sim. O tempo (1 aula semanal) e a falta de material didático específico.* ***(professor 8)***
Sim. Falta referencial curricular detalhado. ***(professor 12)***	*Falta de material específico e dados mais atualizados.* ***(professor 31)***
Sim. No início, quando entrei em sala de aula em Campo Grande, não tinha conhecimento aprofundado sobre o estado e o município. Também não havia nenhum material estruturado para ter como referência. Desse modo, tive que pesquisar e estudar bastante para conseguir ministrar as aulas. ***(professor 15)***	*Atualmente não, mas ano passado (2023) quando comecei a lecionar Geografia Regional no Leire Pimentel, tive muita dificuldade, pois nunca havia lecionado e não sabia exatamente como era, quais conteúdos abordar por bimestre, onde buscar materiais adequados e atualizados para os alunos. Pedi ajuda para um colega e ele me informou sobre o Geomorena de Geografia da SEMED, hoje é onde busco materiais e conteúdos para as aulas, complementando com outras informações e atividades.* ***(professor 30)***
Sim. Geralmente a maior dificuldade é o que focar, e o que trabalhar com os alunos. ***(professor 18)***	*Não. Mas é necessário buscar material.* ***(professor 39)***
	Sim, falta de material didático. ***(professor 1)***
Não, mas temos poucos recursos disponíveis e atualizados sobre o nosso Estado de MS, o material que tenho é uma coletânea adaptada e montada através de minhas pesquisas. ***(professor 19)***	*Ausência de material didático físico.* ***(professor 2)***
	Falta de material didático / livros. ***(professor 6)***
	Sim, falta de material didático como livro, por exemplo. ***(professor 7)***
	Sim. A falta de material adequado. Não há um livro ou apostila para orientarmos. ***(professor 4)***
Sim, encontrar bibliografia sobre os temas abordados. ***(professor 24)***	*Sim, fontes para o desenvolvimento das habilidades.* ***(professor 28)***
Ter que montar o seu próprio material. ***(professor 25)***	*Faltam materiais pedagógicos.* ***(professor 27)***

Fonte: Questionário online. Elaboração própria.

As respostas das perguntas 10 e 11 (que versam sobre, respectivamente, os temas que o professor mais trabalha e os temas que mais chamam a atenção em geografia regional) estão contempladas no quadro a seguir (quadros 10 e 11). A pergunta 11, após o exame de qualificação, foi alterada da seguinte forma: “11. No componente curricular Geografia Regional, qual(is) tema(s) você sente falta de material didático (por exemplo, textos atualizados, atividades, livros, mapas) para trabalhar com os estudantes?” Essa alteração se deu na tentativa de obter informações a respeito da falta de material didático e o determinado conteúdo.

A partir das respostas individuais e pessoais de cada docente, verifica-se o esforço dos professores em apresentar aos estudantes em sala de aula uma gama de temáticas relacionadas

ao Mato Grosso do Sul, tanto em relação aos aspectos físicos, quanto econômicos. Emerge, portanto, que se amplie a disponibilidade de materiais didáticos (como analisado anteriormente, o blog Geografia Morena tem um acervo interessante) sobre o nosso estado (ainda que no componente Geografia Regional apareça a Região Centro-Oeste no Referencial Curricular), adaptados a diversas escolas e comunidades, mas que se tenha o Referencial da Reme como base. Também há uma preocupação com as temáticas indígenas e relações étnico-raciais. Por fim, a regionalização do território, o meio ambiente, a população e o turismo finalizam a lista. Vale destacar que o professor, diante de uma grande quantidade de estudos regionais, é quem irá adequar os conteúdos em sala de aula pois o papel do professor é fundamental para a mediação do conhecimento geográfico em sala de aula:

> Mais especificamente à geografia escolar, não se pode ignorar que os livros didáticos, ao proporem um programa organizado em temas e/ou regiões – Geografia Geral e do Brasil –, de qualquer modo apresentam em sua estrutura uma grande quantidade de estudos regionais, ou abordagens temáticas que são empiricizadas nas regiões. Porém, são os professores os principais personagens no processo de ensino-aprendizagem e cabe a eles a reflexão sobre didática e adequação do ensino dos conteúdos de geografia e posterior ação em sala de aula, considerando sempre seu público, as necessidades e conhecimentos de seus alunos. (Campos; Buitoni, 2010, p. 107).

Quadro 10 – Síntese das respostas dos professores.

Pergunta 10. Quais são os temas que você mais trabalha em *Geografia Regional*?
Mato Grosso do Sul: Aspectos econômicos, população, Aspectos físicos. (**professor n.1, professor 24, professor 34, professor 35**)
Relações Étnico-raciais. (**professor n.2**)
Aspectos físicos da Região do Mato Grosso do Sul. (**professor n.3, professor 21, professor 26**)
Regionalização; Aspectos Físicos e Naturais; População e Aspectos Demográficos; Aspectos Econômicos. (**professor n.4, professor 27**)
Aspectos Físico, Formação da População e a ocupação, Economia. (**professor n.5, professor 29**)
Economia, aspectos físicos, sociais e culturais. (**professor n.6, professor 16, professor 28**)
Localização do MS, fronteiras e divisas do MS, Municípios do MS, regiões urbanas de Campo Grande-MS, hidrografia do MS, hidrografia de Campo Grande-MS, economia do MS, cultura do MS. (**professor n.7, professor 22**)
Formação do estado de MS, território, povos indígenas, quilombolas e imigrantes, recursos naturais, agropecuária, fontes de energia, transição da população rural para população urbana. (**professor n.8, professor 19**)
Conceito de região, região da sala de aula, região na escola, no bairro, no município, no estado, no Brasil. (**professor n.9**)
Os previstos no referencial teórico. (**professor n.10, professor 15, professor 25, professor 30, professor 31, professor 32, professor 33, professor 37**)
População, regionalização, relevo, clima, hidrografia, economia, colonização. (**professor n.11, professor 38**)
Relevo, consciência ambiental, formação da população, economia do estado. (**professor n.12**)

Mapas políticos e temáticos. Formação do território, meio ambiente, fronteiras, povos originários e turismo. (**professor n.13, professor 17, professor 39**)
Biomas brasileiros, enfatizando o Pantanal. As práticas agrícolas em diferentes regiões, aspectos como uso do solo, tecnologias agrícolas e impactos ambientais. As diversidades culturais em todas as regiões, como costumes, tradições, arquitetura e gastronomia. (**professor n.14**)
Os temas que mais trabalhei foram a regionalização do país como um todo, e a formação do nosso estado de MS, suas cidades e até mesmo a regionalização do estado. (**professor n. 18**)
Pantanal e Povos Indígenas. (**professor n. 20**)
Aspectos físicos, econômicos, sociais e culturais da Região Centro Oeste e Estados e Capitais da Região Centro Oeste. (**professor n. 23**)
Região Centro-Oeste, MS e Campo Grande. (**professor n. 36**)

Fonte: Questionario online. Elaboração própria.

O quadro 10 é uma "síntese" da pergunta 10, pois vários professores colocaram temas parecidos. A maioria absoluta dos professores trabalham o Mato Grosso do Sul, mas há docentes que se preocupam mais com a Região Centro-Oeste e, quando conseguem, trabalhar com Campo Grande.

O meio ambiente, que aparece em muitas respostas demonstrando uma preocupação dos professores, é uma nova questão regional "que transcende a escala nacional" (Castro, 2021, p. 59). A questão indígena, a preocupação em mostrar aos alunos povos originários do estado também demonstra uma tentativa de descolonizar a região, uma outra forma de regionalizar o Mato Grosso do Sul.

Quadro 11 – Síntese das respostas dos professores.

Pergunta 11. No componente curricular *Geografia Regional,* qual(is) tema(s) você sente falta de material didático (por exemplo, textos atualizados, atividades, livros, mapas) para trabalhar com os estudantes?	
Aspecto econômico de MS. **(professor n. 1)**	Relações Étnico-raciais. **(professor n. 2)**
Variados temas onde se concentra a política e a economia da região. **(professor n. 3**)	Textos atualizados, livros específicos, mapas (algumas escolas não os possuem). **(professor n. 4)**
Acredito que falta material sobre os aspectos físicos e humanos de MS, ficamos muito preso aos mapas, quanto aos aspectos físicos, mas também temos pouco tempo para apresentar os conteúdos. **(professor n. 5)**	Aspectos Culturais e físicos (Bioma Pantanal). **(professor n. 6)**
Hidrografia do MS, Unidades de conservação da natureza no MS**. (professor n. 7)**	Com certeza! Textos atualizados e atividades diversas, livros. **(professor n. 8, n. 20, n. 24, n. 29, n. 34, n. 35, n. 36, n. 37)**
Regionalização realizada pelo IBGE e sua evolução ao longo do tempo**. (professor n. 9)**	Construção e compartimentação do espaço pelos indígenas e sociedade moderna. **(professor n. 10)**

Regionalização do território. **(professor n. 11)**	Formação da população e meio ambiente. **(professor n. 12)**
Turismo e meio ambiente (visão sociocultural). **(professor n. 13)**	A urgência da descarbonização do mundo que se torna cada vez mais evidente diante dos desafios impostos pelas mudanças climáticas. A conscientização sobre a necessidade de reduzir as emissões de carbono e adotar o consumismo consciente priorizando produtos locais, orgânicos e de baixo impacto ambiental e por último não menos importante a preservação do meio ambiente no Brasil. **(professor n. 14)**
Atualmente não sinto mais falta de materiais didáticos visto que conheço as fontes para pesquisa atualizada, como o sisgran, as secretarias municipais e estaduais, ibge, dentre outros. **(professor n. 15)**	Material didático, livros de apoio, mapas. **(professor n. 16, n. 19)**
Sim. **(professor n. 17, n. 22, n. 23)**	Regionalização do Estado. **(professor n. 18)**
Aspectos físicos. **(professor n. 21)**	Principalmente em relação a povos indígenas e quilombolas, em Mato Grosso do Sul. Atividades que contemplem os conteúdos estudados. **(professor n. 25)**
Formação dos municípios. **(professor n. 26)**	Essa sugestão contempla a questão 09. Faltam todos eles de forma mais atualizados. **(professor n. 27)**
Praticamente em todos os aspectos há essa falta. **(professor n. 28)**	Justamente sobre o Mato Grosso do Sul, desde mapeamento das comunidades indígenas e quilombolas, passando pelos aspectos físicos e econômicos. **(professor n. 30)**
Tudo isso. **(professor n. 31, n. 38)**	Materiais do Estado de Mato Grosso do Sul, textos, mapas, atividades atualizadas sobre os diversos fatores socioeconômicos. **(professor n. 32)**
Localização de MS tenho a dificuldade de encontrar mapas atualizado dos municípios. Tem pelo site do IBGE, porém muito pesado de baixar e repassar para os estudantes. Muitos alunos chegam ao 7° ano sem o conhecimento da diferença entre estado e município. **(professor n. 33)**	Não. Temos vários materiais de apoio oferecidos pela secretaria de Educação e grupo de área. **(professor n. 39)**

Fonte: Questionário online. Elaboração própria.

No que se refere aos recursos didáticos utilizados em sala de aula (pergunta 12), especialmente em Geografia Regional, surpreende o fato de os professores buscarem uma gama de materiais para suprir eventuais lacunas que existem. Praticamente nenhuma resposta está ligado ao tradicional “quadro, canetão, livro didático”. Pode-se concluir, portanto, que há uma preocupação em aplicar metodologias ativas (por exemplo, a utilização de jogos, kahoot,

músicas, trabalho em equipe, maquetes), utilizar materiais digitais (sites oficiais, tais como IBGE, SISGRAN, textos, dados e pesquisas da internet, power point, datashow, *blog* Geografia Morena), representações cartográficas variadas (mapas temáticos, globo terrestre, atlas de Mato Grosso do Sul, mapa físico, mapa mudo), gráficos, textos e imagens, atividades impressas e até mesmo "utilizar estratégias da pedagogia histórico crítica". É uma busca incessante em aplicar práticas de ensino que "fujam" do método tradicional. O quadro 12 traz, na íntegra, os recursos didáticos que os professores mais utilizam.

Quadro 12 – Material didático mais utilizado em Geografia Regional.

Mapa físico, textos de apoio, data show. (professor n.1)	**Texto. (professor n. 21)**
Internet e dados estatísticos. (professor n.2)	**Pesquisa particular e imagem. (professor n. 22)**
Atlas, sites geomorena, pesquisas em literaturas e outros materiais. (professor n. 3)	**Data show e livro didático. (professor n. 23)**
Power Point; TV Integrativa; Jogos Geográficos; Kahoot; Materiais Impressos; Mapas Temáticos; Globo Terrestres. (professor n.4)	**Slides e conteúdo fornecido pelo Geomorena. (professor n. 24)**
Procuro sempre artigos na internet, também uso site oficiais. (professor n.5)	**Planisfério político e físico de MS e do Brasil. Textos informativos sobre os temas abordados. (professor n. 25)**
Slides, vídeos, textos. (professor n.6)	**Projetor multimídia. (professor n. 26)**
Textos, imagens, atividades impressas, mapa do MS, mapas mudos, entre outros. (professor n.7)	**Livros didáticos, mapas, textos extras, data show, maquetes. (professor n. 27)**
Livro didático, projetor e textos retirado da internet. (professor n.8)	**Textos baseados em formações e composição de slides elaboradas por mim. (professor n. 28)**
Projetor, vídeos, a própria sala de aula ao organizá-la por diferentes critérios e formar	**Atividades impressas e mapas. (professor n. 29)**

regiões diferentes dentro desse espaço, produção de mapas regionais em folhas A4. Atlas Geográfico do Mato Grosso do Sul. (professor n.9) **Uso estratégias da pedagogia histórico crítica. (professor n.10)** **Apostilas montadas com dados da internet, slides com multimídias, mapas e graficos, atlas. (professor n.11)** **Site do IBGE principalmente. Sites e Blogs para obter mapas temáticos. SISGRAN e ZEE MS. (professor n.12)** **Apostila própria, atlas e lista de exercícios. Nas atividades: mapas, maquetes, música e trabalhos em equipe. (professor n.13)** **Como trabalho em duas escolas rurais, tenho um espaço amplo e uma oportunidade de aprendizado e cuidado com o meio ambiente. Trabalho um viveiro, onde as mudas são cultivadas com intuito de repor a horta com custo benefício e sigo ensinando sobre o ciclo de vida das plantas. No minhocário, as minhocas trabalham incansavelmente na compostagem orgânica, transformando resíduos em adubo rico para a horta, onde os alunos contribuem trazendo de casa os insumos e também reciclamos o lixo orgânico proveniente das refeições da escola. Utilizo como todo professor o projetor, a lousa e o livro didático! Faço muito uso de Materiais recicláveis são reutilizados de forma criativa, mostrando a importância da redução de resíduos e do reaproveitamento. (professor n. 14)**	**Recursos comprados sobre o Centro Oeste (sites de materiais didáticos lúdicos, como: Adoro Geografia, Imprima Está Ideia, EdHumanas, Suporte Geográfico, Geoludica, Geohibrida, entre outros). Além de pesquisas na internet, mapas do livro didático, uma apostila de Geo Regional não oficial, que foi elaborada por professores de Geografia da REME e principalmente os materiais e aulas do blog de Geografia da REME, o "Geomorena", 3° e 4° bimestre peguei todas as aulas de lá e adaptei para os alunos do 7° ano. (professor n. 30)** **Data-show e textos complementares para apoio. (professor n. 31)** **Mapas. (professor n. 32)** **Utilizo slides do site geomorena para o início do conteúdo, texto de apostila e mapa impresso (dependendo do conteúdo). (professor n. 33)** **Material que pesquiso na internet e no blog da Geografia da REME. (professor n. 34)** **LIVRO DE GEOGRAFIA GERAL E CONTEUDO DA INTERNET-SITE ESPECIALIZADO. (professor n. 35)**
Utilizo projetor, canetão, textos impressos, caixa de som, pequenos filmes ou documentários e músicas. (professor n. 15)	**Material repassado pelo GEFEM. (professor n. 36)**
Datashow e apostila. (professor n. 16)	**Datashow, Jogos de pergunta e resposta, mapas temáticos. (professor n. 37)**
Mapas, Atlas, textos jornalísticos impressos e atividades autorais. (professor n. 17)	**Data show. (professor n. 38)**
Em geral utilizo Materiais Impresso, Atlas Geográfico do Estado. (professor n. 18)	**Atlas geográfico e cópias de temas específicos (apostila). (professor n. 39)**
Utilizo o slides, que elaboro. (professor n. 19)	

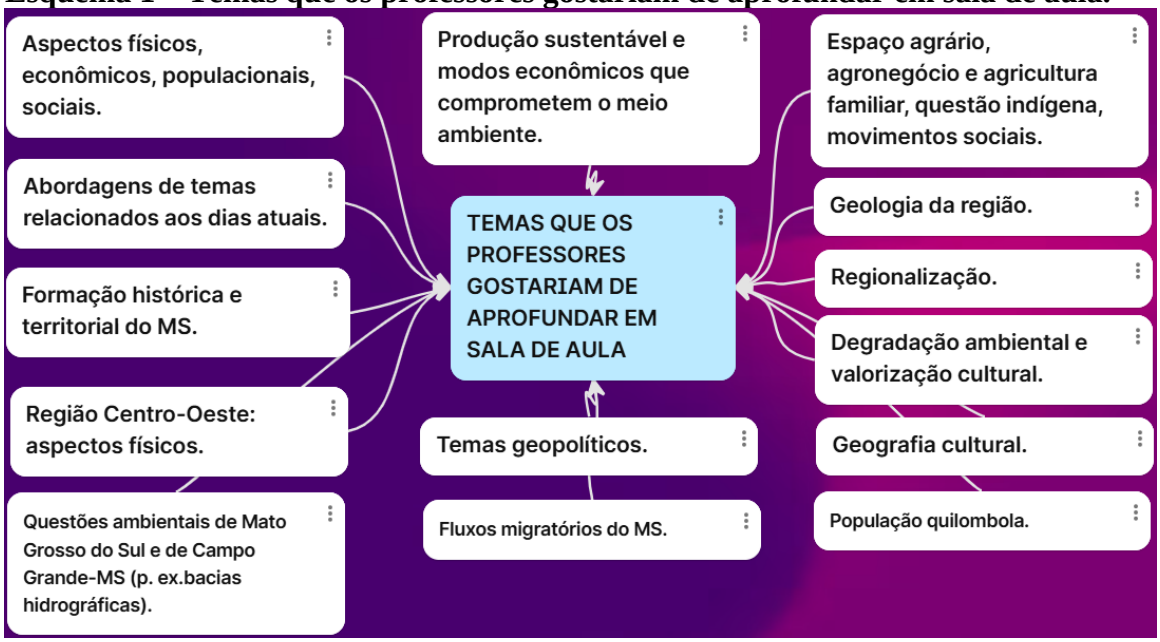
Google Earth, Mapas, Vídeos, Artigos e Textos (Curtos) por causa do tempo de 1h/a. (professor n. 20)	

Fonte: Questionário online. Elaboração própria.

Já sobre os temas relacionados à Geografia Regional que poderiam ser aprofundados em sala de aula (pergunta 13), também houve uma série de temáticas que os professores destacaram como prioridades. Os temas abaixo mais uma vez se repetem em relação às perguntas anteriormente feitas, destacando inúmeras temáticas referentes ao Mato Grosso do Sul, mas também sobre a Região Centro-Oeste.

Chama a atenção para temas sobre geopolítica, geografia cultural e sistemas econômicos que degradam o meio ambiente. Ou seja, são abordagens geográficas que vão além da análise regional, mas que indiretamente serão contemplados no material didático (por exemplo, a questão geopolítica influencia o estado de Mato Grosso do Sul na discussão sobre integração territorial via Corredor/Rota Bioceânica). No esquema a seguir (esquema 1), apresentaremos as repostas dos professores em forma de mapa conceitual:

Esquema 1 – Temas que os professores gostariam de aprofundar em sala de aula.



Fonte: Elaboração própria. Mapa conceitual elaborado através do site "padlet". Disponível em: https://padlet.com/gugadageo/meu-padlet-fabuloso-hxbclalxo2bi621

Por fim, a penúltima pergunta respondida pelos professores diz respeito sobre o que se entende por Geografia Regional. Tivemos algumas respostas indicando os aspectos físicos e humanos, econômicos e culturais; outros professores destacaram a ênfase nas vivências locais ou próximas a realidade dos estudantes; um professor pede que a Geografia Regional seja mais

sistematizada. A maioria dos professores entende que se estude ou aprofunde as características socioespaciais da Região Centro-Oeste, do estado de Mato Grosso do Sul e de Campo Grande. As respostas dessa pergunta estão no quadro 13 (selecionamos algumas respostas que não se repitam, em virtude do espaço).

Entendemos que, a partir das definições sobre Geografia Regional, percebe-se que os colegas trazem concepções teóricas desde uma geografia mais tradicional, passando por uma geografia crítica e também uma geografia cultural e humanista. Não existe uma única forma de mediar o conhecimento geográfico em sala de aula, e nem queremos que seja assim. Portanto, é preciso valorizar todas essas concepções e fazer com que o estudante se aproprie de determinados temas, conceitos, representações, desenvolvendo um senso reflexivo/crítico.

Quadro 13 – Respostas da questão: "Faça uma breve reflexão sobre o que é Geografia Regional".

Para conhecer melhor a região e se aprofundar melhor nos conhecimentos das questões físicas, culturais e sociais da região. (**professor n.1**)
Ensino das características físicas e humanas da Região Centro-oeste e de Mato Grosso do Sul. (**professor n.2**)
A Geografia Regional seria onde aborda a questão do espaço geográfico onde os alunos vivem e onde presenciamos a toda a mudança realizada durante o passar dos anos. (**professor n.3**)
Regionalização de um espaço geográfico, com ênfase na realidade e vivências locais ou de uma região. (**professor n.4**)
Apresentar a geografia mais próxima da realidade do estudante. (**professor n.5**)
Estudo da Região em especial o nosso estado Mato Grosso do Sul, conceituando e entendendo as características únicas, analisando os aspectos físicos, culturais e econômicos. E valorizar as riquezas naturais e culturas regionais. (**professor n.6**)
Entendo que a Geografia regional parte do local para o global, primeiramente entender onde se está no espaço geográfico, considerando as categorias da Geografia (Espaço, Território, Região, Paisagem e Lugar). (**professor n.7**)
Para mim, é estudar a região local de forma menos abrangente, porém aprofundada em vários aspectos geográficos como: território e territorialidade, organização política e econômica, população local, recursos naturais e fontes de energia. Os conteúdos precisam ser mais sistematizados para não prejudicar os estudantes e facilitar o trabalho do professor. (**professor n.8**)
Compreensão da região enquanto conceito cientificamente elaborado, plural e complexo mesmo quando compreendido dentro de um quadro da história e epistemologia da Geografia, que deve chegar ao estudante como uma forma de superar o senso comum e dar-lhe um sentido mais amplo e completo para analisar, compreender e transformar a realidade ao longo de sua vida. (**professor n.9**)
O conceito geográfico de região aponta, sendo sucinto, a percepção de similaridades dentro de um espaço pré determinado. Sendo assim estudar a geografia regional do MS pressupõe analisar aspectos humanos, naturais e culturais presente dentro do referido espaço. (**professor n.10**)
Estudarmos o passado histórico da nossa região, para compreendermos alguns fatores do presente, e planejarmos o futuro. (**professor n.11**)

Ensino voltado ao conhecimento do espaço geográfico que o sujeito habita e que faz parte de seu dia a dia. (**professor n.12**)
No contexto escolar entendo que a geografia regional tem o papel de abordar (situar) a formação da região Centro-Oeste de forma sintética e por objetivo disciplinar deve-se aprofundar a questão em torno do Estado de MS e sua formação histórica, econômica e cultural, considerando as dimensões físicas do território. (**professor n.13**)
A Geografia Regional, para mim, é como desvendar os segredos e encantos de cada cantinho do mundo. Entender a Geografia Regional é como abrir um mapa cheio de nuances e significados. É adentrar os territórios e desvendar os enigmas que os tornam únicos. É compreender que cada região é mais do que uma delimitação geográfica, é um conjunto de elementos que se entrelaçam para formar uma identidade singular. Na Geografia Regional, mergulhamos nas paisagens, nas culturas, nas economias locais, nas relações humanas e ambientais que moldam cada pedaço de terra. É um convite à descoberta, à apreciação da diversidade e à compreensão profunda do mundo em sua complexidade regionalizada. É olhar para além do horizonte e enxergar a riqueza escondida em cada lugar, revelando os tesouros que a geografia guarda para aqueles dispostos a explorá-la com olhos curiosos e coração aberto. (**professor n.14**)
Entendo a Geografia Regional como uma oportunidade de destacar as características próprias da região centro-oeste a partir de uma análise interescalar tendo como ponto de chegada ou partida, a realidade local. (**professor n. 15**)
Algo mais relacionado a MS e cg. (**professor n. 16**)
É a ancoragem territorial do aluno à sua realidade próxima e palpável, a partir da qual ele se capacita a compreensão do mundo. (**professor n. 17**)
Oportunizar o despertamento para o sentimento de pertencimento do estado a qual o aluno faz parte ou está inserido (mesmo que transitoriamente). (**professor n. 20**)
Eu aposto muito no conhecimento local, empírico e tradicional. os conteúdos clássicos relevo, clima, localização, cultura e ciclos econômicos. (**professor n. 22**)
Ela é de fundamental importância para entendermos, com atitudes do passado interferem na realidade socioeconômica atual. Nas divergências entre os povos indígenas e o agronegócio e as implicações ambientais. (**professor n. 25**)
Geografia Regional é o ramo da Geografia que estudas as diferentes regiões do planeta, de um país, considerando aspectos humanos e naturais. (**professor n. 27**)
No primeiro bimestre se mistura com Geografia "geral", formação e localização do território. Em seguida, foca em todo o Centro Oeste, por fim, especialmente no Mato Grosso do Sul, os alunos devem conhecer o estado que residem, ensino todos os aspectos geográficos, populacionais, sociais, econômicos, mostro a bandeira do estado e da capital, assim como o hino. (**professor n. 30**)
O ensino de geografia regional é de extrema importância não só para os estudantes das escolas municipais, como para todos os residentes do estado de MS, pois a pessoa que não tem conhecimento do lugar que mora (localização, economia, população, recursos naturais.) não consegue fazer a mudança necessária para a melhora do seu ambiente. (**professor n. 33**)
É a história de um estado. (**professor n. 36**)
Na geografia é muito importante reflexões e estudos que vão do micro ao macro, que fazem parte da vida do estudante para se ter uma melhor compreensão. No 7º ano, a disciplina de Geografia Geral abrange um estudo aprofundado sobre o Brasil ao longo do ano, explorando temas como formação, demografia, urbanização, regionalização, economia e as regiões brasileiras. E ter uma disciplina como Geo Regional, é muito importante, pois permite uma abordagem mais próxima das particularidades e realidades locais, enriquecendo os conteúdos e tendo uma maior conexão com o cotidiano dos alunos. (**professor n. 37**)

O ensino de Geografia Regional deve contemplar os aspectos sociais, econômicos, culturais do MS que contribuem e/ou dificultam o desenvolvimento da região Centro-Oeste, bem como tratar como essa região se relaciona com as economias e culturas de outras regiões. Apresentar dados comparativos entre as regiões tais como: coleta de lixo, tratamento da água, tratamento do esgoto, PIB, IDH, mortalidade infantil, expectativa de vida, grupos étnicos, etc. Tratar os temas numa perspectiva integrada e em diferentes escalas de análise. (**professor n. 39**)

Fonte: Questionário online. Elaboração própria.

Para finalizar este tópico, destaca-se uma Formação Continuada realizada pela Semed por meio da equipe de Geografia da Reme. Esta Formação reflete uma preocupação da disponibilização, elaboração e atualização de materiais didáticos sobre Geografia Regional. Tal Formação foi realizada no primeiro e segundo semestre de 2025[23] e que os professores puderam contribuir com temas que gostariam que fossem contemplados. No ano de 2026, a Equipe de Geografia da Semed disponibilizará um Guia Didático, que será dividido em quatro volumes: Volumes 01 e 02 já foram fornecidos para análise e avaliação dos professores de geografia. Volume 01 com atividades/material didático sobre a Região Centro-Oeste e Volume 02 com atividades/material didático sobre Mato Grosso do Sul (processo histórico de formação do MS, grupos étnicos e conflitos, fluxos migratórios, indicadores socioeconômicos, desigualdade social, conceitos de genocídio, preconceito, discriminação, racismo e respeito as diferenças).

Nesta formação foram feitas oito perguntas junto aos professores e que destacaremos algumas neste trabalho. A primeira pergunta foi: "Qual é o foco da Geografia Regional no currículo municipal?" e as respostas foram: 45% citam a Região Centro-Oeste, 49% citam o Mato Grosso do Sul e 31% citam a realidade do aluno. A maioria dos professores destacam o estudo da Região Centro-Oeste com ênfase no estado de Mato Grosso do Sul, considerando seus aspectos físicos, humanos, econômicos, históricos e culturais, com valorização da realidade local dos estudantes, numa perspectiva interescalar.

A segunda pergunta "Qual material você utiliza nas suas aulas de Geografia Regional?" Cerca de 72% responderam o livro didático e outras fontes (internet, sites institucionais, blog da geografia foram os mais citados) e 22% utilizam apenas fontes externas (sites, revistas etc.). Na quinta pergunta "Você sente dificuldades em trabalhar algum conhecimento específico? Qual?": aproximadamente 64% responderam que sentem dificuldade em trabalhar algum conhecimento específico (dificuldade em organizar, tempo para criar foram citados pelos professores) e 33% afirmaram que não. Dos professores que responderam "sim", a geografia

[23] Formação Continuada: "Geografia Regional: a produção coletiva de material didático". Disponível em: https://geomorena.blogspot.com/2024/09/geografia-regional-producao-coletiva-de.html

física (40%) foi o mais apontado, seguido pela população e economia (14%), cartografia (12%) e etnias (5%).

Por fim, na pergunta de número sete “Na sua opinião, qual tipo de material seria mais útil para apoiar o ensino da geografia regional?” Apostila ou livro didático foi o material didático mais preferido pelos professores (58%), seguido por mapas (26%), material impresso (10%) e jogos (3%). A equipe de geografia da Semed destaca que, para apoiar o ensino de Geografia Regional, o material mais útil é aquele que alia contextualização local, recursos visuais e interação com o território vivido. Eis uma combinação ideal de materiais: 1. Mapas temáticos atualizados (físicos e digitais); 2. Cadernos pedagógicos com foco regional; 3. Material audiovisual (documentários, vídeos de entrevistas locais, registros históricos).

Diante dessa Formação Continuada realizada pela Semed podemos então destacar que nosso trabalho está indo de encontro com a pesquisa realizada (online) e, por isso, o material didático elaborado atende, em grande parte, aos anseios dos professores. O fato também dos professores preferirem uma apostila ou cartilha ou livros está relacionado ao tempo escasso de preparação das aulas, uma vez que em nossos planejamentos precisamos atender demandas que fogem da nossa rotina de sala de aula. Por isso um material sistematizado e pronto para ser aplicado em sala de aula é muito bem-vindo.

5. ANÁLISE DO PRODUTO

5.1 Temáticas a serem desenvolvidas na Cartilha

Com base no levantamento online realizado com os professores que participaram da pesquisa, os temas contemplados nesta Cartilha foram:

1. O QUE É REGIÃO (propor atividades sobre o que é região, a importância de regionalizar um espaço, exemplos de regionalização oficiais de Mato Grosso do Sul)
2. FORMAÇÃO TERRITORIAL E POPULACIONAL DE MATO GROSSO DO SUL (trazer um pouco da história da ocupação do território sul-mato-grossense, desde os povos caçadores coletores, passando pelos povos indígenas, a colonização europeia, a província do Mato Grosso e a emancipação do estado do MS; também destacar alguns dados populacionais recentes sobre migrações, IDH, população urbana e rural)
3. BIOMAS E DOMÍNIOS MORFOCLIMÁTICOS DE MATO GROSSO DO SUL (destacar os aspectos físicos do clima, relevo, hidrografia, solos, vegetação – propor atividades sobre os três biomas – Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal – analisando e propondo atividades de maneira integrada aspectos físicos e humanos)

4. DIVERSIDADE ÉTNICA, GRUPOS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS E CONFLITOS PELA TERRA (grupos indígenas e quilombolas de Mato Grosso do Sul, analisar e propor atividades que reflitam sobre os conflitos envolvendo grupos indígenas e quilombolas, bem como destacar aspectos ligados aos modos de vida de populações tradicionais e elementos culturais)
5. GEOGRAFIA ECONÔMICA DE MATO GROSSO DO SUL (apresentar textos, dados sobre o PIB, o agronegócio, indústrias atuais, comércio e serviços, o turismo, a Rota Bioceânica, conflitos pela terra)

Em relação às múltiplas linguagens que pretendemos utilizar nesse material didático destacamos: mapas, textos, links de vídeos e músicas, jogos geográficos. A construção do material didático visou analisar/trabalhar com vários mapas temáticos, e não o mapa de forma isolada. Em relação a um tema importante na Geografia Regional, que é o Pantanal, é preciso lembrar das considerações de Silva e Silva Jr. quando mencionam que em uma atividade que tenha o clima como elemento central, explicar aos alunos que o clima é um aspecto primordial que afeta a vida social dos territórios; por isso, a alternância entre secas e enchentes no Pantanal do Centro Oeste dão bem o tom da importância do clima no redimensionamento social, econômico e cultural dos territórios. Os climas criam, então, conexões regionais para além dos territórios nacionais e continentais. (SILVA JR; SILVA, 2018). E comparar o clima com outras regiões do mundo, onde é um aspecto primordial que afeta a vida social nos territórios.

5.2 Limites e potencialidades do uso do material didático em sala de aula

O material didático produzido como produto final da pesquisa foi uma cartilha com exercícios, atividades, textos, mapas, indicações de vídeos, filmes, gráficos, infográficos, tabelas que sejam aplicados diretamente na sala de aula ou que sejam utilizados pelos professores para aprofundar/complementar temáticas. Os temas contemplados nessa cartilha (Cartilha “GeoMS”) seguiu dois princípios:

a) Temas solicitados pelos professores no questionário online;
b) Esses temas precisam estar no Referencial da Reme.

Uma potencialidade do trabalho é o fato de que pensamos em desenvolver um material didático que possa ser aplicado diretamente em sala de aula. Por isso, entramos em contato com empresas/técnicos que desenvolvem diagramação para que a Cartilha se torne atrativa

visualmente. A nossa preocupação é oferecer atividades práticas e úteis, mas ao mesmo oferecer, um rigor teórico-metodológico sobre as atividades escolhidas.

Ao mesmo tempo em que é um potencial para o trabalho, é também um limite a ser superado, uma vez que a referida Cartilha não irá atender a 100% das demandas vindas pelos diversos professores, que estão em escolas totalmente diferentes umas das outras, que atendem diversos públicos, comunidades, enfim, estudantes mais ou menos aplicados. Mas também em virtude da quantidade de páginas (a Cartilha final ficou entre 60 e 70 páginas). Algumas atividades podem ser complexas para determinados públicos da educação básica, pois sabemos da realidade escolar e da desigualdade que existe no ensino público.

Pensando nesses limites e potencialidades, esperamos oferecer uma contribuição relevante para a Geografia Regional, especialmente o estado de Mato Grosso do Sul. E futuros trabalhos que têm essa preocupação regional, podem contribuir para eventuais lacunas, melhorar e aprofundar conceitos e temas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até aqui, fizemos um debate teórico-metodológico a respeito do que venha a ser a região. É importante termos clareza que a região tem diversos significados, concepções teóricas e é utilizado em diversas ciências (humanas, físicas, exatas, biológicas). Por isso, fizemos alguns apontamentos sobre a região na perspectiva geográfica de Mato Grosso do Sul.

Em uma análise regional, dentro da Geografia, precisamos compreender, minimamente, os aspectos que compõem uma região, sejam eles aspectos naturais, culturais, econômicos, humanos, sociais. Evidentemente que a Geografia não explica todos os elementos de uma região, por isso, é preciso vislumbrar a totalidade (uma ação que une o particular e o universal), tema muito debatido por Milton Santos.

Em sala de aula, o estudante precisa se apropriar de diversos conhecimentos, muito embora saibamos que existe uma grande desigualdade no ensino brasileiro. Há enormes desafios colocados na perspectiva do ensino e da aprendizagem, e a Geografia contribui em oferecer um conhecimento que prioriza os fenômenos espaciais, tão importantes em tempos de globalização, aceleração do tempo e do espaço.

Nesse contexto, o que a Geografia Regional tem a contribuir com o processo de ensino e de aprendizagem? Os estudantes precisam conhecer o seu lugar, a sua região e relacionar com fenômenos espaciais que escapam ao lugar, mas que refletem diariamente no seu cotidiano. A

noção de localização, tão importante nessa etapa do Ensino Fundamental, deve ser prioridade, visto que, infelizmente, parte dos estudantes chegam ao sétimo ano e não sabem onde moram, o nome do bairro ou da rua, fazendo com que sua relação com o espaço da cidade seja realizada de maneira limitada.

Pensar também que existem diferenças espaciais é um objetivo central da aprendizagem em geografia e lembrar que essas diferenças são resultantes de características econômicas, sociais, históricas, culturais, políticas, naturais. Aqui, o objetivo é entender a região como movimento, como processo, não apenas como um recorte delimitado (Leopoldo, 2021). Pensar também que as regiões são agrupamentos de áreas que possuem similaridades, mas que podem apresentar diferenças (diversidade e desigualdade), evidenciando o caráter complexo e heterogêneo das regiões no período atual (Lelis, 2025).

O blog Geografia Morena serviu de inspiração para o desenvolvimento desse trabalho de conclusão, uma vez que possui um acervo de atividades de ensino e de aprendizagem voltados para os Anos Finais do Ensino Fundamental. É inspirador, também, pelo fato de oferecer práticas de ensino voltadas para a Geografia Regional do Mato Grosso do Sul (e em breve, um material completo com atividades, textos, um Guia Didático de Geografia Regional será disponibilizado no blog para todos os docentes).

Pensar a Geografia Regional de Mato Grosso do Sul é levar em consideração toda uma diversidade étnico-racial, cultural, econômica, física, demográfica em nosso estado. Por isso, a Cartilha visou atender parte dessa grande diversidade existente, sobretudo levou em consideração:

- a diversidade de regiões e sub-regiões em nosso estado (e às diversas concepções teórico-metodológicas a respeito da regionalização): regiões naturais, regiões econômicas, regiões culturais, regiões turísticas, regiões descontínuas, regiões geográficas e imediatas (IBGE);
- a diversidade populacional, étnico-racial, histórica e política que formou a população sul-mato-grossense: desde os povos caçadores-coletores que habitavam nosso território há milhares de anos, passando por povos indígenas (que ao longo da história, sofreu perseguições, expropriações de suas terras, colonização), depois a colonização de europeus (espanhóis e portugueses) e a história de formação do nosso estado (província de Mato Grosso até o atual estado de Mato Grosso do Sul);
- a diversidade física (rios, diversos tipos de relevo, vegetação, climas, solos) que ajuda a explicar a ocupação humana em nosso estado (aliado a isso, o potencial turístico e econômico): Planalto de Maracaju, rios Paraná e Paraguai, climas tropical e subtropical (regimes de chuvas,

estações quentes e frias e as atuais mudanças climáticas), a riqueza do Pantanal, do Cerrado e o resquício de Mata Atlântica;

- a diversidade (e desigualdade) econômica presente em nosso estado: o agronegócio, as indústrias de celulose, monoculturas de soja, cana-de-açúcar, milho, o setor de serviços na capital e em cidades médias e pequenas do interior, a concentração de riqueza e renda, a expropriação de terras de indígenas, quilombolas;

- a diversidade cultural, que com a imigração de japoneses, bolivianos, paraguaios, sírios, aliado a diversidade de povos indígenas e quilombolas, bem como a migração de sulistas, nordestinos e nortistas, contribuíram com a riqueza cultural do estado (muitas vezes marcado por violências).

Nossa contribuição é oferecer aos professores um material didático que visa o entendimento de fenômenos espaciais complexos (tais como os listados acima) no âmbito regional (Mato Grosso do Sul), mas que sejam significativos também para os estudantes. Por isso, a ideia de utilizar metodologias diversas, aliado a sugestões de materiais didáticos que apresentam diversas linguagens, é interessante nessa busca da aprendizagem.

Também é uma contribuição da relação ensino-aprendizagem a produção de um material didático organizado e sistematizado (no formato Cartilha) sobre a temática regional do estado de Mato Grosso do Sul. Tal temática, que é desenvolvida nos anos finais do ensino fundamental, consiste na discussão que focaliza a diversidade regional do estado (política, econômica, cultural e física).

Nesse sentido, a elaboração de um material didático voltado especificamente para a geografia regional de Mato Grosso do Sul não apenas organiza o conhecimento, mas também fortalece a identidade dos estudantes com o lugar onde vivem. Ao abordar aspectos como a dinâmica das fronteiras internacionais, a importância do Pantanal e do Cerrado, as heranças indígenas e da colonização, e as transformações econômicas desiguais ligadas ao agronegócio, o professor consegue tornar o aprendizado mais significativo e contextualizado. Assim, a relação ensino e aprendizagem ultrapassa a simples transmissão de informações e passa a incentivar o pensamento crítico e reflexivo, a valorização da diversidade regional e o exercício do raciocínio espacial por parte dos alunos dos anos finais do ensino fundamental.

Graças a participação dos professores através da pesquisa online (via *e-mail*), conseguimos alcançar mais docentes da rede municipal de ensino de Campo Grande, onde os colegas puderam contribuir com temas para a elaboração da Cartilha GeoMS. Também foi fundamental a Formação Continuada realizada pela equipe de Geografia da Semed, que está

desenvolvendo um material didático em Geografia Regional (Guia Didático), que há muito tempo é uma demanda dos professores de Campo Grande.

Para finalizar essas considerações finais, lembremos de Lencioni (2009) que o conhecimento científico se desenvolve na diversidade de concepções teóricas e em questões polêmicas, por isso essa variedade de noções que os professores têm sobre região, é um conhecimento escolar, científico que deve ser valorizado, debatido, esclarecido, sistematizado e ampliado.

7. REFERÊNCIAS

ARRAIS, T. A. A cidade e a região/a cidade-região: reconhecer processos, construir políticas. **Cadernos Metrópole**, *[S. l.]*, n. 20, 2012. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/8637. Acesso em: 22 jul. 2024.

BASTAZINI, Rafael. Campo Grande: do passado disperso ao presente fragmentado. In: BASTAZINI, Rafael. **Fragmentação e mobilidade socioespaciais em Campo Grande/MS e Dourados /MS**. 2023. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2023. p. 107-131. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstreams/bf2fcdb9-3ceb-409b-aec9-fe4968f2ec40/download. Acesso em: 22 jul. 2024.

BENTO, Victor Régio da Silva. A produção de cartilhas como ferramenta para o ensino de geografia. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, *[S. l.]*, v. 6, n. 3, p. 81–94, 2024. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/259517. Acesso em: 23 dez. 2025.

BRASIL, CAPES. **Grupo de trabalho Produção Técnica**. Brasília, 2019. Disponível em:https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf. Acesso em: 22 Dez. de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Brasília. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental**.** Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2017. p. 359-395. Disponível em:< http://basenacionalcomum.mec.gov.br>/. Acesso em: 13 de Nov. de 2023.

BLOG **Geografia Morena (Geomorena)**. Disponível em: <http://geomorena.blogspot.com>/. Acesso em: 13 de Nov. 2023.

CAMPO GRANDE. Secretaria Municipal de Educação. **Referencial Curricular – Ciências Humanas – Geografia**. 2020. Disponível em: https://gefem-semed.blogspot.com/p/referencial-curricular-da-reme-2020.html.

CAMPOS, E.; BUITONI, M. M. S. Região e regionalização no currículo escolar. BUITONI, M. M. S. (Coord.) **Geografia**: ensino fundamental. Brasília: MEC, 2010. p. 89-110.

CASTRO, Iná Elias de. A questão regional como problema para análise do regionalismo. LEOPOLDO, Eudes et al (Orgs.) **Por uma nova geografia regional**. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 49-62.

CAVALCANTI, L. S. **Pensar pela Geografia**: ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019. 232 p.

CLEMENTE DE SOUZA, Edson Belo; GEMELLI, Vanderléia. Território, região e fronteira. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 2, p. 101-116, nov. 2011.

COSTA, Kathe Ellen Sousa et al.. **A cartilha como recurso didático no ensino de geografia**. Anais IX CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/97830>. Acesso em: 22 dez. 2025.

COSTA, Marcus Vinicius. **O Ensino de Geografia Geral e Geografia Regional nas escolas municipais de Campo Grande-MS**: uma abordagem a Política de implementação da "Lei do Piso" e sua prática. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2020.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Regionalizações do espaço brasileiro – mantendo vivo o debate regional. LEOPOLDO, Eudes et al (Orgs.) **Por uma nova geografia regional**. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 93-112.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4ª Ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 55ª Ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FRÉMONT, Armand. Regiões. _____ **A região, espaço vivido**. Tradução de Antonio Gonçalves. Coimbra: Livraria Almedina, 1980. p. 167-195.

GEORGE, P. A região como objeto de estudo da geografia. GEORGE, P.; GUGLIEMO, R.; LACOSTE, Y. **A Geografia Ativa**. São Paulo: Difel, 1980. p. 281-324.

GIANSANTI, Roberto. **Série professor em ação: atividades para aulas de geografia**: ensino fundamental, 6 ao 9 ano. São Paulo: Nova Espiral, 2009.

GRESSLER, L. A.; VASCONCELOS, L. M. **Geografia do Mato Grosso do Sul**. São Paulo: FTD, 2005. 159 p.

GUIMARÃES, Iara Vieira. Ensinar e aprender Geografia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Ensino em Re-Vista**, v. 25, número especial, 2018, p. 1036-1055.

GUIMARÃES, Raul Borges; ARAÚJO, Regina. **Moderna em formação**: geografia – livro do professor. São Paulo: Moderna, 2021. 144 p.

HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Revista Antares**, n. 3, p. 2-24, jan./jun. 2010.

_____. Por uma descolonização da região em Geografia. LEOPOLDO, Eudes et al (Orgs.) **Por uma nova geografia regional**. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 25-48.

HOECKEL, Paulo Henrique; COSTA, Maria Cristina Vezzu. Diferenças socioeconômicas regionais nos municípios de Mato Grosso do Sul. **Geosul**, Florianópolis, v. 36, n. 79, p. 36-61, mai./ago. 2021. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/75832/47115. Acesso em 22 jul. 2024.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE - Cidades**. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/campo-grande/panorama. Acesso em: 01 ago. 2024.

IDESF – INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DE FRONTEIRAS. **Mato Grosso do Sul**: fronteira estratégica para o crime organizado. 2022. Disponível em: https://www.idesf.org.br/2022/07/01/mato-grosso-do-sul-fronteira-estrategica-para-o-crime-organizado/. Acesso em 22 jul. 2024.

LACOSTE, Yves. A colocação de um poderoso conceito-obstáculo: a região-personagem. _____. **A Geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19 ª Ed. Tradução de Maria Cecília França. Campinas: Papirus, 2011. p. 57-64.

LELIS, Leandro Reginaldo Maximino. O Kahoot! no ensino de Geografia. **Revista Geoaraguaia**, *[S. l.]*, v. 15, n. 2, p. 1–21, 2025. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/19402. Acesso em: 2 maio. 2026.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 2009. 224 p.

LEOPOLDO, Eudes. A região e sua descoberta pela Geografia no século XXI. LEOPOLDO, Eudes et al (Orgs.) **Por uma nova geografia regional**. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 63-78.

LIMA, Salvadora Caceres Alcântara de; ABREU, Silvana de. Reflexão sobre a temática regional e o ensino de geografia. **GEOGRAFIA Revista do Departamento de Geociências**, v. 14, n. 1, p. 179-195, jan./jun. 2005.

LUZ NETO, Daniel Rodrigues Silva; LEITE, Cristina Maria Costa. Elementos constituintes do raciocínio geográfico: uma discussão teórica para a Educação Básica. **Signos Geográficos**. Goiânia-GO, V.3, 2021. Disponível em: https://revistas.ufg.br/signos/article/view/63474. Acesso em: 13 nov. 2023.

MARKUSEN, A. R. Região e Regionalismo: um enfoque marxista. **Espaço & Debates**, v. 01, n. 02, p. 61-99, mai./ago. 1981.

MONDARDO, Marcos. O local, o regional e o nacional como escalas geográficas das práticas, lutas e direitos. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 30, p. 148-169, 2020.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteiras e regiões: entre descontinuidades, partições e rupturas. LEOPOLDO, Eudes et al (Orgs.) **Por uma nova geografia regional**. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 147-162.

PLANURB – Agência Municipal de Meio Ambiente e Planejamento Urbano. **Perfil socioeconômico de Campo Grande**. Campo Grande: Planurb, 2020. Disponível em: https://prefcg-repositorio.campogrande.ms.gov.br/wp-cdn/uploads/sites/18/2020/10/PERFIL-COMPLETO-PDF.pdf. Acesso em 01 ago. 2024.

ROCHA, Ana A. N. da; AGUIAR, Luciana C. B.; Por que traímos o espaço geográfico? Notas para uma conversa curricular. **Revista Geoaraguaia**, v.12, 2022, p. 06-23 - Esp. Dossiê Educ. Geografia.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2012. 384 p.

SERPA, Angelo. Redescobrir a perspectiva do "espaço vivido" para a abordagem do conceito de região em geografia. LEOPOLDO, Eudes et al (Orgs.) **Por uma nova geografia regional**. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 79-92.

SILVA, Jailton Santos; SILVA, Gilcileide Rodrigues da. A implementação da BNCC e suas repercussões no trabalho docente: uma análise a partir das narrativas dos sujeitos. **Terra Livre**, v. 2, n. 55, p. 449-483, 2020.

SILVA, Solange Rodrigues; NUNES, Flaviana G. Conflitos territoriais e racionalidades divergentes: contribuições da geografia escolar para luta e (re) existência dos Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul. **Revista NERA**, v. 23, n. 52, p. 110-132, dossiê, 2020.

SILVA JR., Hilton M. da; SILVA, Augusto C. P. da. Os estudos regionais do mundo no ensino da geográfica escolar. **GeoPUC**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 55-70, jul./dez. 2018.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Região, bairro e setor geográfico. _____. **Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. p. 135-162.

UOL. **Verba proposta para livro e material didático em 2023 é R$ 700 mi menor**. Disponível em: https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/11/27/verba-livro-didatico-2023.htm. Acesso em 12 nov. 2023.

ZANOTELLI, Cláudio. A cidade neoliberal. LEOPOLDO, Eudes et al (Orgs.) **Por uma nova geografia regional**. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 199-220.

APÊNDICE – CARTILHA GEOMS

Prezado(a) professor(a), a Cartilha GEOMS pode ser acessada em documento separado ou a próxima página.



GEOMS

GUSTAVO HENRIQUE DE ALMEIDA FERREIRA

GEOGRAFIA REGIONAL

Ensino Fundamental



APRESENTAÇÃO

Este material didático foi desenvolvido com o objetivo de elaborar um material didático com atividades diversificadas sobre o ensino de Geografia Regional do estado de Mato Grosso do Sul, apresentando conteúdos adaptados para estudantes do sétimo ano do Ensino Fundamental – Anos finais. Busca atender a diversidade regional presente em nosso estado, que se manifesta na cultura, na política, na população, nos aspectos físicos e na economia.

O material didático é fruto de um processo de compilação e produção autoral, sendo disponibilizado de forma inteiramente gratuita. Cabe ressaltar o compromisso com a propriedade intelectual, isto é, todos os autores foram identificados e as imagens utilizadas receberam os devidos créditos.

A proposta central desta Cartilha é oferecer ao docente um suporte que otimize a dinâmica do ensino e da aprendizagem. O material foi estruturado para refletir a realidade do que é trabalhado em sala de aula, servindo como uma extensão direta dos anseios dos professores. Desta forma, busca-se não apenas facilitar o planejamento do professor, mas também proporcionar ao aluno um guia seguro para o estudo no ambiente escolar.

Além disso, a cartilha inclui exercícios de revisão sistemática ao final de cada capítulo, permitindo a fixação dos conceitos e a autoavaliação do progresso acadêmico. O professor têm liberdade para adequar as atividades na sua escola, por isso os exercícios são sugestões. Entretanto, procuramos adequar a linguagem de forma objetiva e didática, afim de que esta Cartilha possa ser utilizada em diferentes realidades escolares.

O material disponibilizado é parte de uma demanda histórica dos professores da rede municipal de ensino de Campo Grande (Reme), que a partir da inserção do componente curricular Geografia Regional em 2013, não houve, inicialmente, uma preocupação em disponibilizar material didático para os professores.

Por isso, agradeço imensamente aos professores de Geografia da Reme que, gentilmente, colaboraram com nossa pesquisa com temas para compor esta Cartilha. Por fim, ressaltamos que essa Cartilha não esgota os temas mais relevantes do nosso estado, muito pelo contrário, é apenas um ponto de partida. Que outros professores, estudiosos e pesquisadores da ciência geográfica possam ampliar esse material aqui disponibilizado. Muito obrigado!

SUMÁRIO

1 REGIONALIZAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL.....5
1.1 Região e regionalização.....6
1.2 Tipos de regiões.....7
1.3 Outras regionalizações.....13
Testando seus conhecimentos.....14
Propostas de Atividades.....15

2 FORMAÇÃO TERRITORIAL E POPULACIONAL DE MATO GROSSO DO SUL.....16
2.1 História da Ocupação do Território Sul-Mato-Grossense.....20
2.1.1 Povos caçadores-coletores.....20
2.1.2 O Período Colonial e a Disputa Luso-Espanhola.....22
2.1.3 Do Brasil República à Consolidação de Mato Grosso do Sul.....27
2.1.4 Movimento Divisionista.....30
Testando seus conhecimentos.....32
Propostas de Atividades.....33

3 BIOMAS E DOMÍNIOS MORFOCLIMÁTICOS DE MATO GROSSO DO SUL.....34
3.1 Relevo.....35
3.2 Clima.....36
3.3 Hidrografia.....37
3.4 Solos.....39
3.5 Vegetação.....41
Testando seus conhecimentos.....44
Propostas de Atividades.....45

4 DIVERSIDADE ÉTNICA DE MATO GROSSO DO SUL.....47
4.1 Povos indígenas de Mato Grosso do Sul.....48
4.1.1 Território em Disputa: Indígenas e Agronegócio.....49
4.1.2 Conquistas e Desafios Atuais.....51
4.2 Povos quilombolas de Mato Grosso do Sul.....52
4.3 Desafios dos Povos Indígenas e das Comunidades Quilombolas.....55
Testando seus conhecimentos.....57
Propostas de Atividades.....57

5 GEOGRAFIA ECONÔMICA DE MATO GROSSO DO SUL.....59
5.1 Setor Primário da economia.....60

5.2 Setor Secundário da economia.....64
5.3 Setor Terciário da economia.....65
Testando seus conhecimentos.....69
Propostas de Atividades.....70

REFERÊNCIAS.....72

1 REGIONALIZAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL

HABILIDADES DE ACORDO COM O REFERENCIAL DA REME: (CG.EF07GER01.d) Distinguir unidades político-administrativas oficiais nacionais (distrito, município, unidade da federação e grande região), suas fronteiras, localizando o Mato Grosso do Sul.

A Geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico, ou seja, o espaço produzido a partir das relações entre a sociedade e a natureza. Esse espaço é transformado pelas ações humanas para atender às necessidades das pessoas, como moradia, trabalho, transporte e lazer.

Para compreender o espaço geográfico, um dos conceitos mais importantes é o de região. De maneira simples, região é uma parte do espaço geográfico que O uso do conceito de região ajuda a organizar o território e facilita o estudo do espaço geográfico, pois possui características semelhantes ou relativamente diferente das áreas vizinhas. Essas características podem ser naturais (clima, relevo, vegetação), econômicas (atividades produtivas), sociais, culturais ou políticas.

permite comparar áreas e entender melhor suas semelhanças e diferenças.

De acordo com o geógrafo Milton Santos (2008), a região é construída a partir das relações sociais que acontecem naquele espaço. Isso significa que as regiões podem mudar ao longo do tempo, conforme se alteram as atividades econômicas, as tecnologias e a forma como a sociedade se organizam.

Nesse mesmo sentido, Pierre George (1980) afirma que a região é uma criação humana, pois o ser humano tem um papel fundamental na transformação e na evolução do espaço geográfico. Assim, as regiões não são permanentes: elas se transformam conforme as ações humanas modificam o espaço ao longo do tempo.

PARA SABER MAIS - PROFESSOR

Artigo sobre a Regionalização do espaço e o ensino de geografia (Referência: CAMPOS, E.; BUITONI, M. M. S. Região e regionalização no currículo escolar. BUITONI, M. M. S. (Coord.) **Geografia**: ensino fundamental. Brasília: MEC, 2010. p. 89-110.)

Artigo que traz uma periodização a respeito das regionalizações do território brasileiro (Referência: CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Regionalizações do espaço brasileiro – mantendo vivo o debate regional. LEOPOLDO, Eudes et al (Orgs.) **Por uma nova geografia regional**. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. p. 93-112.).

Mapa – Regiões Geográficas de Mato Grosso do Sul: imediatas e intermediárias. Disponível em:

1.1 Região e regionalização

Você já reparou como organizamos as coisas no nosso dia a dia para facilitar a vida? Na escola, os livros são separados por matérias; já em casa, as roupas são guardadas por tipo (camisetas em uma gaveta, meias em outra). Na Geografia, fazemos algo muito parecido com o território: chamamos isso de “regionalizar”.

O espaço geográfico que nos rodeia é imenso e repleto de detalhes, apresentando diferentes tipos de vegetação, climas variados e cidades com características distintas. Para que possamos estudar e administrar um território tão vasto, a Geografia utiliza uma ferramenta essencial chamada regionalização.

Regionalizar significa dividir uma grande área (como um país ou um estado) em partes menores, chamadas de regiões, para que possamos estudá-las e entendê-las melhor. Em termos simples, é o ato de dividir o espaço em partes menores, as regiões, utilizando-se critérios específicos que funcionam como “regras de organização”. Essas divisões não são fixas e podem mudar completamente dependendo do objetivo de quem as cria. Quando o interesse é compreender o meio ambiente, utilizam-se critérios naturais, agrupando áreas com relevo, clima ou vegetação semelhantes, como ocorre ao identificarmos a região do Pantanal.

Por outro lado, se o objetivo for entender como as pessoas vivem e trabalham, os critérios podem ser econômicos ou sociais, destacando zonas de produção industrial ou áreas com tradições culturais específicas. Existem também as divisões políticas e administrativas, criadas pelos governos para organizar a gestão de estados e municípios. Portanto, a região é uma construção humana que nos ajuda a ordenar o espaço geográfico, permitindo que cada recorte do território seja analisado de acordo com as suas características mais marcantes.

Regionalizar é como organizar o mundo em "pastas" para que possamos entender melhor as diferenças e desigualdades que existem em cada lugar. É importante perceber que as regiões não nascem sozinhas na natureza; elas são criadas por pessoas — geógrafos, estudiosos e governantes. Por isso, uma região depende sempre dos critérios escolhidos e da intenção de quem a está definindo. Além disso, o sentimento de pertencer a uma região (o chamado regionalismo) pode ser tão forte que motiva grupos de pessoas a lutarem por mais autonomia. Em alguns casos, essa união regional é o que dá origem à criação de novos estados ou unidades administrativas, transformando a organização do mapa que conhecemos.

1.2 Tipos de regiões

Na Geografia, podem ser identificados diferentes tipos de regiões. Entre as principais, destacam-se:

Diagrama 01. Tipos de Regiões Geográficas



REGIÕES NATURAIS

Definidas a partir de elementos da natureza, como clima, relevo e vegetação.



REGIÕES ECONÔMICAS

Organizadas com base nas atividades econômicas predominantes, como regiões industriais ou agrícolas.

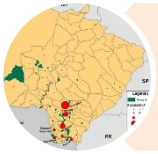


REGIÕES CULTURAIS

Caracterizadas por costumes, tradições, religião e identidade cultural.

REGIÕES POLÍTICAS OU ADMINISTRATIVAS

Estabelecidas por decisões do Estado, como países, estados e municípios.



REGIÕES DESCONTÍNUAS

Regiões formadas por áreas espacialmente separadas, mas articuladas por vínculos sociais, culturais, econômicos e simbólicos.

Fonte: Elaboração própria, com informações de Dellore, 2022. Livro didático – Geografia – Araribá, 8 ano e Rogério Haesbaert, 2010.

No caso do Brasil, uma regionalização bastante conhecida é a do IBGE, que divide o país em cinco grandes regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Essa divisão considera critérios físicos, econômicos e sociais, facilitando o planejamento e a análise do território nacional.

Figura 1 – Brasil – Grande Regiões



Fonte IBGE. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/produtos_educacionais/mapas_tematicos/mapas_do_brasil/mapas_nacionais/politico/brasil_grandes_regioes.pdf

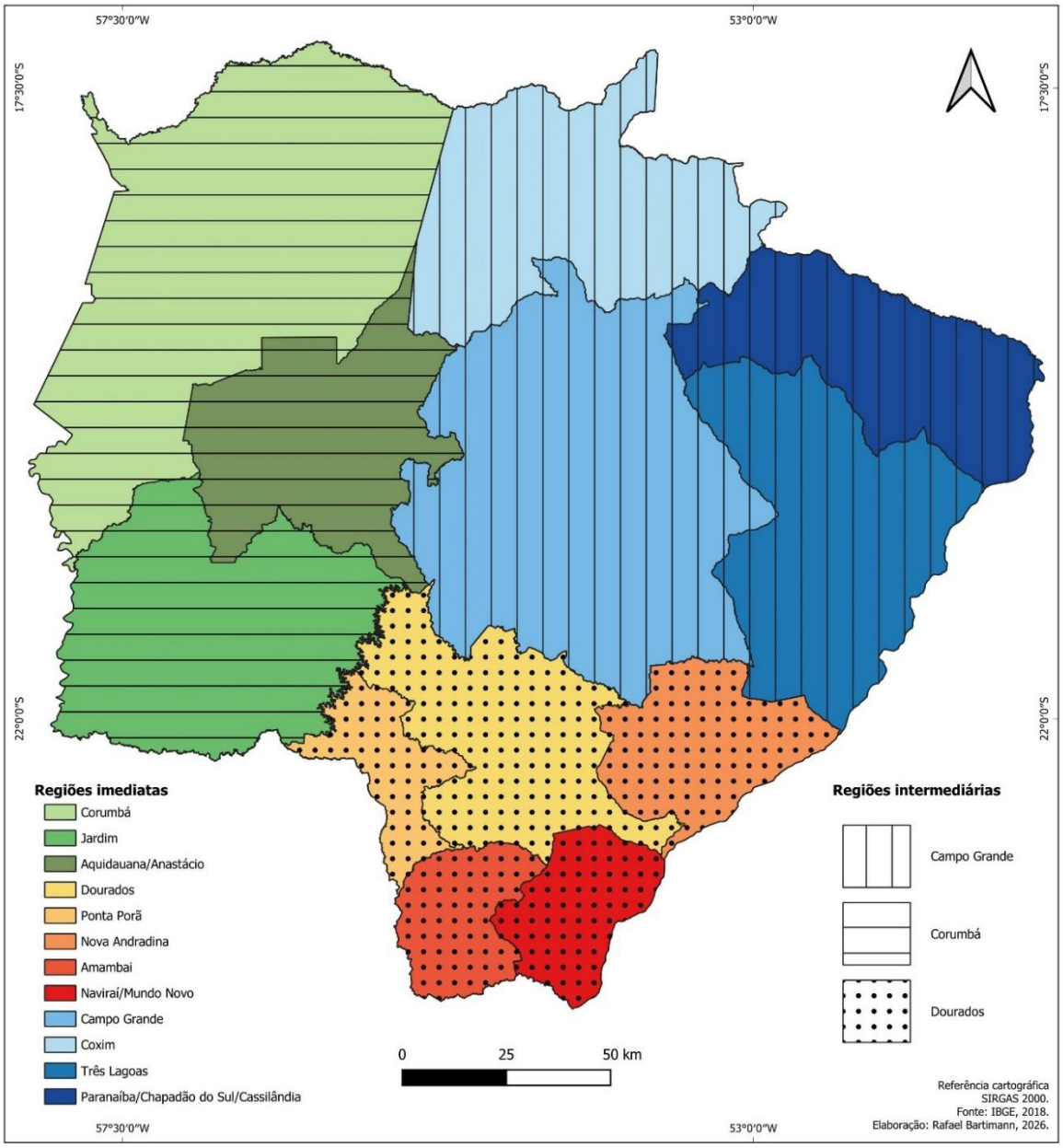
O estudo das regiões ajuda a entender melhor as semelhanças e diferenças entre os lugares. Por meio desse estudo, é possível compreender problemas importantes da sociedade, como as desigualdades sociais, a concentração de riqueza e o acesso desigual a serviços, como saúde, educação e transporte.

Conforme Santos (2008), compreender a região é essencial para entender como a sociedade funciona no espaço geográfico. Para o autor, cada região mostra, de maneira própria, a relação entre a sociedade e a natureza, pois essas relações variam de um lugar para outro.

Dessa forma, observa-se que o conceito de região é uma ferramenta indispensável para os estudantes desenvolverem uma visão mais crítica sobre o mundo em que vivem e sobre as transformações que ocorrem no espaço geográfico ao longo do tempo. É importante destacar que a região não é algo dado pela natureza, mas uma construção intelectual.

Como exemplo, o estado de Mato Grosso do Sul faz parte da Região Centro-Oeste, de acordo com a regionalização oficial do IBGE. No entanto, dentro do próprio estado existem divisões internas, baseadas em aspectos econômicos, sociais e identitários, que mostram como um mesmo território pode ser analisado sob diferentes perspectivas críticas.

Figura 2 – Regiões intermediárias e imediatas de Mato Grosso do Sul.



Fonte: IBGE, 2026.

O estado de Mato Grosso do Sul foi definido em três macrorregiões: Campo Grande, Dourados e Três Lagoas, nas quais se distribuem onze microrregiões: Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Coxim, Jardim, Dourados, Naviraí, Nova Andradina, Ponta Porã, Paranaíba e Três Lagoas.

Os 79 municípios do estado encontram-se distribuídos da seguinte maneira nessas regiões.

A Região Intermediária de Campo Grande – é composta por 32 municípios, distribuídos em quatro regiões imediatas:

VOCÊ SABIA?

que a regionalização ajuda a organizar o território e facilita o planejamento de políticas públicas, como saúde, educação e transporte

Regiões Imediatas	Municípios
Campo Grande	13
Coxim	07
Paranaíba / Chapadão do Sul / Cassilândia	06
Três Lagoas	06

A Região Intermediária de Dourados – conta com 34 municípios, distribuídos em cinco regiões imediatas:

Regiões Imediatas	Municípios
Amambai	05
Dourados	13
Naviraí / Mundo Novo	06
Nova Andradina	07
Ponta Porã	03

A Região Intermediária de Corumbá – é composta por 13 municípios, distribuídos em três regiões imediatas:

Regiões Imediatas	Municípios
Aquidauana / Anástacio	04
Corumbá	02
Jardim	07

VOCÊ SABIA?

Você sabia que uma *região* pode ser entendida de várias formas? Segundo a National Geographic, uma região é uma área da superfície terrestre com características em comum — e essas características podem ser físicas (como clima ou vegetação), humanas (como idioma ou tradições) ou resultantes da interação entre natureza e sociedade.

Quer saber mais? Acesse: *National Geographic — Region* (em inglês)

Essa estrutura serve para que o governo federal e estadual entenda quais cidades exercem maior influência sobre as outras, facilitando o planejamento de investimentos em saúde, educação e transporte, já que as pessoas tendem a se deslocar para os polos regionais em busca de serviços.

Outro exemplo fundamental de regionalização oficial é a divisão em Regiões de Planejamento[24], utilizada pelo governo estadual para gerir os recursos públicos. Um exemplo marcante é a Região da Grande Dourados ou a Região do Bolsão, no leste do estado. Nessas divisões, o critério principal é a integração econômica e social.

Além dessas, existem as regionalizações para fins específicos, como as Regiões Turísticas[25]. Mato Grosso do Sul é dividido oficialmente em rotas como a Bonito-Serra da Bodoquena, Pantanal e Caminhos da Fronteira. Aqui, o critério é o potencial turístico e a preservação ambiental.

Portanto, essas regionalizações mostram que o espaço geográfico sul-mato-grossense é multifacetado: uma mesma cidade pode pertencer a uma região administrativa para receber verbas de saúde e, ao mesmo tempo, fazer parte de uma região turística para atrair visitantes. Portanto, as regionalizações oficiais são instrumentos de poder e organização.

1.3 Outras regionalizações

Tradicionalmente, a regionalização foi pensada como a divisão do espaço em áreas contínuas, delimitadas por fronteiras bem definidas. No entanto, Rogério Haesbaert (2014) propõe uma leitura mais complexa do território ao trabalhar com o conceito de **regiões descontínuas**, isto é, regiões formadas por áreas espacialmente separadas, mas articuladas por vínculos sociais, culturais, econômicos e simbólicos.

Segundo o autor, a região não precisa ser um espaço compacto e contíguo, ela pode ser constituída por fragmentos espalhados no território, conectados por redes, identidades e práticas sociais. Essa abordagem rompe com a ideia clássica de região como "mancha contínua no mapa" e reconhece que, no mundo contemporâneo, os territórios são cada vez mais múltiplos, sobrepostos e vividos de formas diversas.

Um exemplo claro dessa regionalização descontínua pode ser observado na organização espacial dos povos indígenas no Brasil. As terras indígenas não formam um bloco único: estão distribuídas em diferentes pontos do território nacional, muitas vezes separadas por cidades, fazendas ou rodovias. Apesar dessa fragmentação espacial, esses povos compartilham elementos culturais, históricos e identitários que os conectam, formando uma verdadeira região sociocultural descontínua.

---

[24] Regiões de Planejamento de Mato Grosso do Sul. Disponível em: https://www.semadesc.ms.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/estudo_dimensao_territorial_2015.pdf

[25] Mapa do turismo – 2026. Disponível em: https://mapa.turismo.gov.br/mapa/init.html#/home

No caso de Mato Grosso do Sul, por exemplo, etnias como Guarani Kaiowá, Terena, Kadiwéu e Guató vivem em áreas geograficamente separadas, mas mantêm relações baseadas em ancestralidade, modos de vida, espiritualidade e luta coletiva pelo território. Essas conexões produzem uma regionalização que não pode ser compreendida apenas por critérios físicos ou administrativos, mas exige a consideração das redes de pertencimento e resistência. Assim, a regionalização baseada nos povos indígenas evidencia que o território vai além do espaço material: ele envolve memória, identidade e relações sociais.

Conforme Haesbaert (2014) destaca, vivemos em uma realidade marcada pela multiterritorialidade, na qual diferentes grupos constroem e vivenciam seus territórios de maneira simultânea, muitas vezes em condição de desigualdade. Portanto, pensar a regionalização a partir das regiões descontínuas permite compreender melhor a diversidade do espaço geográfico e reconhecer que as regiões são construções sociais dinâmicas. Essa perspectiva amplia o olhar da Geografia, valorizando sujeitos historicamente invisibilizados e mostrando que o mapa não revela apenas limites físicos, mas também histórias, culturas e formas de resistência.

CURIOSIDADES

A região leste de Mato Grosso do Sul, conhecida historicamente como Bolsão, passa hoje por uma das maiores transformações geográficas do Brasil. Cidades como Três Lagoas, Selvíria e Ribas do Rio Pardo formam o coração do chamado Vale da Celulose.
Essa denominação deve-se à substituição das antigas pastagens de gado por imensas florestas plantadas de eucalipto, que alimentam algumas das maiores e mais modernas fábricas de celulose do mundo. A localização é estratégica: a proximidade com o Rio Paraná e com o estado de São Paulo facilita o transporte da produção para o Porto de Santos, de onde o papel e a celulose sul-mato-grossense partem para abastecer o mercado global.

TESTANDO SEUS CONHECIMENTOS

Regionalizar significa dividir o _____ em partes menores para facilitar o estudo e a administração.

Dentro do estado, existem divisões como a _____ do Pantanal ou a Região do Bolsão.



MS faz parte da região

_____

Na Geografia, podem ser identificados diferentes tipos de regiões. Entre as principais, destacam-se:

_____
_____
_____
_____
_____

O estado de Mato Grosso do Sul foi definido em três macrorregiões:

_____
_____

___nas quais se distribuem onze microrregiões:_____

_____
_____
_____
_____
_____

ANOTAÇÕES

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Compreensão do texto:

1) De maneira geral, o que você entende por região considerando a discussão apresentada?

2) Cite dois critérios que podem ser usados para regionalizar um espaço.

Para Refletir:

Explique, com suas próprias palavras, por que podemos afirmar que a região não é um dado da natureza, mas uma construção humana.

Produção textual:

A regionalização é uma forma de dividir o território em regiões com características semelhantes. Agora, em dupla, escreva um texto de 8 a 12 linhas respondendo à seguinte questão: Por que a regionalização do país é importante para o planejamento do administrativo do governo?

Atividade prática

Construindo um infográfico das macrorregiões de Mato Grosso do Sul
Passo-a-passo:
Desenhe o mapa do estado de Mato Grosso do Sul em uma cartolina, divida-o em três grandes áreas (macrorregiões) indicando com as seguintes cores:

🔵 Azul (Campo Grande) 🟢 Verde (Dourados) 🟠 Laranja (Três Lagoas)

Após a pintura, crie uma legenda, explicando o significado de cada cor utilizada.
Ao lado de cada macrorregião, desenhe uma caixa explicativa e preencha com as informações de cada macrorregiões com seus respectivos municípios.[26]

[26] Professor(a), sugere-se disponibilizar aos estudantes um mapa mudo do estado de Mato Grosso do Sul: https://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/estado/ms/estado-mato-grosso-do-sul-municipios.jpg

2 FORMAÇÃO TERRITORIAL E POPULACIONAL DE MATO GROSSO DO SUL

HABILIDADES DE ACORDO COM O REFERENCIAL DA REME: (CG.EF07GER02.d) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Mato Grosso do Sul, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas. (CG.EF07GER03.d) Interpretar e elaborar mapas temáticos e históricos, inclusive utilizando tecnologias digitais, com informações demográficas e econômicas do Centro-Oeste e do Mato Grosso do Sul (cartogramas), identificando padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais. (CG.EF07GER06.d) Descrever processos migratórios e suas contribuições para a formação da população sul-mato-grossense.

Para compreender a formação territorial e populacional de Mato Grosso do Sul, é fundamental, inicialmente, conhecer sua localização geográfica e algumas de suas principais características físicas.

O espaço geográfico de um território influencia diretamente sua ocupação, as formas de uso da terra, os fluxos populacionais e as atividades econômicas desenvolvidas ao longo do tempo. Mato Grosso do Sul está situado na Região Centro-Oeste do Brasil, ocupando uma posição estratégica no território nacional e mantendo fronteiras tanto com outros estados brasileiros quanto com países da América do Sul. Essa localização favoreceu, historicamente, a circulação de pessoas, mercadorias e culturas, contribuindo para a diversidade populacional e cultural presente no estado.

Figura 3 – Posição geográfica de Mato Grosso do Sul



Fonte; IBGE, 2025.

Você sabia?

Mato Grosso do Sul ocupa uma posição estratégica no território brasileiro. O estado faz fronteira com dois países — Paraguai e Bolívia — e com importantes estados brasileiros, como São Paulo, Paraná, Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso. Essa localização favoreceu, ao longo da história, a circulação de pessoas, mercadorias e culturas, contribuindo para a diversidade populacional do estado.
Além disso, a presença de grandes rios, como o rio Paraguai e o rio Paraná, facilitou a ocupação do território e o desenvolvimento de atividades econômicas, como a pecuária, a agricultura e o comércio.

PARA SABER MAIS – PROFESSOR

Video-aula:
Aspectos demográficos de Mato Grosso do Sul

Material:

Vídeo-aula: O processo de formação populacional e territorial de MS

Material:

Perfil socioeconômico de Campo Grande (Referência: PLANURB – Agência Municipal de Meio Ambiente e Planejamento Urbano. **Perfil socioeconômico de Campo Grande**. Campo Grande: Planurb, 2025.

Segundo Santos (2008), o território não é apenas um espaço físico, mas o resultado das relações entre sociedade e natureza. Assim, analisar a posição geográfica de Mato Grosso do Sul é um passo importante para entender como o estado foi ocupado, quais grupos populacionais participaram desse processo e como se deu a organização do seu território ao longo do tempo.

Ao olharmos para o mapa da América do Sul, percebemos que Mato Grosso do Sul ocupa uma posição muito especial no coração do continente. Mais do que estar localizado no centro do Brasil, o nosso estado funciona como uma ponte entre diferentes países, fazendo fronteira direta com o Paraguai e a Bolívia. Essa proximidade é fundamental para entendermos a nossa própria história, pois o contato constante com esses vizinhos influenciou o modo como a nossa população se formou, os conflitos que aconteceram no passado e até mesmo a nossa cultura e o jeito como nos comunicamos. Entender essa localização ajuda a perceber que o estado é um ponto de encontro estratégico, onde as águas dos rios e as estradas conectam o Brasil ao restante do continente sul-americano.

Figura 4 – Dados de Mato Grosso do Sul



Fonte: IBGE (2025)

Após analisarmos os dados gerais na Figura 4, como a área total e a densidade demográfica, percebemos que Mato Grosso do Sul possui um território extenso com uma população estimada que ultrapassa os 2,9 milhões de habitantes. Mas onde vivem essas pessoas? A resposta está na rede urbana formada pelos nossos municípios.

A partir da Quadro 1, passaremos a conhecer cidades e municípios que dão vida ao estado. A lista a seguir detalha os municípios sul-mato-grossenses por ordem alfabética, facilitando a localização e o estudo individualizado das regiões.

PARA SABER MAIS

Você sabia que **cidade** e **município** não são a mesma coisa?

O **município** é a unidade administrativa do território brasileiro, governada por um prefeito e vereadores. Ele inclui tanto a área urbana (cidade) quanto a área rural.

Já a **cidade** é apenas a parte urbana do município, onde normalmente se concentra a sede administrativa.

Em outras palavras: **todo município tem uma cidade (sede), mas o município vai muito além dela**, abrangendo bairros, distritos e áreas rurais.

Para entender melhor essa diferença, assista ao vídeo:

Quadro 1 – Município de Mato Grosso do Sul

N°	Município	N°	Município	N°	Município
1	Água Clara	28	Coxim	54	Nioaque
2	Alcinópolis	29	Deodápolis	55	Nova Alvorada do Sul
3	Amambai	30	Dois Irmãos do Buriti	56	Nova Andradina
4	Anastácio	31	Douradina	57	Novo Horizonte do Sul
5	Anaurilândia	32	Dourados	58	Paraíso das Águas
6	Angélica	33	Eldorado	59	Paranaíba
7	Antônio João	34	Fátima do Sul	60	Paranhos

8	Aparecida do Taboado	35	Figueirão	61	Pedro Gomes
9	Aquidauana	36	Glória de Dourados	62	Ponta Porã
10	Aral Moreira	37	Guia Lopes da Laguna	63	Porto Murtinho
11	Bandeirantes	38	Iguatemi	64	Ribas do Rio Pardo
12	Bataguassu	39	Inocência	65	Rio Brilhante
13	Batayporã	40	Itaporã	66	Rio Negro
14	Bela Vista	41	Itaquiraí	67	Rio Verde de Mato Grosso
15	Bodoquena	42	Ivinhema	68	Rochedo
16	Bonito	43	Japorã	69	Santa Rita do Pardo
17	Brasilândia	44	Jaraguari	70	São Gabriel do Oeste
18	Caarapó	45	Jardim	71	Selvíria
19	Camapuã	46	Jateí	72	Sete Quedas
20	Campo Grande	47	Juti	73	Sidrolândia
21	Caracol	48	Ladário	74	Sonora
22	Cassilândia	49	Laguna Carapã	75	Tacuru
23	Chapadão do Sul	50	Maracaju	76	Taquarussu
24	Corguinho	51	Miranda	77	Terenos
25	Coronel Sapucaia	52	Mundo Novo	78	Três Lagoas
26	Corumbá	53	Naviraí	79	Vicentina
27	Costa Rica				

Fonte: O autor (2025)

Mato Grosso do Sul é um estado em crescimento populacional. Segundo estimativas atualizadas do IBGE, o estado tinha cerca de 2,9 milhões de habitantes em julho de 2024, o que mostra um razoável crescimento populacional em relação a anos anteriores. Dados do Censo Demográfico 2022 indicam que cerca de 88,1% da população vive em áreas urbanas, enquanto apenas 11,9% vivem em áreas rurais.

O IDH (Índice de desenvolvimento humano)[27] de Mato Grosso do Sul é 0,742, que significa que, de modo geral, a população do estado tem apresentado condições relativamente melhores de qualidade de vida em comparação com outras regiões do Brasil (IBGE, 2022).

Dessa forma, compreender o panorama geográfico de Mato Grosso do Sul é essencial para avançar no estudo de sua formação territorial e populacional. Nos próximos tópicos, serão analisados os diferentes grupos humanos que ocuparam esse espaço ao longo do tempo, desde os povos caçadores-coletores até os processos de colonização e migração que marcaram a história do estado.

[27] O Índice de Desenvolvimento Humano, conhecido como IDH, serve para medir como as pessoas vivem em um determinado lugar (município, estado ou país). Para chegar ao valor de 0,742 em Mato Grosso do Sul, os pesquisadores analisam basicamente três pontos fundamentais: a saúde (avaliando quanto tempo as pessoas vivem, ou seja, a longevidade ou expectativa de vida), a educação (observando o acesso e os anos dedicados à escola e aos estudos) e a renda (que é o rendimento médio que as famílias têm para se sustentar). Esse número mostra que, de maneira geral, a população do nosso estado tem alcançado uma qualidade de vida melhor do que em várias outras regiões do Brasil, indicando que houve avanços nessas três áreas ao longo dos anos.

2.1 História da Ocupação do Território Sul-Mato-Grossense

A história de Mato Grosso do Sul é marcada por um mosaico de povos e disputas de fronteiras que resultaram no que o estado é hoje. Para entender como chegamos aos dados populacionais atuais, precisamos voltar no tempo e compreender quem foram os primeiros habitantes e como o território foi ocupado.

2.1.1 Povos caçadores-coletores

O território atual de Mato Grosso do Sul já é ocupado por povos há 12 mil anos. Entre os primeiros habitantes estavam grupos chamados de caçadores-coletores, que existiam ainda no período pré-histórico (ou seja, muito antes da escrita e da colonização europeia). Esses grupos eram nômades ou seminômades, o que significa que se deslocavam pelo território em busca de alimento. Eles caçavam animais, coletavam frutos, sementes e plantas, e utilizavam os cursos d'água para pescar e se orientar no espaço geográfico (Chamorro & Combés, 2018).

Você sabia que temos um Museu de Arqueologia do MS? Você pode fazer um tour virtual ou pode agendar uma visita presencialmente.

O MuArq – Museu de Arqueologia

Avenida Fernando Corrêa da Costa número, você pode enviar um email para searq.proece@ufms.br ou ligar (67) 3321-5751

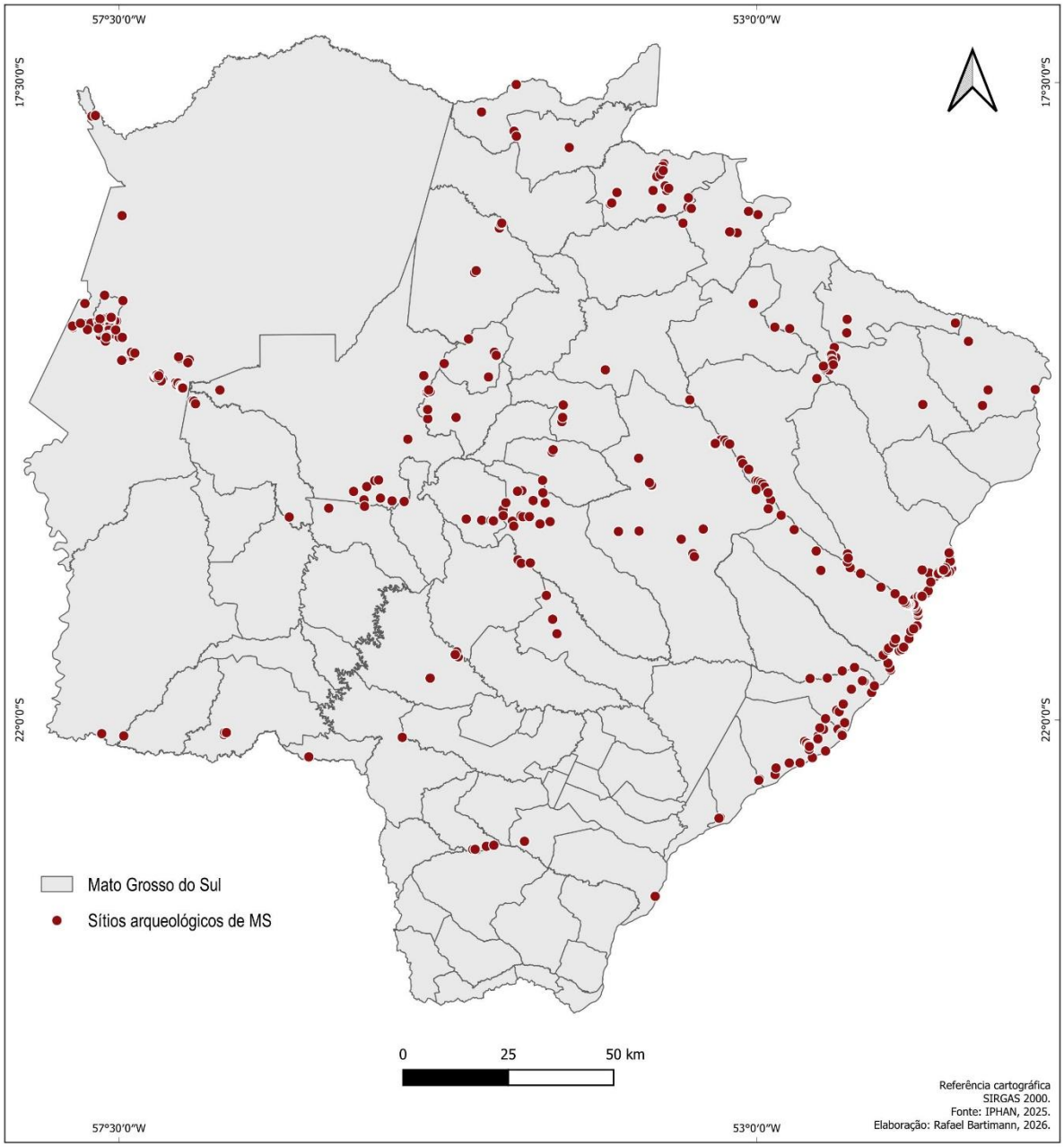
ou

Tour virtual pelo Museu – acrescentar o link:

Com o tempo, alguns desses grupos passaram a desenvolver atividades mais diversificadas, produzindo utensílios de pedra e cerâmica e aprendendo a cultivar parte dos alimentos, especialmente em áreas com solos mais produtivos.

Segundo os arqueólogos Schmitz, Beber & Veroneze (2018), a maioria dos sítios arqueológicos de caçadores-coletores foram encontrados em abrigos sob rocha, com destaque para os municípios de Alcinópolis, Chapadão do Sul, Corumbá e Aquidauana. A figura 5 mostra a localização dos principais sítios arqueológicos em Mato Grosso do Sul.

Figura 5 – Localização dos sítios arqueológicos do MS.



Dessa forma, antes da chegada dos europeus, o território que hoje conhecemos como Mato Grosso do Sul já era habitado por diferentes grupos humanos há milhares de anos. Essas populações viviam de maneiras diversas, de acordo com os recursos naturais que o ambiente oferecia, veremos mais sobre grupos étnicos no capítulo 4.

2.1.2 O Período Colonial e a Disputa Luso-Espanhola

Durante séculos, a região foi palco de uma disputa intensa entre as coroas da Espanha e de Portugal. Inicialmente, pelo Tratado de Tordesilhas, a região pertencia à Espanha. Foram fundadas as

Missões Jesuíticas de Itatim (entre os rios Taquari e Apa) com o objetivo de catequizar os indígenas e garantir a posse da terra para os espanhóis.

Como esclarece John Eliott (1997), em 1534 criou-se o *Adelantazgo*[28] da Província do Rio da Prata, sendo uma jurisdição imensa que abrangia o que hoje é o Centro-Oeste e Sul do Brasil, além de Argentina, Paraguai e Uruguai. O "Adelantado" era um chefe militar e civil com poderes para explorar e povoar terras em nome do rei. Entre as funções desses líderes estava impedir o avanço português em direção às minas de prata do Peru e garantir a livre navegação na bacia platina.

Entretanto, a instalação dessas missões não ocorreu em um vácuo político. Povos como os Guarani e os Itatim utilizavam a presença jesuítica de forma estratégica, por vezes buscando proteção contra grupos rivais ou contra a escravização, enquanto em outros momentos resistiam ativamente à imposição do modo de vida europeu, mantendo suas estruturas de parentesco e mobilidade territorial mesmo sob o sistema das reduções

Com o tempo e o avanço da colonização, o sul do atual Mato Grosso do Sul passou a integrar administrativamente a Província do Paraguai, com sede em Assunção. Foi sob essa administração que se buscou o controle dos indígenas por meio da *encomienda* (trabalho em troca de catequese) e a fundação de núcleos como Santiago de Xerez, que servia de apoio para conter incursões estrangeiras.

Em 1580, foi fundado o povoado de Santiago de Xerez, considerado o primeiro núcleo urbano europeu em solo sul-mato-grossense, servindo como ponto de apoio e abastecimento.

A transição do domínio espanhol para o português não ocorreu de forma pacífica. A configuração territorial que vemos hoje em Mato Grosso do Sul é o resultado de um longo processo de resistência e expansão.

Os povos Guaicuru e os Payaguá. dominaram a tecnologia do cavalo e das canoas, tornando-se potências militares que desafiaram a hegemonia ibérica durante todo o período colonial. A fronteira luso-espanhola era, na prática, um território negociado, onde a sobrevivência dos núcleos europeus dependia muitas vezes de tratados de paz ou alianças defensivas estabelecidas com essas lideranças indígenas

Os bandeirantes paulistas, em busca de ouro e de indígenas para escravizar, avançaram sobre as missões espanholas, destruindo-as e forçando o recuo dos espanhóis.

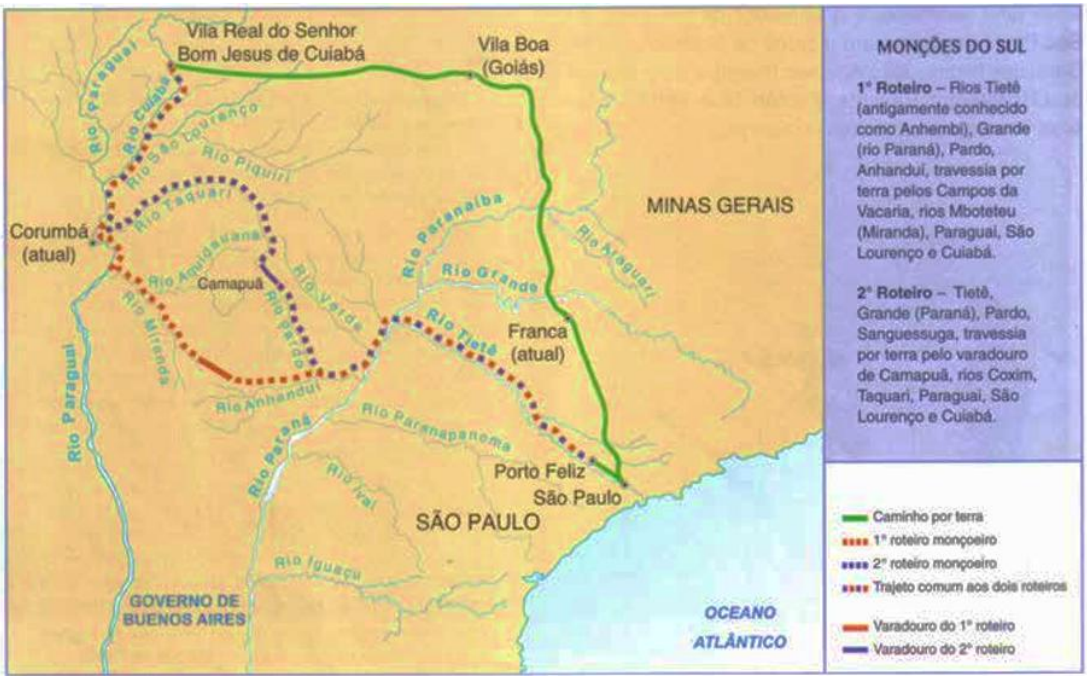
Como destacaram os estudos do historiador Francismar Carvalho (2014), os povos indígenas na região oeste do Brasil enfrentaram pressões tanto pela expansão colonial quanto pelas ações de catequização, trabalho forçado e conflitos armados motivados pela disputa por terras e recursos.

No século XVIII, a descoberta de ouro em Cuiabá mudou a importância estratégica da região. Surgiram as Monções (figura 6), expedições fluviais que partiam de São Paulo e utilizavam os rios

[28] No início, o território era parte de um Adelantazgo, onde o rei da Espanha dava poderes a chefes militares (os adelantados) para explorar a região e impedir que os portugueses chegassem às minas de prata do Peru.

Taquari e Coxim como verdadeiras rodovias hídricas para o abastecimento das minas (HOLANDA, 1976).

Figura 6 – Rota das Monções do Sul do Brasil.



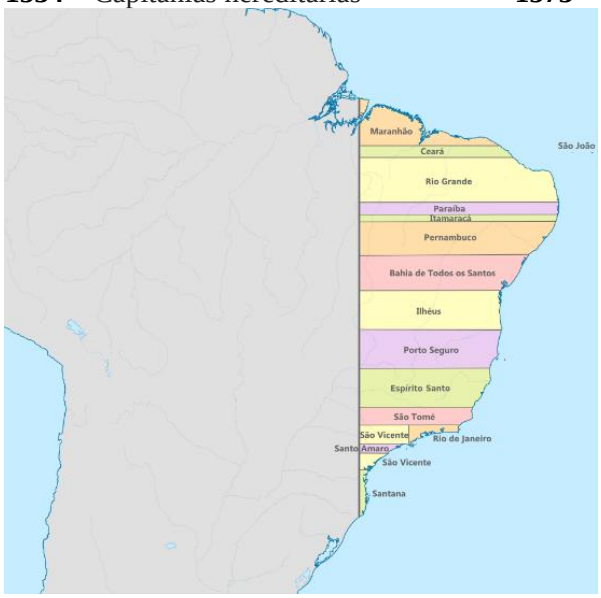
Fonte: LONGO, J. M. **Plano de Manejo do Rio Cênico Rotas Monçoeiras**. Campo Grande: Imasul, 2014. Disponível em: https://www.imasul.ms.gov.br/wp-content/uploads/2015/06/APA-Rio-C%C3%AAnico-Plano-Executivo.pdf. Acesso em 25 abr. 2026.

Para garantir que as terras conquistadas pelos bandeirantes permanecessem com Portugal, a Coroa Portuguesa fundou postos militares estratégicos. A fundação de Corumbá (1778) e Miranda (1797) serviu como guarnição das fronteiras, protegendo o território contra novos avanços espanhóis e consolidando o domínio lusitano na região.

Somente por volta de duas décadas a descoberta das minas de Mato Grosso, a história dessas minas foi oficialmente registrada pela primeira vez. Esse documento introduziu o nome Mato Grosso e localizou com precisão onde essas minas estavam situadas.

Esquema 1: Transformações territoriais do Brasil (1534 – atualmente)

1534 – Capitanias hereditárias



1573 – Estado do Maranhão e Estado do Brasil



1709 – São Paulo no seu máximo tamanho



1750 – Depois do Tratado de Madrid



1817 – Depois da Revolução Pernambucana



1822 – Províncias Imperiais



1889 – Início da República



1943 – Territórios de fronteira



1988 – Configuração atual (desde a Constituição de 1988)



Justificativa para uso didático do conjunto de mapas sobre a evolução territorial do Brasil

Professor(a), o conjunto de mapas apresentado constitui um recurso didático relevante para o ensino de Geografia, especialmente no estudo da formação territorial brasileira e, por consequência, da constituição do território de Mato Grosso do Sul.

Embora os mapas não apresentem elementos cartográficos técnicos completos, como escala, sistema de projeção, orientação e legenda detalhada, seu objetivo principal não é a análise cartométrica ou a precisão espacial absoluta, mas sim a **compreensão histórica e visual das transformações territoriais ao longo do tempo**.

Do ponto de vista pedagógico, o material favorece a **leitura comparativa** entre diferentes momentos históricos, permitindo ao aluno identificar as sucessivas mudanças na organização do território brasileiro, desde as capitanias hereditárias até a configuração atual. Essa sequência cronológica contribui para o desenvolvimento da noção de **processo histórico do espaço geográfico**, demonstrando que o território não é estático, mas resultado de decisões políticas, conflitos, acordos e reorganizações administrativas.

Além disso, a visualização sucessiva dos mapas auxilia na construção do conceito de **territorialidade e formação do espaço nacional**, facilitando a compreensão de como estados como Mato Grosso do Sul surgem dentro desse processo de reorganização do território brasileiro.

Para fins didáticos, o valor do material está na sua capacidade de promover a **aprendizagem visual, a comparação temporal e a interpretação histórica do espaço**, competências essenciais no ensino de Geografia escolar.

Portanto, mesmo sem todos os elementos técnicos de um mapa cartográfico formal, o conjunto cumpre adequadamente sua função pedagógica ao servir como instrumento de apoio para a compreensão das mudanças territoriais do Brasil ao longo do tempo.

Toda essa movimentação militar e econômica gerou mudanças profundas na administração política do território. Para compreender como essas disputas transformaram o status jurídico da nossa região ao longo dos séculos, observe a cronologia abaixo:

Quadro 2 – Cronologia administrativa do MS

Período Histórico	**Divisão Administrativa**	**Soberania (País)**
1534 – 1617	*Adelantazgo* da Província do Rio da Prata	Espanha
1617 – 1750	Província do Paraguai	Espanha
1750 – 1822	Capitania de Mato Grosso	Portugal
1822 – 1889	Província de Mato Grosso	Brasil (Império)
1889 – 1977	Estado de Mato Grosso (Uno)	Brasil (República)
1977 – Atualmente	Estado de Mato Grosso do Sul	Brasil (República)

Fonte: O autor (2025)

Cabe ressaltar que a destruição das missões pelos bandeirantes não significou o fim da presença indígena, mas uma reconfiguração de suas estratégias de sobrevivência. Muitos grupos optaram pela migração forçada, enquanto outros incorporaram táticas de guerrilha na selva para conter o avanço

paulista. O protagonismo indígena se manifestou na manutenção de redes de comunicação e comércio que precediam a colonização e que continuaram a ditar os ritmos de ocupação do sertão, independentemente das demarcações formais de Tordesilhas ou Madri.

2.1.3 Do Brasil República à Consolidação de Mato Grosso do Sul

Após o fim do Império em 1889, a região que hoje compõe o Mato Grosso do Sul passou por transformações profundas em sua economia e ocupação territorial. A estrutura administrativa deixou de ser uma Província para se tornar o Estado de Mato Grosso.

Figura 08 – Emblema da Cia Matte Laranjeira



Fonte: FCMS, 2025.

No início do período republicano, a economia do sul do antigo estado foi impulsionada pela exploração da erva-mate. A Companhia Matte Larangeira passou a existir através do Decreto N. 436 de 4 de julho de 1891, acompanhado de um Estatuto composto de VII Títulos num total de 29 parágrafos.

Originada da concessão de Tomás Laranjeira após a Guerra do Paraguai, a companhia teve grande poder político e econômico, sendo responsável pela fundação de cidades como Porto Murtinho e Guaíra.

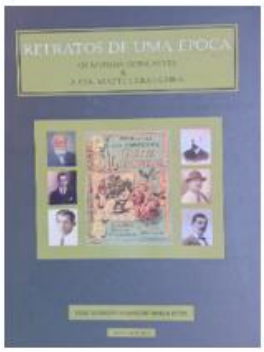
O principal mercado para a erva-mate processada (cancheada) era a Argentina, para onde a produção era escoada por vias fluviais e ferroviárias. A empresa investiu em infraestrutura, como portos e ferrovias, para exportar a erva-mate.A Companhia Matte Larangeira deteve o monopólio dessa produção, atraindo milhares de trabalhadores, especialmente paraguaios e migrantes de outras regiões do Brasil. O historiador Giovani José da Silva (2014) explica que grande parte da mão de obra era indígena, especialmente Guaranis e Kaiowás. Eles eram proibidos de deixar os ervais, tendo seu "pagamento" efetuado em mercadorias do armazém da Companhia. Essa condição análoga à escravidão

Figura 09 – Trabalho na Cia Matte Laranjeira



Fonte: FCMS, 2025.

deixou marcas profundas na história da fronteira entre Paraguai e do atual estado do Mato Grosso do Sul (Silva, 2014).



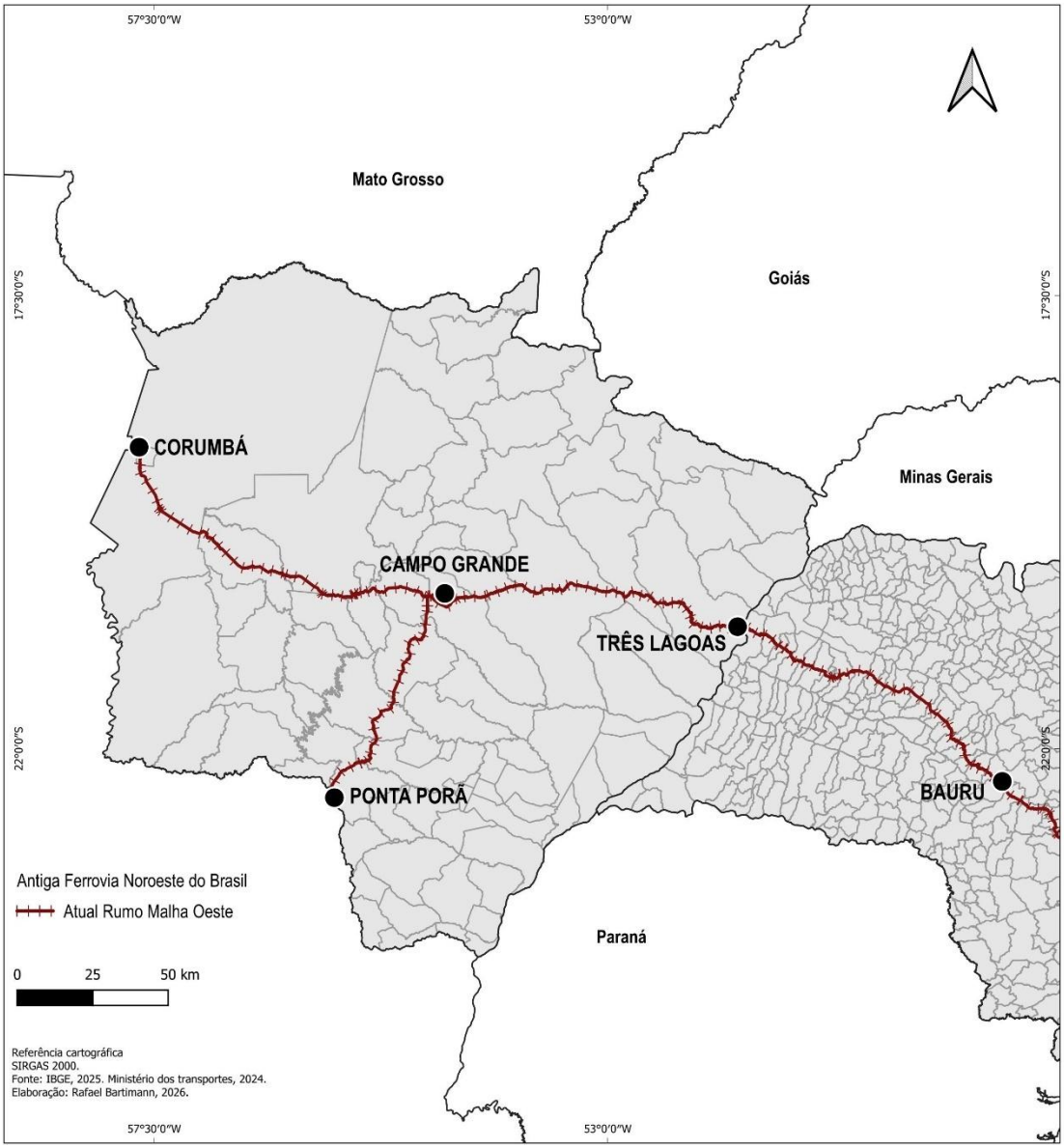
Para saber mais:

Obra Retratos de uma obra
Os Mendes Gonçalves & a Cia Matte Laranjeira
Autor Luis Alfredo Marques Magalhães

YouTube

Filme: Selva Trágica (1963)
Realizado a partir da obra de Hernâni Donato.
https://www.youtube.com/watch?v=G_4NUUOAcmg

Figura 10 – Ferrovia Noroeste do Brasil



A figura 10 mostra a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), ligando Bauru (SP) a Corumbá (MS), construída no início do século XX e que significou um divisor de águas. A construção da ferrovia tinha como objetivo a ligação entre o litoral Atlântico e a fronteira sul mato-grossense e teve como principal desdobramento o enfraquecimento do comércio pelo Rio Paraguai.

Ela facilitou o transporte de mercadorias e pessoas, integrando definitivamente o sul do estado ao restante do país e acelerando o crescimento de cidades como Campo Grande e Três Lagoas.

O processo migratório foi intenso. O Brasil recebeu no início do séc. XX imigrantes de diversas nacionalidades, muitos deles como espanhóis, alemães, italianos dirigiram-se para o sul do antigo Mato Grosso. E sobretudo, os Japoneses emigrados da região de Okinawa trabalharam na construção da ferrovia. E na mesma época, os árabes chegaram e consolidaram o comércio regional.

A transição para o período republicano não significou apenas mudanças políticas, mas também a luta contínua de grupos que foram marginalizados durante o Império. A presença das comunidades quilombolas em Mato Grosso do Sul é um exemplo fundamental dessa resistência de longa data.

Mesmo após a abolição da escravidão (1888), comunidades negras formadas por ex-escravizados e seus descendentes mantiveram-se em áreas rurais, preservando sua cultura e modo de vida em comunidades quilombolas, resistindo ao longo de todo o século XX. Vamos falar mais sobre esse assunto na Unidade 4.

Essa presença negra, somada à indígena e à dos imigrantes, foi essencial para construir a diversidade que justificaria, décadas depois, a criação de um estado com identidade tão plural: o Mato Grosso do Sul.

2.1.4 Movimento Divisionista

O processo de divisão do estado de Mato Grosso foi motivado por uma combinação de fatores geográficos, econômicos e políticos que se intensificaram ao longo do século XX. O movimento divisionista ganhou força principalmente a partir do final do século XIX e ao longo do século XX. Moradores e lideranças políticas da região sul do antigo Mato Grosso defendiam que a distância da capital Cuiabá dificultava o atendimento das necessidades locais, como investimentos em infraestrutura, saúde, educação e transporte. Segundo Valdez e Amaral (2011), a administração de um território muito extenso tornava o governo menos eficiente, especialmente em áreas mais afastadas do centro político.

Além das dificuldades administrativas, havia também diferenças econômicas e sociais entre o norte e o sul do antigo Mato Grosso. Enquanto algumas áreas se desenvolviam com atividades extrativistas, o Sul apresentava crescimento ligado à agropecuária, ao comércio e às relações com estados vizinhos e países da América do Sul. Essas diferenças reforçaram o sentimento regionalista e o desejo de autonomia política.

Você sabia?

Durante o movimento divisionista, houve muitos debates sobre qual seria o nome da nova unidade da federação. Alguns nomes sugeridos foram: Estado de Campo Grande: Pela força da cidade que liderava o movimento. Estado de Maracaju: Em homenagem à serra que divide as bacias hidrográficas do estado. Estado de Pantanal: Para destacar nossa maior riqueza natural. Por fim, venceu Mato Grosso do Sul, para manter o vínculo histórico com o Mato Grosso, mas indicando sua posição geográfica.

O movimento divisionista contou com a participação de políticos, empresários, comerciantes e parte da população local, que defendiam a criação de um novo estado como forma de promover o desenvolvimento regional. Ao longo das décadas, várias propostas de divisão foram debatidas no governo federal, mas somente durante o regime militar o projeto avançou de forma definitiva.

Figura 11 – Assinatura da divisão do Estado



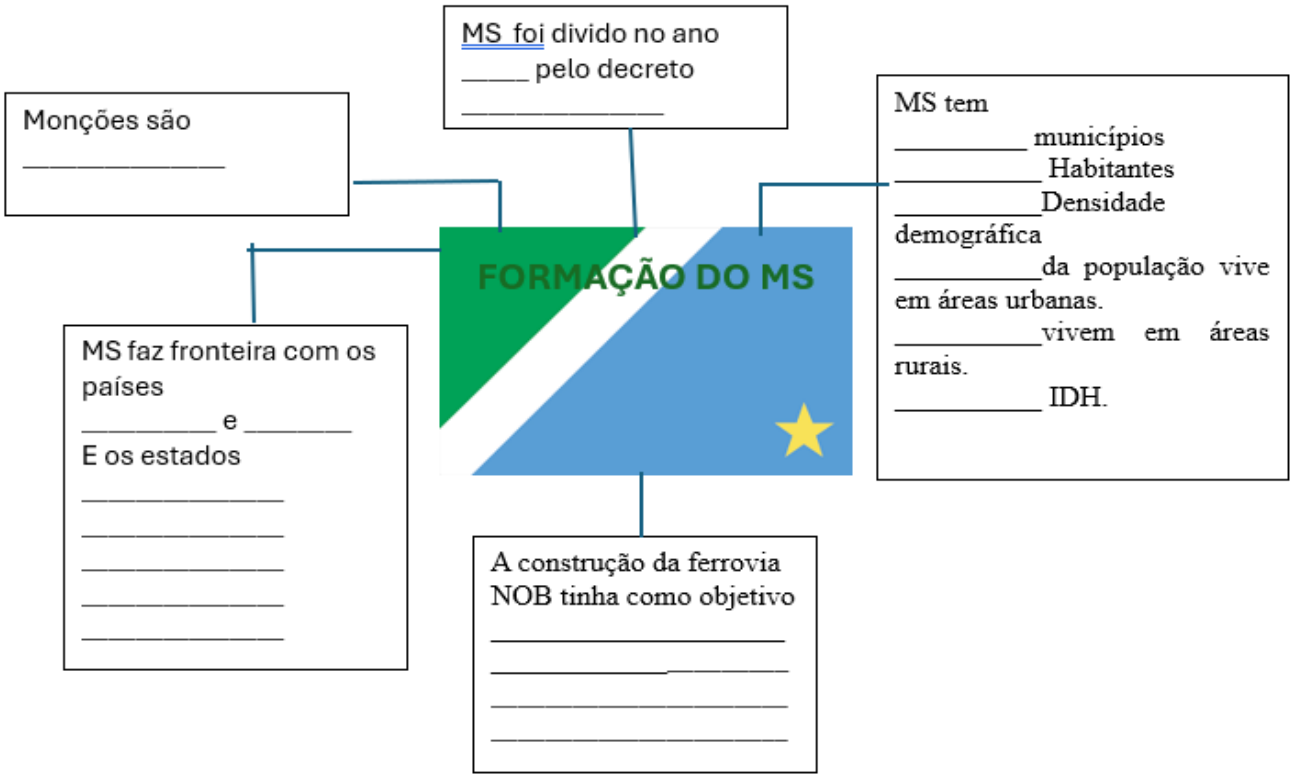
Fonte: Midiamax, 2023.

Em 1977, por meio da Lei Complementar nº 31, foi oficialmente criado o estado de Mato Grosso do Sul, com instalação efetiva em 1979. A nova unidade federativa passou a ter capital em Campo Grande, consolidando o processo iniciado pelo movimento divisionista.

A separação permitiu uma administração mais próxima da população e impulsionou o planejamento territorial e econômico do novo estado.

Assim, o movimento divisionista foi um marco importante na história de Mato Grosso do Sul, pois representou a busca por autonomia administrativa e melhores condições de desenvolvimento, influenciando diretamente a organização territorial e política do estado.

TESTANDO SEUS CONHECIMENTOS



ANOTAÇÕES

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Compreensão do texto:

1) Sobre a formação territorial de Mato Grosso do Sul, julgue as afirmativas em:

Verdadeiro (V) ou Falso (F):

( ) Inicialmente, pelo Tratado de Tordesilhas, o território de MS pertencia a Portugal.

( ) O Adelantazgo do Rio da Prata era uma jurisdição espanhola que visava proteger as minas de prata do Peru.

( ) As Missões Jesuíticas de Itatim foram fundadas por portugueses para escravizar indígenas.

( ) As Monções eram expedições fluviais que utilizavam rios como o Taquari e o Coxim para chegar a Cuiabá.

2) Observe a tabela de indicadores populacionais presente no capítulo e responda:

a) Qual é a porcentagem da população de MS que vive em áreas urbanas?

b) O que o Alto IDH do estado revela sobre a qualidade de vida da nossa população?

c) Cite um motivo econômico que atrai migrantes de outros estados para o Mato Grosso do Sul atualmente.

Produção Coletiva

Em grupos de 4 alunos, criem um Cartaz de Divulgação Cultural.
Tema: Mato Grosso do Sul: Um mosaico de povos.
O cartaz deve conter colagens ou desenhos que representem a herança paraguaia (ex: tereré), a herança indígena (ex: cerâmica) e a herança negra/quilombola (ex: culinária)

Atividade prática

Cada grupo deve criar um mapa esquemático antes e depois da Ferrovia Noroeste Brasil – NOB.
Os alunos devem dobrar a folha A4 e desenhar dois o mapa do MS (um do lado esquerdo e outro do lado direito) e representar as modificações que a Ferrovia Noroeste Brasil fez ao longo dos anos. Criar legenda
Usar palavras-chave ou símbolos (ex. Natureza | rios | ferrovias | cidade | produção).

L3 BIOMAS E DOMÍNIOS MORFOCLIMÁTICOS DE MATO GROSSO DO SUL

HABILIDADES DE ACORDO COM O REFERENCIAL DA REME: (CG.EF07GER07.d) Caracterizar dinâmicas dos componentes físico-naturais no Mato Grosso do Sul, bem como sua distribuição e biodiversidade. (CG.EF07GER08.s) Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.

PARA SABER MAIS – PROFESSOR;
Video-aula: Mato Grosso do Sul: geografia física

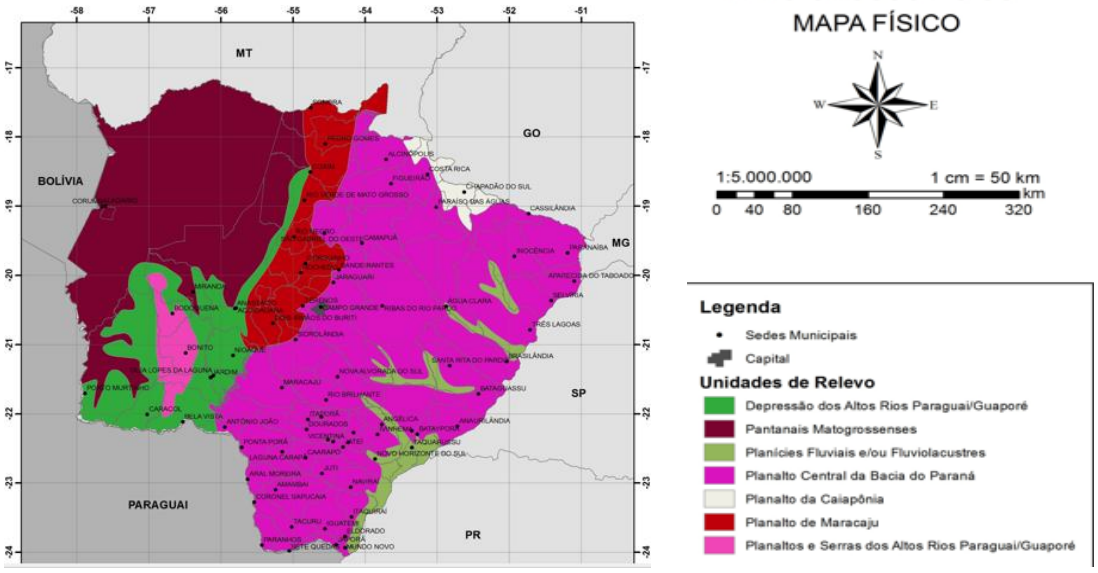
Material em power point: Mato Grosso do Sul: aspectos físicos e impactos ambientais, do professor Rafael Bartman

Mato Grosso do Sul apresenta grande diversidade natural. Essa diversidade é resultado da combinação entre clima, relevo, hidrografia, solos e vegetação, que juntos formam diferentes paisagens e influenciam a vida humana no território.

Na Geografia, esses elementos naturais podem ser estudados por meio dos biomas e dos domínios morfoclimáticos. Os biomas correspondem aos grandes conjuntos de vegetação associados ao clima, enquanto os domínios morfoclimáticos reúnem áreas com características semelhantes de relevo, clima, solos, rios e vegetação.

O mapa físico de Mato Grosso do Sul nos revela as fundações desse cenário: as altitudes que definem nossos horizontes e os caminhos das águas que recortam o território.

Figura 12 – Mapa físico de MS



Fonte: Org. Prof. Raony Iamachiro. Disponível em: https://drive.usercontent.google.com/download?id=1inTZjswIPaUogGPYDG1MM2V3OxzBhQ0G

Agora vamos descobrir como a combinação entre as formas do relevo, as variações do clima e a rede de rios cria o ambiente único que sustenta a vida e a produção em nosso estado

3.1 Relevo

O relevo de Mato Grosso do Sul é marcado pela presença de planaltos, planícies e depressões, que contribuem para a diversidade das paisagens naturais. Entre as principais unidades de relevo destacam-se:

Diagrama 02. Principais tipos de relevo.



Fonte: Elaboração própria, 2026.

Ao observarmos o mapa físico de Mato Grosso do Sul, percebemos que estas formas de relevo não estão distribuídas ao acaso. A harmonia entre os planaltos (as serras e chapadas), as depressões (as descidas) e a planície fluvial (o Pantanal) ditam o ritmo da nossa natureza. É essa estrutura que define o caminho dos nossos rios e influencia o clima de cada região, criando os diferentes biomas que tornam o nosso estado uma referência em biodiversidade.

De acordo com o IBGE (2009), as unidades geomorfológicas influenciam o escoamento das águas, a fertilidade dos solos e as possibilidades de uso do território.

3.2 Clima

O clima predominante em Mato Grosso do Sul é o tropical. De forma geral, o estado apresenta verões quentes e chuvosos e invernos mais secos, com temperaturas mais amenas, isto é, ele funciona como uma "balança" entre duas estações principais, ditadas pelo regime de chuvas:

ESTAÇÃO CHUVOSA – Meses - outubro a março: é a época da primavera e do verão. As chuvas são intensas e frequentes, sendo fundamentais para a agricultura e para o enchimento dos nossos rios e do Pantanal.

ESTAÇÃO SECA – Meses - maio a setembro: e o período do outono e inverno. O volume de chuva cai drasticamente, o ar fica mais seco e a vegetação do Cerrado muitas vezes parece "adormecida" para poupar água.

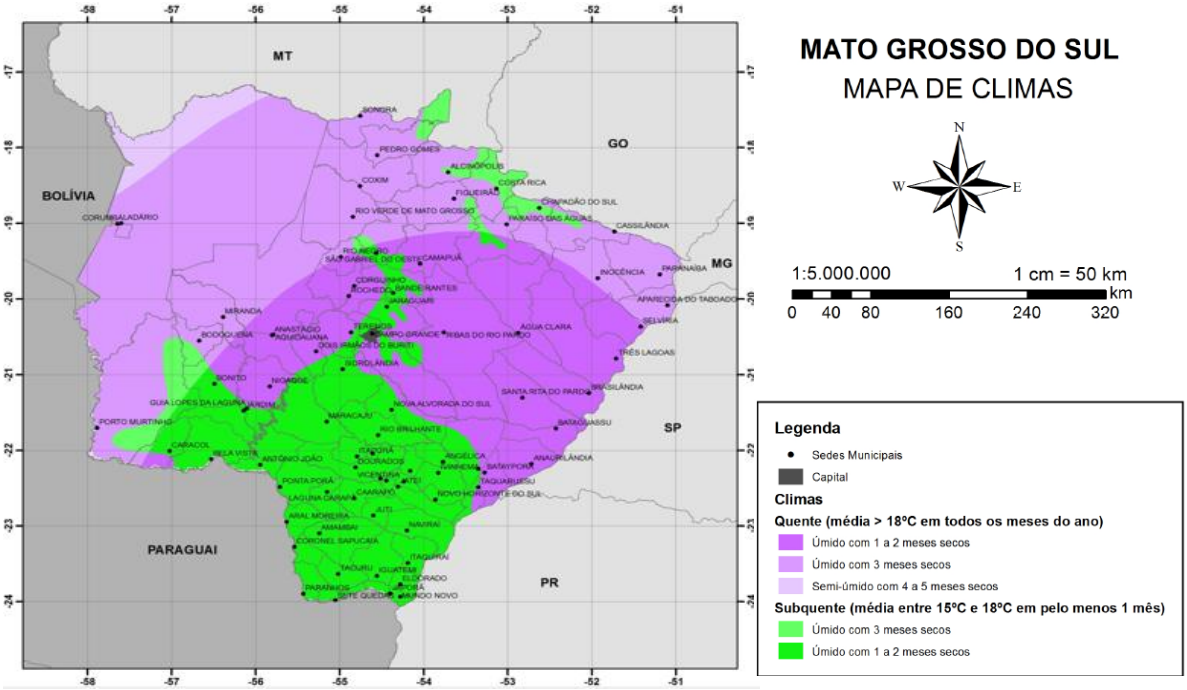
Entretanto, o clima de Mato Grosso do Sul não é sempre calor! Embora sejamos conhecidos pelo sol forte, durante o inverno (entre junho e agosto), o estado recebe massas de ar polar vindas do Sul do continente. Quando essas frentes frias chegam, ocorrem dois fenômenos importantes:

FRIGAGEM**:** queda repentina de temperatura causada por frentes frias provindas de regiões polares. É aquela queda brusca de temperatura que nos faz tirar os casacos pesados do armário rapidamente.

GEADA: deposição de gelo sobre plantas, superfícies e objetos ao relento, ocorrendo quando a temperatura da superfície cai para 0°C ou menos. Em cidades mais ao sul do estado, o frio pode ser tão intenso que o orvalho congela sobre as plantas, criando uma camada branca de gelo ao amanhecer.

Perceba, então, que o clima é um importante elemento: ele desenha a nossa vegetação, enche nossos rios e organiza o calendário das nossas colheitas. Por isso, compreender as variações do tempo em Mato Grosso do Sul é essencial para entendermos como o ser humano se adapta e transforma a natureza ao seu redor. A figura 13 mostra o mapa de climas de Mato Grosso do Sul.

Figura 13 – Mapa de Clima de MS



Fonte: Org. Prof. Raony Iamachiro. Disponível em: https://drive.usercontent.google.com/download?id=1wWl0G060cMrR8E3BRdNdH8AyAYGcbB9

3.3 Hidrografia

Hidrografia é o ramo da Geografia física que estuda as águas do planeta Terra, sobretudo dos rios. Mato Grosso do Sul é um estado rico em rios, dividindo-se em duas grandes bacias hidrográficas (ver figura 14):



A bacia do Rio Paraguai é o eixo principal, recebendo águas de afluentes, como o Rio Miranda, Rio Aquidauana e Rio Taquari. Caracteriza-se por serem rios de planície, que serpenteiam o terreno (os chamados meandros) e transbordam periodicamente, dando vida ao Pantanal, sendo essencial ao transporte de minérios e grãos.

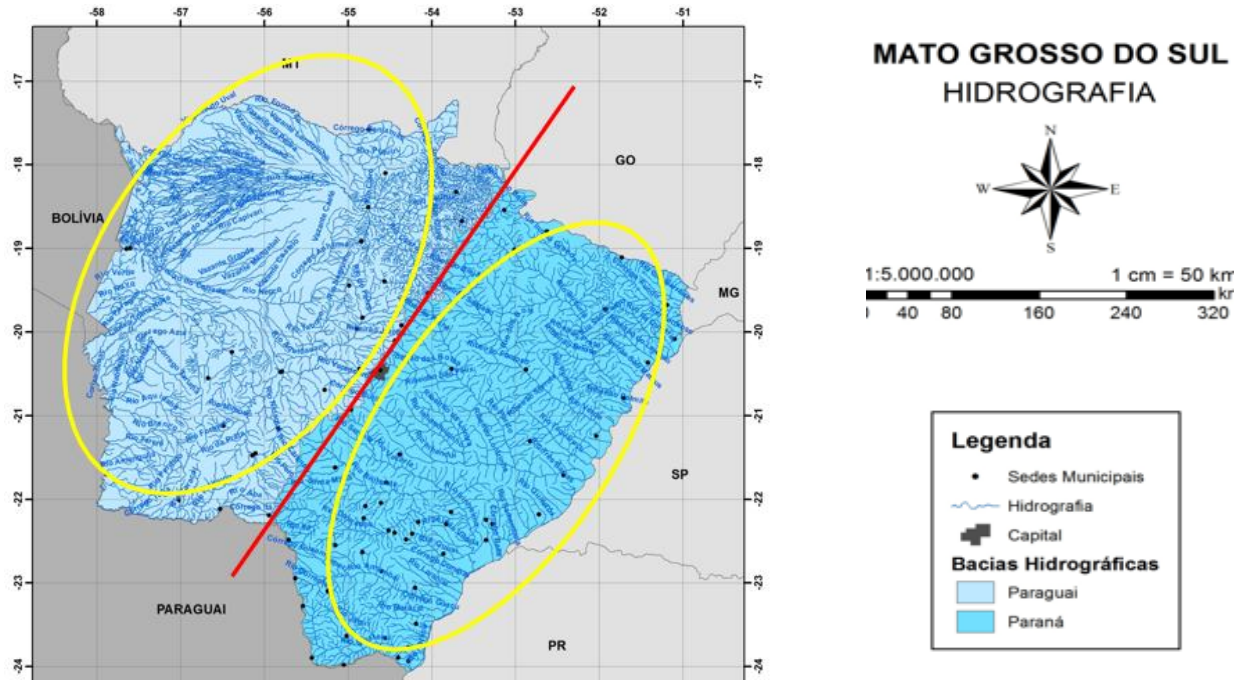
AQUÍFERO GUARANÍ Além dos rios que vemos na superfície, Mato Grosso do Sul está em cima de uma das maiores reservas de água doces do mundo. Essa água fica armazenada em rochas porosas no subsolo e é fundamental para o abastecimento de muitas de nossas cidades e para manutenção da umidade do solo.

Para se aprofundar acesse o site: Agência Nacional das Águas (ANA) sobre o Aquífero Guarani:

Além disso, também é essencial para o turismo, visto que, águas cristalinas, como em Bonito e Jardim, atraem pessoas do mundo todo, gerando empregos e rendimento para milhares de pessoas.

Os rios da bacia do Rio Paraná "correm" sobre terrenos de planalto, apresentando quedas d'água e grande força. O Rio Paraná recebe as águas do Rio Sucuriú, Rio Pardo e Rio Ivinhema. Devido ao seu relevo acidentado, esta bacia abriga grandes usinas hidrelétricas (como a de Jupiá e Ilha Solteira), que geram energia para boa parte do Brasil.

Figura 14 – Mapa de hidrografia do MS



Fonte: Org. Prof. Raony Iamachiro. Disponível em: https://drive.usercontent.google.com/download?id=1PJg8JAA_2zOqFhWkF4Jhqn3Jj7VY_KnX

3.4 Solos

Em Geografia Física, a palavra solo é conhecida como uma camada superficial da Terra onde as plantas crescem. Em Mato Grosso do Sul, a variedade de rochas e o clima tropical criaram solos com características muito diferentes entre si. Os principais tipos de solo são: Latossolos Vermelhos, Neossolos Quartzarênicos e Solos Hidromórficos.

Diagrama 03. Solos em Mato Grosso do Sul.



Fonte: Elaboração própria, 2026.

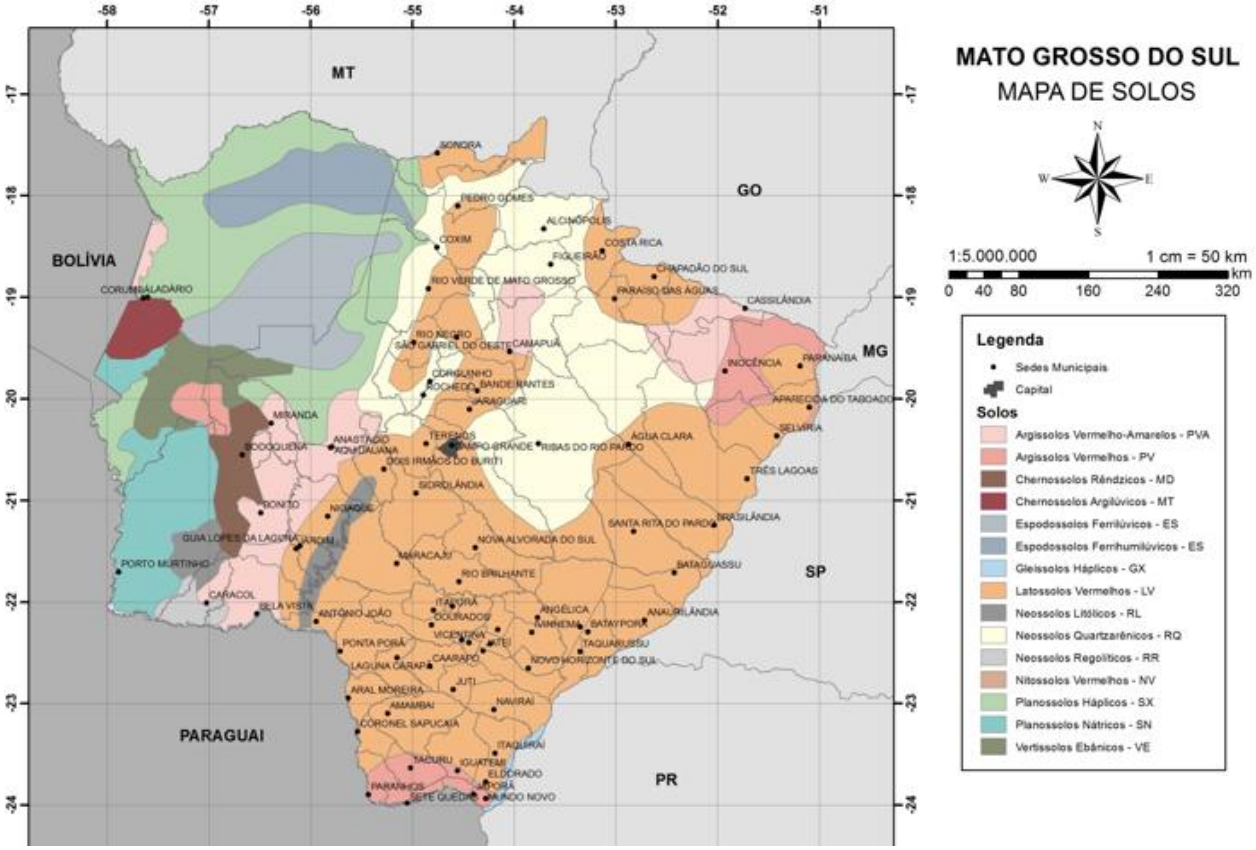
Latossolos Vermelhos (A famosa "Terra Roxa") Diferente do que o nome popular diz, esse solo é bem avermelhado e não roxo (o nome vem de rossa, que significa vermelho em italiano). De acordo com os critérios do Sistema Brasileiro de Classificação de Solos da Embrapa (2018), os Latossolos são classificados como solos "velhos", ou seja, altamente intemperizados, apresentando-se muito profundos e com boa drenagem. Eles são excelentes para a agricultura porque, além de serem fáceis de trabalhar com máquinas, respondem muito bem à adubação. É por isso que eles são a base das nossas grandes plantações de soja, milho e cana-de-açúcar.

Neossolos Quartzarênicos (Solos Arenosos) Estes são solos "jovens" que contêm muita areia (quartzo). Por serem arenosos, eles têm dificuldade em segurar água e nutrientes, funcionando como um "coador". A Embrapa (2018) ressalta que a fragilidade desses solos é elevada; se a vegetação nativa for retirada sem o manejo adequado, a baixa coesão do material arenoso permite que a chuva carregue o

solo facilmente, gerando erosões severas conhecidas como voçorocas. Hoje, são muito usados para a criação de gado e para as florestas plantadas de eucalipto.

Gleissolos e Planossolos (Solos do Pantanal) No Pantanal, o termo técnico mais comum para os solos que ficam alagados é Gleissolos ou Planossolos Hidromórficos. Conforme a literatura técnica da Embrapa (2018), o termo "hidromórfico" indica que as características desses solos foram formadas ou transformadas sob condições de excesso de água (saturação). Como eles permanecem encharcados durante boa parte do ano, favorecem o crescimento de pastagens nativas muito resistentes, que sustentam a pecuária pantaneira tradicional de forma natural.

Figura 15 – Mapa de solos do MS



Fonte: Org. Prof. Raony Iamachiro. Disponível em: https://drive.usercontent.google.com/download?id=1q3W617MowR2Tdeo4_NyURxMEl9h5hFdt

Assim, o solo não é apenas a base onde pisamos, mas um organismo vivo que guarda as memórias geológicas de Mato Grosso do Sul. A fertilidade da nossa 'terra roxa' ou a fragilidade das nossas áreas arenosas não definem apenas o que podemos plantar ou construir; elas determinam, acima de tudo, que tipo de vida natural pode prosperar em cada região.

3.5 Vegetação

A vegetação refere-se ao conjunto de espécies vegetais que interagem com o ambiente, tendo a participação da ação do homem na sucessão de seus modos de produção (MARTINELLI, 2010). Devido à sua localização central na América do Sul, a vegetação de Mato Grosso do Sul e à combinação de diferentes solos e climas refletem a diversidade de biomas: o Cerrado, Pantanal e a Mata Atlântica (ver figura 16).



Segundo Ab'Sáber (2003), esses biomas formam parte do domínio morfoclimático tropical, sendo resultado da interação entre clima, relevo, solos e hidrografia, ou seja, aqui, a vida vegetal adaptou-se a algumas formas para sobreviver, tanto às secas intensas, quanto às grandes inundações.

O Cerrado é a formação vegetal dominante em Mato Grosso do Sul, ocupa grande parte do estado sendo um bioma adaptado ao clima tropical e aos períodos de seca, sendo conhecido mundialmente pela sua resiliência. Exemplo são as árvores do Pequi, Baru e o Ipê.



Curiosidades
O nome Ipê vem do tupi e significa árvore de casca grossa. A sua madeira é tão densa e resistente que não apodrece facilmente, sendo historicamente usada para fazer arados, rodas de carroça e até pontes. Os Ipês seguem uma "ordem" para florir: junho/julho: Ipês-Roxos agosto/setembro: Ipês-Amarelo setembro/outubro: Ipês-Brancos

O Pantanal não possui apenas um tipo de vegetação, mas sim um complexo delas, pois a flora varia de acordo com sua topografia. Nas áreas alagáveis há uma predominância de gramíneas e plantas aquáticas, como por exemplo, a vitória-régia. Nas Cordilheiras e Capões crescem árvores maiores como o Aroeira e o Piúva. E quando há cheias a vegetação do Pantanal

YouTube

Para saber mais

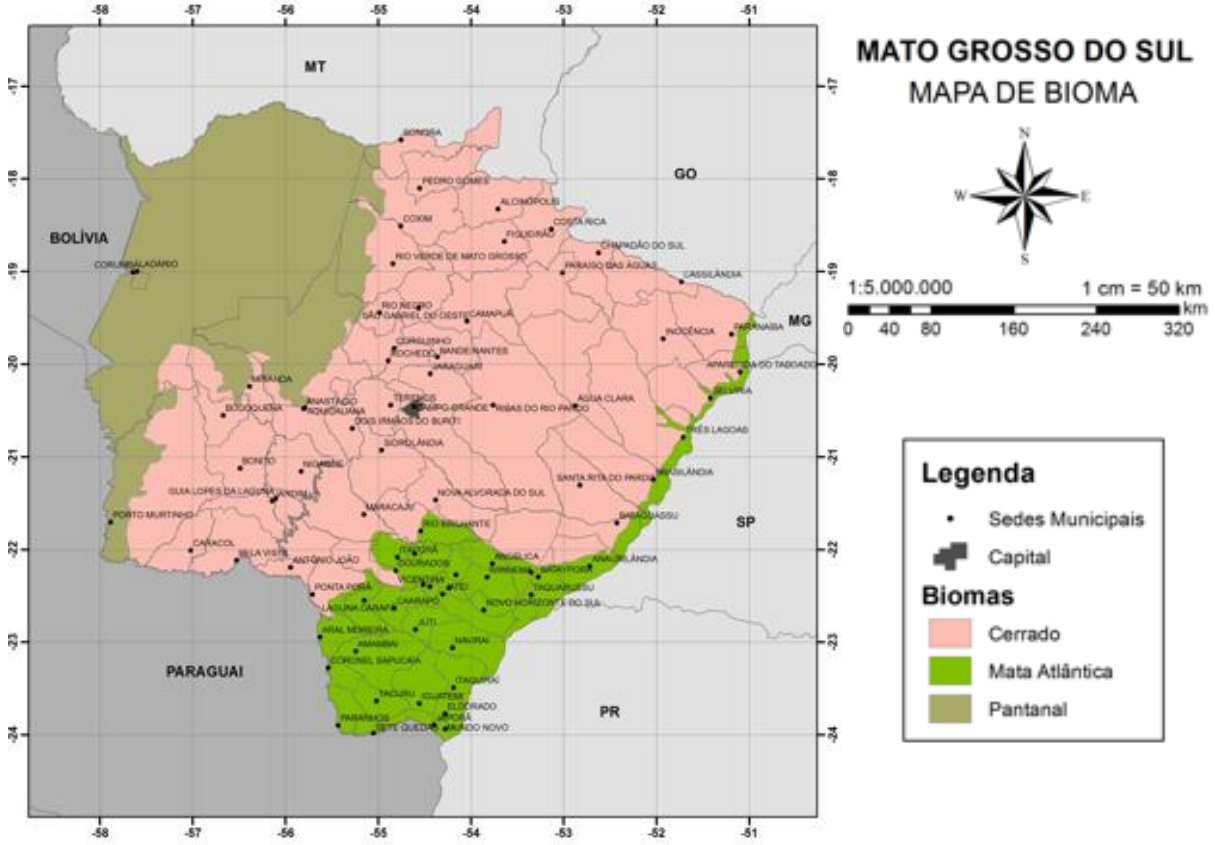
PANTANAL - SEGREDOS DA TERRA SELVAGEM | Documentário

https://www.youtube.com/watch?v=-ff0lXpkfsU

dita o ritmo da fauna; quando as águas baixam, os campos de pastagem natural surgem, alimentando tanto o gado quanto os animais silvestres.

Nas regiões Sul e Sudeste do estado, e acompanhando as matas Ciliares[29], encontramos formações de Mata Atlântica, tendo um conjunto de árvores altas, com folhas largas e verdes durante quase todo o ano.

Figura 16 – Mapa dos Biomas do MS



Fonte: Org. Prof. Raony Iamachiro. Disponível em: https://drive.usercontent.google.com/download?id=1jD7Ja5p5OIWpDwx50GxPL2yfFEoYvOpL

[29] GLOSSÁRIO: Matas ciliares - São a vegetação das margens de rios, córregos, nascentes e lagos, funcionando como "cílios" que protegem e filtram a água, evitam erosão do solo, assoreamento e deslizamentos, e servem como corredores ecológicos para a fauna.

Vimos que a Geografia de Mato Grosso do Sul é um sistema integrado: o relevo define o caminho da água, a água influencia a formação do solo, e o solo, sob o comando do clima, permite o florescimento de uma vegetação única. Compreender os biomas e os domínios morfoclimáticos do estado é fundamental para planejar ações que conciliem desenvolvimento econômico e conservação da natureza. Os mapas a seguir (figuras 17 e 18) mostram a diferença entre Biomas e Domínios Morfoclimáticos:

PARA SABER MAIS – PROFESSOR:
Notícias e publicações atuais: IBGE publica bioma predominante em cada município para fins estatísticos.

Publicação:

Figura 17. Mapa de biomas do Brasil.

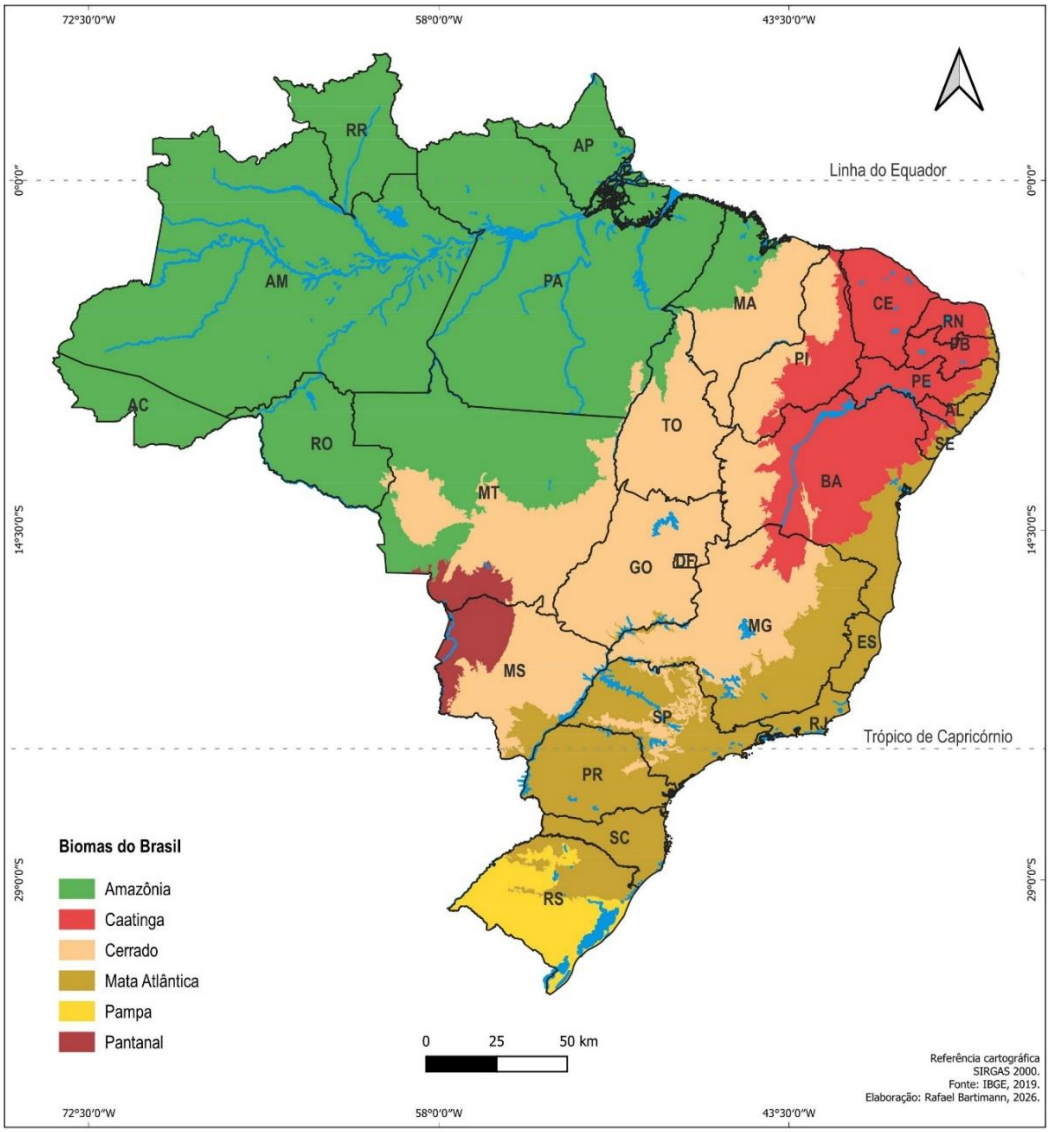
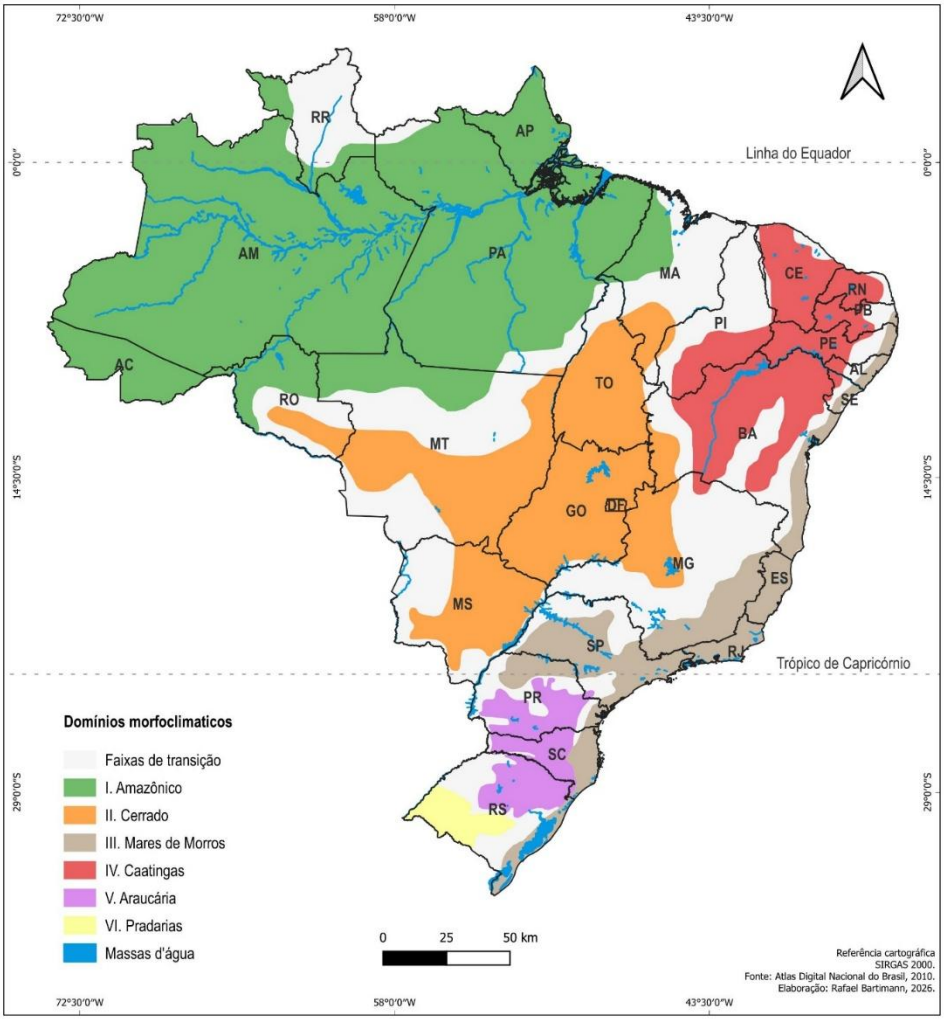
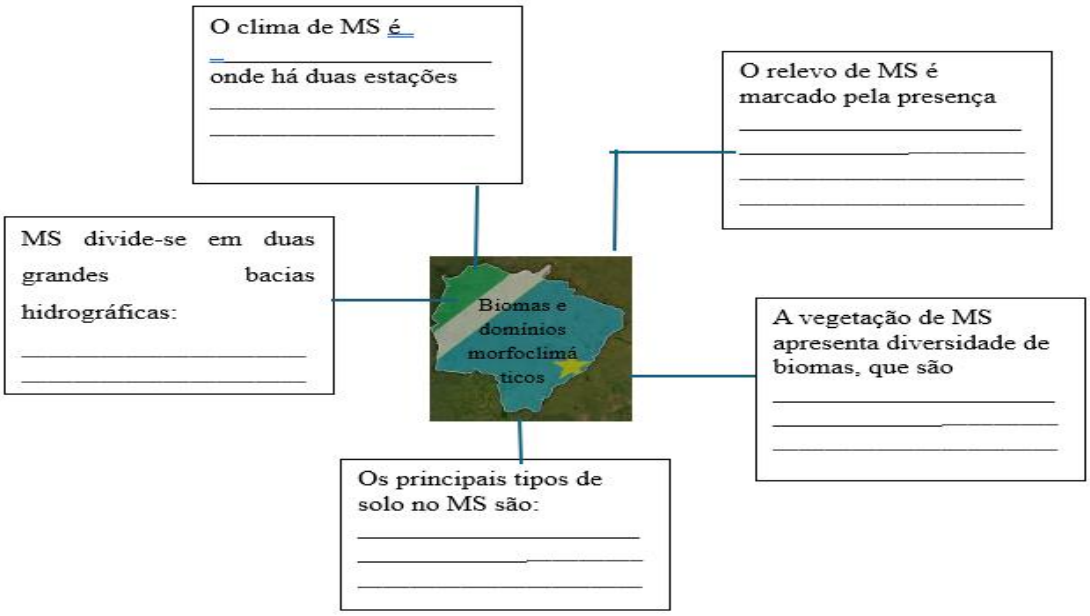


Figura 18. Mapa de domínios morfoclimáticos do Brasil.



TESTANDO SEUS CONHECIMENTOS



PROPOSTA DE ATIVIDADE

Compreensão do texto:

1) Observe o mapa físico e o mapa de biomas de Mato Grosso do Sul e responda:

a) Qual bioma ocupa a maior parte do território do estado?

b) Em quais áreas ocorre o Pantanal?

c) Como o relevo ajuda a explicar as inundações do Pantanal?

2) Observe os mapas da figura 21 e responda:

a) Escreva os biomas e os domínios morfoclimáticos de Mato Grosso do Sul.

b) Qual a diferença entre bioma e domínio morfoclimático?

2) Relacione corretamente as colunas:

Coluna A	Coluna B
1 Cerrado	( ) Vegetação adaptada a períodos de seca.
2 Pantanal	( ) Áreas sujeitas a inundações periódicas.
3 Clima tropical	( ) Verões chuvosos e invernos secos.
4 Relevo	( ) Influencia o curso dos rios e o uso do solo.

3) Veja a tirinha abaixo.



A tirinha faz uma crítica:

a) as queimadas ocorrentes no pantanal.

b) as transformações do espaço pantaneiro em lavouras.

c) a moda sustentável advinda da caça de animais.

d) a caça ilegal aos animais do Pantanal.

Produção Coletiva

Em duplas pesquise:

Um animal típico do Pantanal	Uma planta típica do Cerrado

Produza uma ficha com:

- Nome
- Habitat
- Importância ambiental

Atividade prática

JOGO DOS BIOMAS DE MATO GROSSO DO SUL

Produção de cards com orientação do professor para que os alunos pesquisem e produzam os Cards com as descrições (pistas para serem desvendadas), para ser impresso. Divida a sala em 5 grupos, os quais irão pesquisar para produção dos cards

CARD 1 – descrição dos biomas

CARD 2 – Aspectos físicos

CARD 3 – MAPAS

CARD 4 – IMAGENS

CARD 5 – AÇÃO HUMANA

Como jogar:

- Os cards são organizados em 5 montes separados (Monte 1: Descrição, Monte 2: Aspectos Físicos, etc.), todos com a face voltada para baixo.
- O grupo da vez escolhe de qual "categoria" (Monte) quer tirar a pista
- O grupo tem **1 minuto** para responder.
- Se acertar: Ganha 10 pontos
- Se errar: Se o grupo errar ou o tempo acabar, o primeiro grupo que levantar a mão pode responder e ganhar 5 pontos.

Metodologia ativa

BRAINSTORMING COM POST-ITS

O professor descreve características de um bioma e os alunos devem identificar qual é, colando os post-its no quadro.

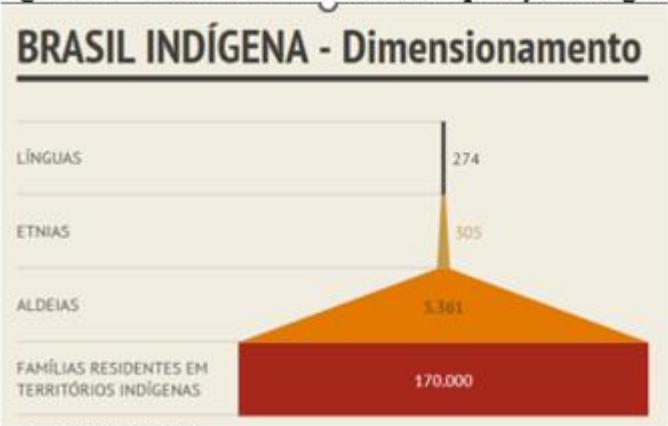
4 DIVERSIDADE ÉTNICA DE MATO GROSSO DO SUL

HABILIDADES DE ACORDO COM O REFERENCIAL DA REME: (CG.EF07GER02.d) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Mato Grosso do Sul, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas. (CG.EF07GER04.d) Elaborar e interpretar gráficos de barras, gráficos de setores e histogramas, com base em dados socioeconômicos do Centro-Oeste e do Mato Grosso do Sul. (CG.EF07GER05.s) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades

PARA SABER MAIS – PROFESSOR:
Livros:
1) Livro sobre a história dos Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul (referência: Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais. / Organizadores: Graciela Chamorro, Isabelle Combès -- Dourados, MS: Ed. UFGD, 2018. 930p.)
2) Livro Breve Painel Etno-Histórico de MS

O Brasil é um país marcado pela diversidade étnica e cultural, formada a partir da presença e da interação entre diferentes povos ao longo da história. Entre esses grupos destacam-se os povos indígenas, os africanos escravizados, os europeus colonizadores e seus descendentes.

Figura 19 – Dimensionamento da População indígena no Brasil



Fonte: IBGE, 2022

Os povos indígenas habitavam o território brasileiro antes da chegada dos europeus e possuíam diferentes modos de vida, línguas, costumes e formas de organização social. Já os africanos foram trazidos de forma forçada a partir do século XVI, contribuindo de maneira decisiva para a formação cultural, econômica e social do país.

4.1 Povos indígenas de Mato Grosso do Sul

PARA SABER MAIS – PROFESSOR:
Vídeos-aula:
1) Os indígenas e as indígenas hoje no Brasil

2) Quem são os indígenas e as indígenas?

3) População indígena em MS

4) Comunidades indígenas em Campo Grande

4) Documentário História Indígena no Mato Grosso do Sul:

No Brasil existem cerca de 1,7 milhão indígenas no Brasil, com 391 etnias e 295 línguas indígenas faladas (IBGE, 2022). O Mato Grosso do Sul, de acordo com o Censo/IBGE 2022, tem a terceira maior população indígena do Brasil, com mais de 116 mil pessoas de oito etnias. Sendo: Guarani, Guarani Kaiowá, Guarani Nhandeva, Guató, Kadiwéu, Kinikinau, Ofaié e Terena.

Vimos no capítulo 2 que Mato Grosso do Sul consolidou-se como um verdadeiro encontro de culturas. Recebemos migrantes de diversas regiões do Brasil — como gaúchos e mineiros — além de imigrantes vindos de terras distantes, como o Japão e o Líbano, e de nossos vizinhos fronteiriços, a Bolívia e o Paraguai.

No entanto, é fundamental lembrar que, muito antes dessa confluência de povos, este território já era habitado por populações tradicionais, cujas raízes e saberes moldaram a base da nossa história.

Antes da chegada dos europeus, o território que hoje chamamos de Mato Grosso do Sul já era densamente povoado. Grandes nações indígenas, como os Guarani (Kaiowá e Ñandeva) e os Terena, ocupavam vastas áreas, estabelecendo formas próprias de organização social e manejo da terra.

Esses povos conheciam profundamente o território, suas plantas, animais e rios, e estabeleceram redes de relações sociais, culturais e econômicas que os mantinham conectados ao ambiente e uns aos outros. Segundo Valdez e Amaral (2011), obras didáticas produzidas especialmente para o estudo regional mostram que os povos indígenas são parte central da história de Mato Grosso do Sul, não apenas como habitantes, mas como construtores ativos do território e das relações sociais que dali se originaram.

Você sabia?

Os Kadiwéu ficaram conhecidos na história como "índios cavaleiros", pois dominaram a montaria de cavalos trazidos pelos europeus e usaram essa habilidade para defender seu território.

Antes de escrevermos a história, precisamos lembrar que o território não era “vazio”. Os povos indígenas viviam e construíam sociedades complexas muito antes de qualquer europeu chegar. Eles não eram apenas moradores do território — eram seus primeiros construtores de paisagens culturais e modos de vida adaptados ao ambiente.

Para os povos indígenas, a terra não é apenas um espaço econômico, mas um território de vida, conhecido como *tekoha*, que representa o local onde é possível viver de acordo com seus costumes, tradições e organização social (Chamorro & Combés, 2018).

Com a chegada dos colonizadores europeus, os povos indígenas passaram a sofrer processos de expulsão, violência e perda de territórios. Ao longo do tempo, a expansão da agropecuária, da mineração e da urbanização reduziu drasticamente as áreas tradicionalmente ocupadas pelos indígenas em Mato Grosso do Sul.

4.1.1 Território em Disputa: Indígenas e Agronegócio

A população indígena de Mato Grosso do Sul apresenta uma distribuição que reflete a ocupação histórica do nosso território, conforme é possível ver no quadro abaixo:

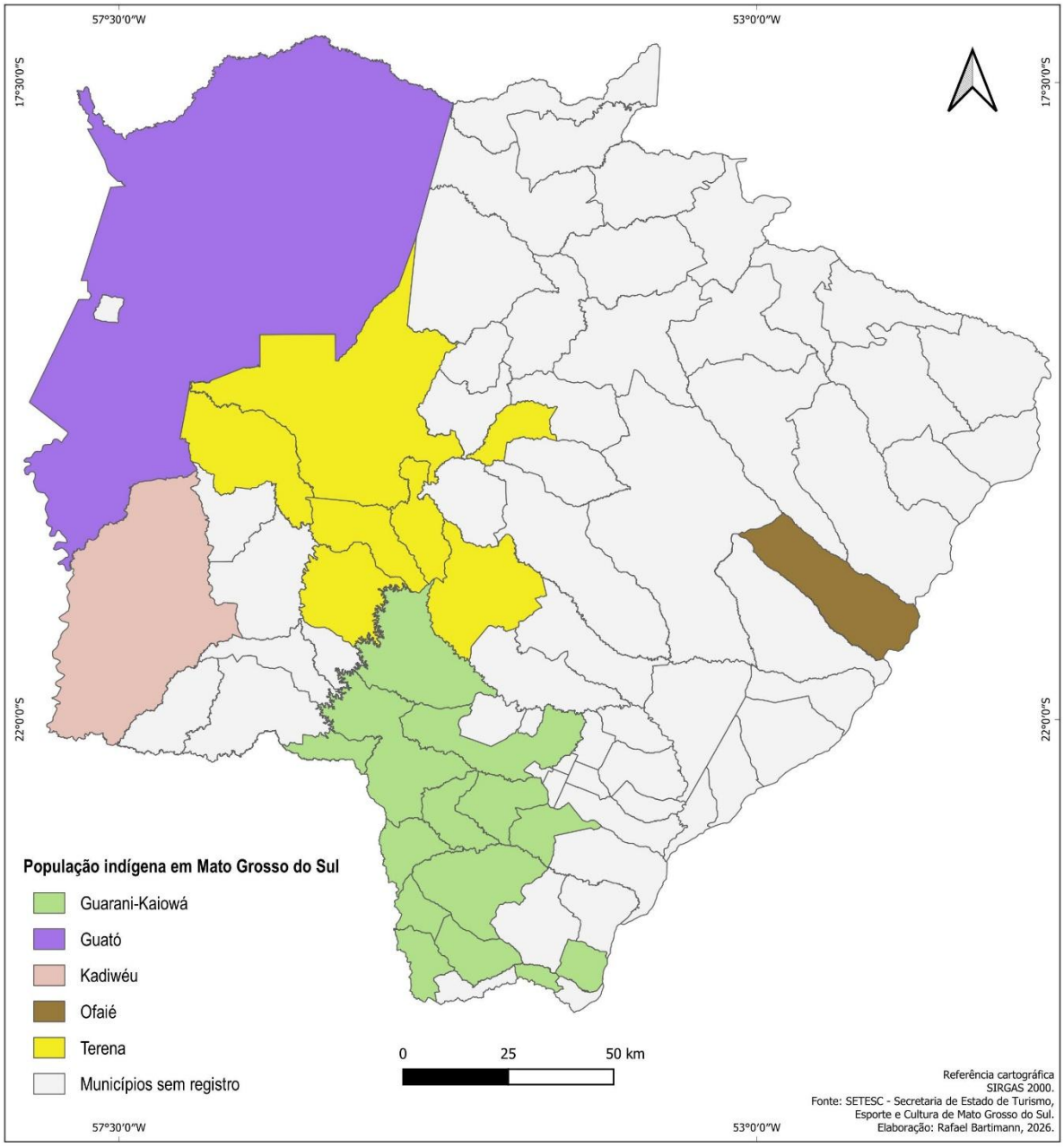
Quadro 3 – População indígena do MS.

Etnia	**População**	**Localização**
Guarani Kaiowá	45.000	Sul do Estado (Amambai, Dourados, Caarapó)
Terena	30.000	Centro-Oeste (Aquidauana, Miranda, Dois Irmãos)
Guarani Ñandeva	12.000	Sul e Fronteira com Paraguai
Kadiwéu	1.600	Porto Murtinho (Serra da Bodoquena)
Kinikinau	250	Miranda e Aquidauana
Atikum	100	Nioaque
Ofaié	100	Brasilândia
Guató	400	Corumbá (Pantanal)

Fonte: Organizado pelo autor (2026), a partir de dados da FUNAI (2025)

Essas comunidades estão distribuídas por diferentes regiões, enquanto o Sul do estado concentra a maior densidade populacional, especialmente com o povo Guarani Kaiowá, a região Norte e Centro-Oeste abriga importantes territórios Terena, e o Pantanal permanece como o lar ancestral dos povos das águas, como os Guató.

Figura 20 – Mapa dos principais grupos indígenas de Mato Grosso do Sul.



É fundamental observar que a localização dessas comunidades coincide, muitas vezes, com as áreas de maior produtividade e expansão do agronegócio no estado. No Sul do estado, onde vivem os Guarani Kaiowá, as terras são intensamente utilizadas para o cultivo de soja, milho e cana-de-açúcar. Essa sobreposição geográfica é a raiz dos principais conflitos fundiários em MS: de um lado, o direito originário à terra ancestral; de outro, a expansão das fronteiras produtivas.

Nas regiões Centro-Oeste e Norte, as terras ocupadas pelos Terena também enfrentam a pressão da pecuária e, mais recentemente, do avanço das florestas plantadas de eucalipto. Essa falta de articulação entre a necessidade de preservação da cultura indígena e o modelo de desenvolvimento econômico focado na exportação de commodities acaba resultando em uma disputa desigual pelo solo.

Para refletir...

Observe que os Guarani Kaiowá e os Terena compõem a grande maioria da população indígena do estado. O que isso nos diz sobre a necessidade de políticas públicas e demarcação de terras nessas regiões?

4.1.2 Conquistas e Desafios Atuais

A partir do século XX, os povos indígenas passaram a se organizar politicamente e a lutar pelo reconhecimento de seus direitos. Um marco importante dessa luta foi a Constituição Federal de 1988, que reconheceu o direito dos povos indígenas às terras tradicionalmente ocupadas, bem como o respeito às suas culturas, línguas e tradições. Esse reconhecimento representou uma grande conquista histórica, pois afirmou que os povos indígenas têm direito de continuar vivendo de acordo com seus costumes e formas próprias de organização social.

Figura 21 – Povos indígenas Guarani-Kaiowás do MS



Fonte: Fundação de Cultura MS (2022).

Para saber mais:

Pode agendar uma visita mediada ao Museu das Culturas Dom Bosco - Parque das Nações Indígenas. Possui exposições sobre povos indígenas (Bororo, Xavante, Karajá, Kalapalo e das 08 etnias do MS. Endereço: Av. Afonso Pena, 7000 Telefone: (67) 3312-3903

Ou

Memorial da Cultura Indígena - Cacique Enir Terena: Localizado na primeira aldeia urbana do Brasil (Marçal de Souza). É um centro de valorização e comercialização de artesanato, cerâmicas, biojóias e pinturas de diversas etnias. R. Terena - Lot. Marçal de Souza.

Apesar das conquistas legais, muitos povos indígenas de Mato Grosso do Sul ainda enfrentam grandes desafios. A demora nos processos de demarcação das terras, a expansão do agronegócio e os conflitos fundiários geram situações de violência, insegurança e dificuldades de acesso a direitos básicos, como saúde, educação e moradia adequada.

- Artigo 231 da Constituição Federal:

"São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens."

4.2 Povos quilombolas de Mato Grosso do Sul

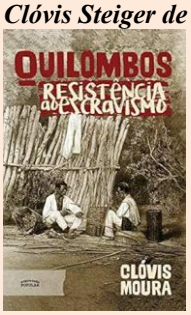
Como você já deve ter estudado na disciplina de História, entre os séculos XVI e XVIII, milhares de africanos foram comercializados e escravizados no continente americano. Com a chegada de negros africanos para servir de mão de obra escrava, amplia-se o processo de miscigenação.

Os negros escravizados foram a principal mão de obra em atividades econômicas do Brasil colonial, fundamentais para o seu desenvolvimento econômico.

PARA SABER MAIS – PROFESSOR:
Vídeos-aula:

1) Comunidades quilombolas em MS

Livro
Quilombos – resistência ao escravismo
Clóvis Steiger de Assis Moura



Três grandes culturas africanas entraram no Brasil por meio de imigrações forçadas: culturas sudanesas, bantas e guineano-sudanesas islamizadas. Apresentavam diferentes tradições, crenças e tecnologias, o que contribuiu para a formação cultural e econômica brasileira

Não foi através da abolição da escravatura, em 1888, que a população afro-brasileira teve seus direitos garantidos, ao contrário disso, com a aprovação da Lei de Terras em 1850, os ex-escravos não tiveram o acesso à terra e passaram a enfrentar total descaso do Estado comandado por brancos que perpetuaram a concentração de terras na mão de oligarquias, aumentando a desigualdade social e produzindo um período de marginalização e exclusão social.

Diante desse cenário de injustiça e falta de oportunidades, a busca por liberdade e autonomia levou à organização de territórios próprios. Há registros muito antes da abolição, nos quais grupos se organizaram em espaços de refúgio e sobrevivência conhecidos como comunidades quilombola.

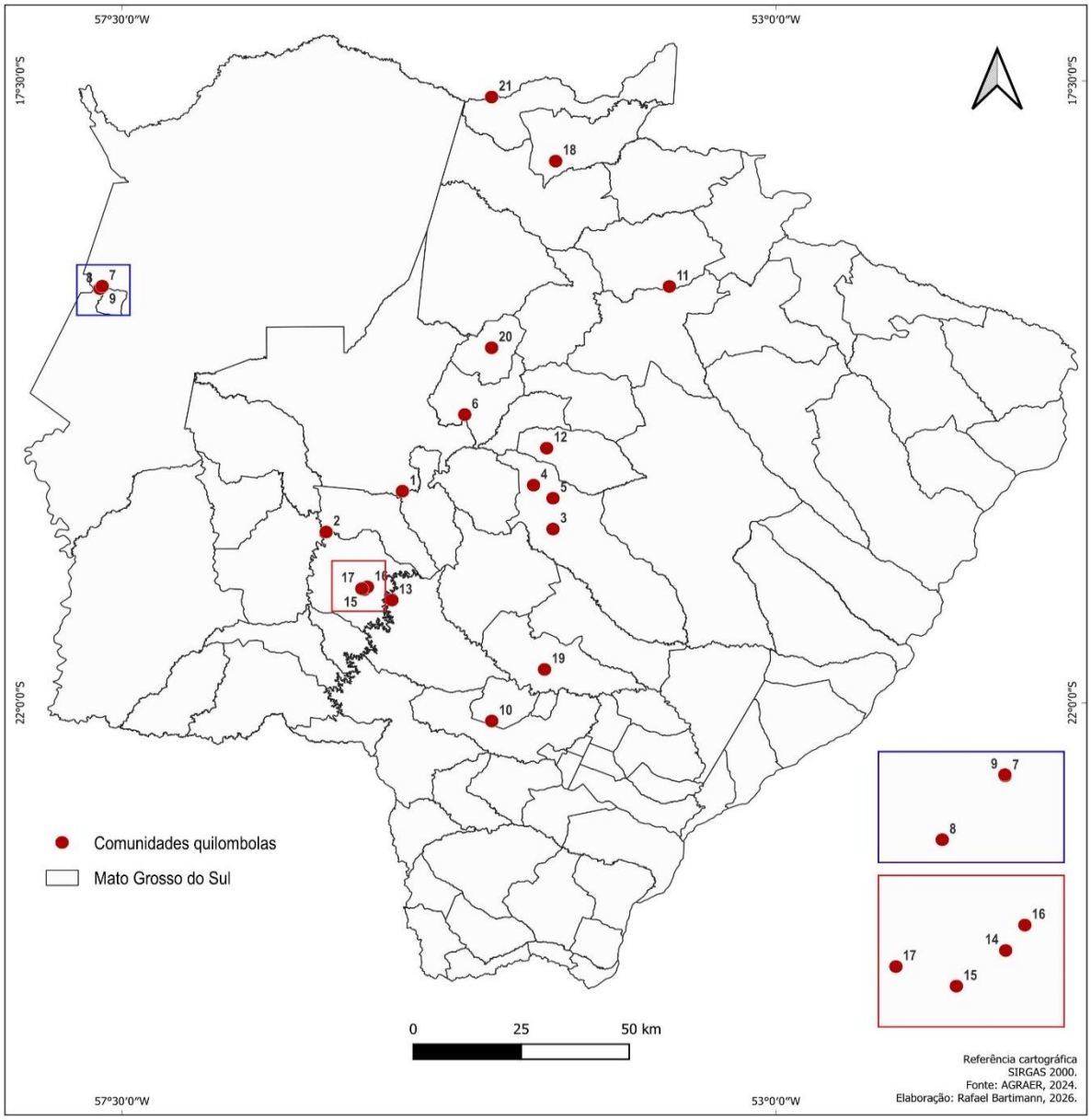
Os quilombos são comunidades formadas por descendentes de negros africanos escravizados que fugiram das fazendas de açúcar, de café, da atividade mineradora e de outras a partir do século XVII.

Figura 22 – Rota da Escravidão



Fonte: Fundação CECIERJ, 2025.

Figura 23 – Localização das comunidades quilombolas do MS.



1	Furnas dos Baianos	12	Furnas do Dionísio
2	Águas do Miranda	13	Colônia São Miguel
3	Chácara Buriti	14	Família Araújo e Ribeiro
4	Tia Eva (Vila São Benedito)	15	Família Cardoso
5	São João Batista	16	Ribeirinha Família Bulhões
6	Furnas de Boa Sorte	17	Ribeirinho Família Romano Martins
7	Ribeirinha Família Campos	18	Família Quintino
8	Maria Theodora Gonçalves de Paula	19	Família Jarcem
9	Ribeirinha Família Osório	20	Ourolândia
10	Desidério Felipe de Oliveira/Picadinha	21	Família Bispo
11	Santa Tereza/Família Malaquias		

Eles se autodenominam quilombolas. Essas comunidades persistiram e são encontradas em praticamente todos os estados brasileiros, as quais durante muito tempo ficaram desconhecidas ou isoladas.

Com a Constituição Brasileira de 1988, que concedeu aos quilombolas o direito à propriedade de suas terras e à manutenção de suas culturas, essas comunidades ganharam mais visibilidade na sociedade brasileira.

Até 2002, haviam sido identificadas 743 comunidades quilombolas no Brasil. Atualmente, graças às iniciativas do governo federal e das comunidades quilombolas em busca do autorreconhecimento, o número de comunidades identificadas supera 3.500.

No entanto, por causa da demora no processo de reconhecimento oficial e titulação da maior parte delas, há ainda muitos conflitos entre quilombolas, fazendeiros e posseiros. Em Mato Grosso do Sul (ver figura 23), das 21 comunidades certificadas, 18 deram entrada no Incra para processo de regularização de seus territórios e 3 são regularizadas: São Miguel em Maracaju, Furnas Boa Sorte em Corguinho, Furnas do Dionísio em Jaraguari e Chácara Buriti em Campo Grande. No total, abrigam cerca de 840 famílias.

4.3 Desafios dos Povos Indígenas e das Comunidades Quilombolas

Apesar dos direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988, muitos povos indígenas e comunidades quilombolas ainda enfrentam situações de exploração do trabalho, especialmente em regiões marcadas pela pobreza, pela concentração de terras e pela falta de oportunidades.

Em Mato Grosso do Sul, reportagens e investigações mostram que indígenas e quilombolas são, em alguns casos, submetidos a condições de trabalho análogas à escravidão, principalmente em atividades ligadas ao agronegócio, como o corte de cana-de-açúcar, a pecuária, o plantio de mandioca e o reflorestamento (MPT, 2020).

Para entender por que isso acontece, basta olharmos para o mapa: muitas comunidades indígenas e quilombolas em Mato Grosso do Sul vivem em "ilhas" de terra, cercadas por imensas plantações de soja, milho ou cana-de-açúcar. Como essas comunidades tiveram seus territórios reduzidos, muitas vezes não sobra espaço suficiente para plantar o próprio alimento ou criar animais.

Sem terra para produzir, o trabalhador acaba sendo "empurrado" para buscar emprego nas grandes fazendas vizinhas. Como ele está em uma situação de muita necessidade, muitas vezes aceita condições de trabalho que desrespeitam a lei, tornando-se vítima de um ciclo: a mesma expansão do agronegócio que diminuiu o território dessas comunidades é a que as contrata, por vezes, de forma precária e injusta.

PARA SABER MAIS:

Indígenas são resgatados em condição análoga à de escravo na zona rural de Itaquiraí

Essas situações incluem jornadas excessivas, salários baixos ou inexistentes, condições precárias de moradia, falta de equipamentos de proteção e restrição da liberdade. Entre os povos indígenas, a exploração do trabalho está relacionada, muitas vezes, à perda de territórios tradicionais. Sem acesso suficiente à terra para garantir sua subsistência, muitas famílias são obrigadas a buscar trabalho fora das aldeias, tornando-se mais vulneráveis ao aliciamento e à exploração.

As comunidades quilombolas também enfrentam desafios semelhantes. A falta de regularização de seus territórios dificulta o desenvolvimento da agricultura familiar e a geração de renda, levando parte da população a aceitar trabalhos precários em fazendas e empresas da região. Essas práticas violam os direitos humanos e desrespeitam a dignidade dessas populações, que historicamente contribuem para a formação cultural e social do país.

O combate à exploração do trabalho indígena e quilombola é um dever de instituições da sociedade civil, que busca oferecer a esses povos maiores informações, acesso à educação, uma maior e eficiente fiscalização do Estado, a garantia do direito à terra, e a oportunidades de trabalho digno.

YouTube

Filme: Terra Viva

https://www.youtube.com/watch?v=N7-tiPA4IEk

CURIOSIDADES

A Herança Viva dos Quilombos em MS

Embora MS seja muito conhecido por sua cultura indígena e pantaneira, a presença negra é um dos pilares fundamentais da nossa identidade. As comunidades quilombolas não são apenas registros do passado; elas são espaços de resistência e cultura viva que existem até hoje. Conheça algumas comunidades: **Comunidade Tia Eva:** Localizada em Campo Grande, foi fundada por Eva Maria de Jesus, uma ex-escravizada que veio de Goiás em busca de terras e liberdade. Ela é famosa pela tradicional Festa de São Benedito, que acontece há mais de 100 anos. A Igreja de São Benedito é patrimônio imaterial do MS. **Furnas do Dionísio:** Situada em Jaraguari, esta comunidade é referência na produção de derivados da cana-de-açúcar, como o melado e a rapadura, mantendo técnicas de produção que atravessam gerações.

TESTANDO SEUS CONHECIMENTOS

A comunidade quilombola em Campo Grande é a

_____

Quilombos são

_____

_____

_____



As 08 etnias indígenas no MS são

_____

_____

_____

A Constituição Federal em seu artigo 231, reconhece

_____

_____

_____

_____

PROPOSTA DE ATIVIDADE

Compreensão do texto

1) Assinale Verdadeiro (V) ou Falso (F)

( ) Os povos indígenas habitavam o território brasileiro antes da chegada dos europeus.
( ) Para os povos indígenas, a terra é apenas um bem econômico.
( ) A Constituição de 1988 reconheceu os direitos territoriais indígenas.
( ) As comunidades quilombolas surgiram a partir da resistência à escravidão.
( ) Os conflitos pela terra estão relacionados apenas a fatores naturais.

2) Explique a importância do território para os povos indígenas e quilombolas.

3) Por que a Constituição de 1988 é considerada uma conquista histórica para esses grupos?

Pesquisa e produção textual

Pesquise uma reportagem atual que trate sobre conflitos pela posse da terra envolvendo povos indígenas ou comunidades quilombolas no Brasil ou em Mato Grosso do Sul.

Após a leitura, produza um texto dissertativo-argumentativo, com no máximo 25 linhas, abordando:

- O conflito apresentado na reportagem;
- Os grupos sociais envolvidos;
- Busque responder: Por que, em pleno século XXI, ainda ouvimos falar em "trabalho escravo" no nosso estado?
- Pense em ações o Governo e medidas que a sociedade poderia tomar para que os indígenas não precisassem aceitar trabalhos perigosos para sobreviver.

Trabalho em grupo

Divida a turma em grupos para pesquisar: Cada grupo irá pesquisar sobre uma etnia indígena de Mato Grosso do Sul

Apresentação em cartaz com seminário contemplando:

História |Cultura| Resistência| Situação atual

Debate

"O MARCO TEMPORAL E OS DIREITOS TERRITORIAIS INDÍGENAS"

Divida a turma em 4 grupos e o professor deve entregar textos[30] bases para cada grupo estudar e apresentar um ponto de vista:

Grupo 1 – Povos indígenas.

Grupo 2 – Produtores rurais.

Grupo 3 – Estado (governo e Justiça).

Regras:

Todos os grupos têm direito à fala.

Cada grupo terá 2 minutos por fala.

O professor atua como mediador.

Reportagens/sites para subsidiar o debate:

1)

2)

3)

[30] 1) *Site* Brasil Escola "O que é marco temporal (terras indígenas)?; 2) *Site* da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB); 3) Reportagem "O que é marco temporal e quais são os argumentos favoráveis e contrários".

5 GEOGRAFIA ECONÔMICA DE MATO GROSSO DO SUL

HABILIDADES DE ACORDO COM O REFERENCIAL DA REME: (CG.EF07GER09.s) Discutir em que medida a produção, a circulação e o consumo de mercadorias provocam impactos ambientais, assim como influem na distribuição de riquezas, em diferentes lugares. (CG.EF07GER10.d) Analisar a influência e o papel das redes de transporte e comunicação na configuração do território sul-mato-grossense.

PARA SABER MAIS:
Vídeo-aula: Setores Primário, Secundário e Terciário do MS

Material em power point – Blog Geografia Morena:

Sobre a Rota Bioceânica, vídeo "O que está acontecendo com a Rota Bioceânica?"

A geografia econômica estuda a distribuição espacial, organização e localização das atividades econômicas, e como essas atividades influenciam a sociedade e o meio ambiente.

Nosso estado vive um momento de desenvolvimento econômico. De acordo com dados recentes, Mato Grosso do Sul apresentou o 2º maior crescimento do PIB do Brasil, com uma alta de 13,4%. Isso é quatro vezes superior à média nacional (SEMADESC, 2023).

O Produto Interno Bruto (PIB) é a soma de todas as riquezas produzidas em um local durante um ano.

Esse crescimento não aconteceu por acaso; ele é o resultado direto da integração entre os três setores da economia que, embora distintos, funcionam de forma interdependente. Na prática, isso significa que existe um ciclo contínuo: a tecnologia e os serviços especializados desenvolvidos nas cidades (setor terciário) aumentam a eficiência da produção no campo (setor primário), que, por sua vez, fornece a matéria-prima essencial para o abastecimento das fábricas (setor secundário). Para visualizar como essa engrenagem funciona e como cada setor impulsiona o outro, observe o esquema explicativo abaixo:



Setor Primário
Produção e extração de recursos naturais
Agricultura, pecuária e extrativismo.



Setor Secundário
Transformação das matérias-primas.
A indústria está ligada ao setor primário - Agroindústria



Setor terceário
Comércio, turismo e a prestação de serviços.

5.1 Setor Primário da economia



Fonte: BlogGeoMorrena, s/d.

Como base na riqueza do nosso estado, o setor primário diz respeito a extração e cultivo de recursos naturais. Em Mato Grosso do Sul, essa força produtiva se organiza em dois pilares distintos, mas complementares: a Agricultura Comercial e a Agricultura Familiar.

Enquanto a agricultura familiar sustenta o mercado interno com diversidade e baixo impacto ambiental, a vertente comercial é o motor do PIB estadual. Esta última é caracterizada por ser altamente tecnológica e voltada à exportação de *commodities*[31] em larga escala. Conforme evidenciado na tabela abaixo, a produção é dominada por culturas de alto valor agregado no mercado global:

[31] GLOSSÁRIO
O termo Commodity (no plural, *commodities*) vem do inglês e significa "mercadoria", são produtos básicos, geralmente de origem agrícola, pecuária ou mineral, que servem de matéria-prima para outras indústrias. Elas possuem três características principais, padronização, baixo valor agregado e preço global. Isto é, possuem baixo valor agregado, por serem matérias-primas brutas, e seu preço é definido pelo mercado global (Bolsas de Valores), e não pelo produtor local.

Tabela 1 – Produção das principais culturas em MS (Safra 2024/2025)

Cultura	Produção (em toneladas)	Principal uso/destino
Soja	~14,0 milhões	Exportação (Ração e Óleo)
Milho	~14,0 milhões	Exportação e Indústria de Etanol
Cana-de-Açúcar	~49,2 milhões	Produção de Açúcar e Etanol
Eucalipto	~1,1 milhão (hectares)	Celulose (Papel)

Fonte: Elaborado pelo autor (2026), com base em dados da FAMASUL e SEMADESC (2025).

A soja, com mais de 14 milhões de unidades produzidas, reforça a característica de monocultura em grandes propriedades descrita no fluxograma da Agricultura Comercial. O milho aparece como pilar que sustenta não apenas a exportação, mas também a indústria de ração animal, integrando o setor primário diretamente ao secundário (industrial).

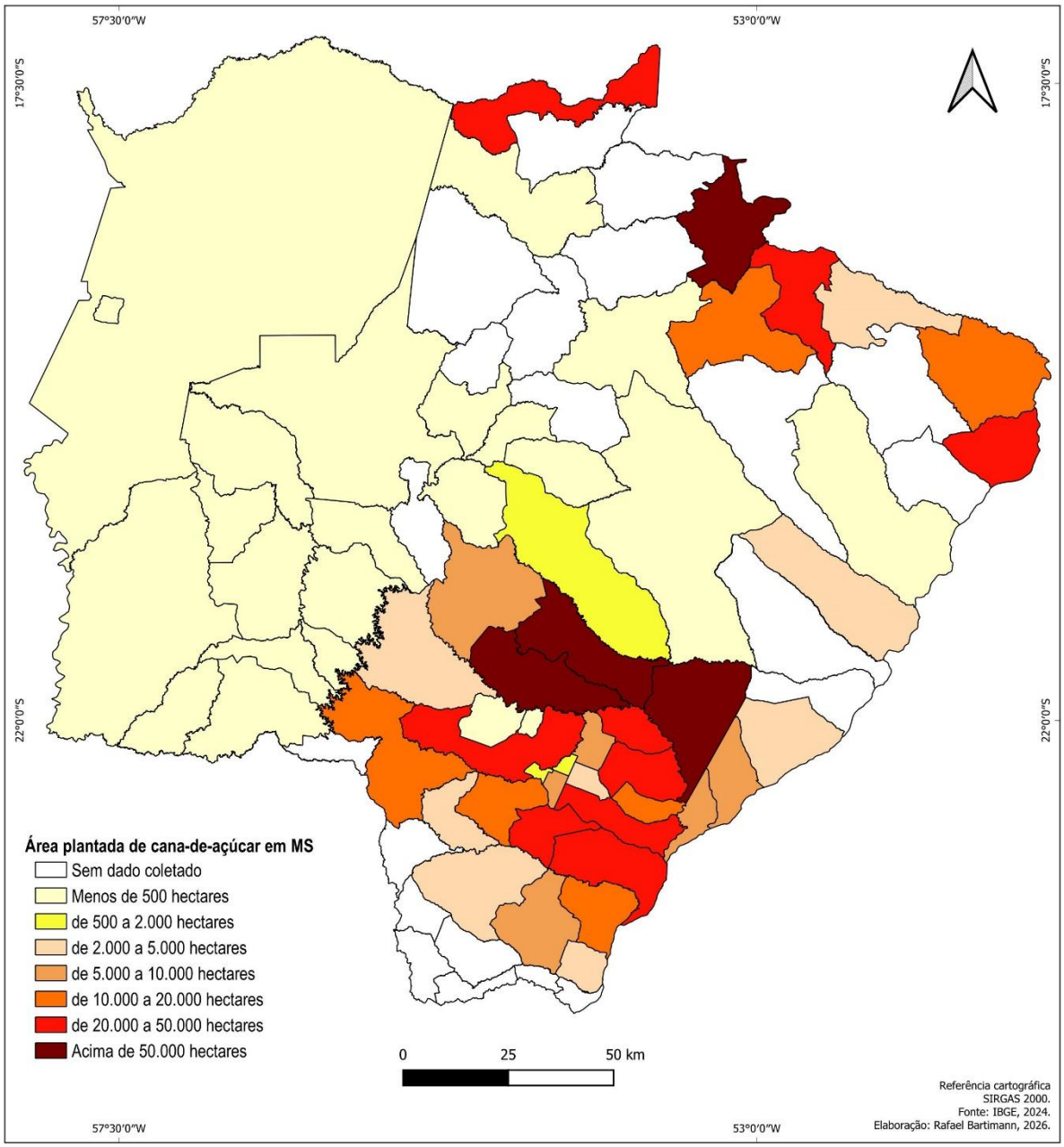
A cana-de-açúcar também sustenta a indústria de biocombustíveis, na qual o estado tem investido nessa produção, tendo um aumento significativo dessa cultura, impulsionado por uma combinação de fatores tecnológicos e técnicos, melhoramento genético, inovação, e sobretudo, a mecanização e tecnologia.

Quando dizemos que MS atende ao "mercado externo", significa que somos um dos grandes fornecedores de comida e matéria-prima para o planeta, sendo a China, Tailândia, Holanda, Irã, Japão, EUA e Itália.

O cruzamento entre o volume produtivo e a espacialização geográfica evidencia que a expansão da cultura sucroenergética no estado (ver figura 24) não ocorre de forma homogênea, apresentando uma forte concentração territorial em determinados polos produtivos, tais como nas regiões de Campo Grande, Dourados e Coxim.

Por outro lado, produtos como o feijão e a mandioca, embora ocupem posições inferiores em volume total de valor, são fundamentais para a segurança alimentar local, sendo tipicamente associados ao modelo de pequenos produtores e ao mercado interno.

Figura 24: Área para o cultivo da cana-de-açúcar por município em Mato Grosso do Sul.





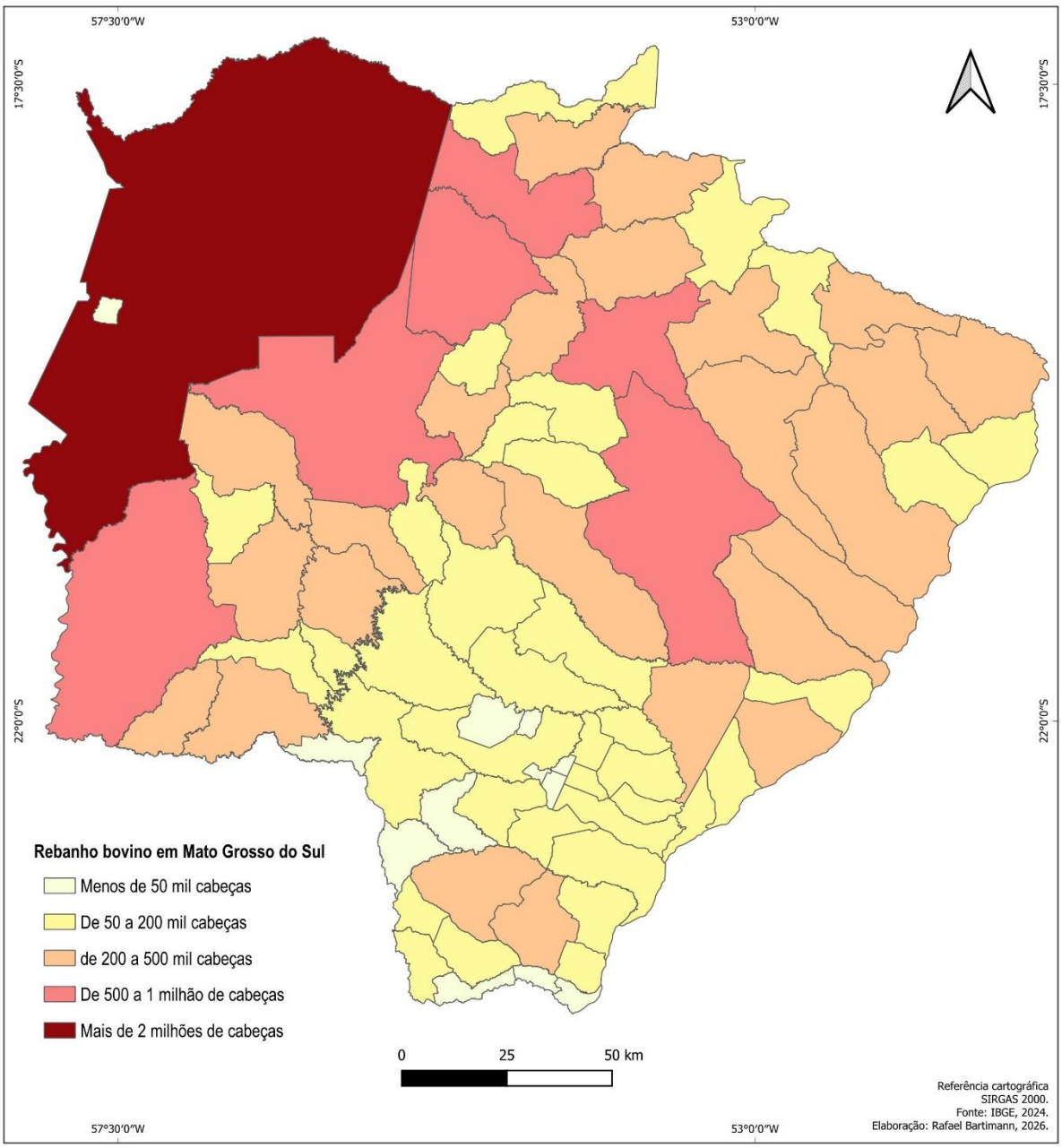
Fonte: BlogGeoMorrena, s/d.

A pecuária é uma marca da nossa identidade, com imensos rebanhos bovinos que abastecem frigoríficos nacionais e internacionais

Essa produção organiza-se em dois modelos principais: 1) Pecuária Extensiva: caracterizada pela disponibilidade de amplas áreas e baixo investimento, embora apresente menor controle sobre os animais. É o modelo predominante em regiões como o Pantanal (norte e oeste do estado), onde se observam as maiores concentrações de efetivo bovino, ultrapassando 500.000 cabeças por município em cidades

como Corumbá. 2) Pecuária Intensiva: focada em alto investimento, seleção genética apurada e controle total do rebanho. Este modelo tem ganhado espaço para aumentar a produtividade e a qualidade da carne exportada.

Figura 25 – Rebanho bovino em Mato Grosso do Sul (2024).



A distribuição espacial dos rebanhos (figura 25) mostra que a pecuária está presente em todo o território sul-mato-grossense, com o maior potencial perto da fronteira. Esta produção não apenas alimenta a economia local, mas consolida Mato Grosso do Sul como um fornecedor estratégico de proteína animal para o mundo.



Fonte: BlogGeoMorrena, s/d.

Além disso, o extrativismo garante que o estado aproveite a vasta diversidade de seus recursos naturais – seja vegetal (madeira), animal (pesca) ou mineral (ferro e manganês).

Em 2024, o estado registrou 118 empresas realizando operações com minério em 56 municípios, atingindo o valor de R$ 11,8 bilhões entre 2020 e 2024 (SEMADESC, 2025). O extrativismo mineral está concentrado no Maciço de Urucum, em Corumbá e Ladário. Esta região possui uma das reservas mais ricas do país, com minérios de ferro e manganês, sendo destinado ao mercado externo, sobretudo para China e Argentina. Esse conjunto de atividades é o ponto de partida para o crescimento de todos os outros setores da nossa economia.

5.2 Setor Secundário da economia

O setor secundário é responsável pela transformação das matérias-primas em produtos industrializados. Em Mato Grosso do Sul, a indústria está fortemente ligada ao setor primário, formando a agroindústria, com indústrias de alimentos, indústria de papel/celulose, usinas sucroenergéticas, frigoríficos e curtumes e processamento de couros, energia e mineração e construção civil.

O grande símbolo dessa evolução é o complexo de papel e celulose, conhecido como o "Vale da Celulose". Enquanto Três Lagoas já é uma referência mundial, o eixo de expansão agora atinge cidades como Ribas do Rio Pardo e Inocência.

Nestes polos, operam frigoríficos de grande porte que processam carne bovina, suína e de aves, gerando milhares de empregos diretos e garantindo que a proteína animal sul-mato-grossense chegue às mesas de mais de 100 países.

Nestes polos, operam frigoríficos de grande porte que processam carne bovina, suína e de aves. Segundo dados da RAIS e do IBGE (2024/2025), o setor de abate e fabricação de produtos de carne é o maior empregador industrial do estado, gerando cerca de 35 mil empregos diretos. Isso significa que, de cada 4 trabalhadores da indústria em MS, pelo menos 1 trabalha em um frigorífico.

Você sabia?

A cidade de Três Lagoas, que hoje é conhecida mundialmente como a "Capital Mundial da Celulose". O estado possui algumas das maiores fábricas do planeta (como a Suzano e a Eldorado Brasil). Nessas fábricas, o eucalipto é transformado em farelo de celulose em apenas alguns dias, sendo exportado principalmente para a China e Europa para fabricar papel, fraldas e até tecidos.

No setor sucroenergético, as usinas não apenas produzem biocombustíveis, mas também geram energia elétrica a partir da biomassa. Já a construção civil e os serviços de infraestrutura, embora pareçam menores, são fundamentais para o crescimento das cidades, representando uma parcela estratégica do nosso mercado de trabalho.

5.3 Setor Terciário da economia

Curiosidades

Para cada grande indústria instalada (como a Suzano em Ribas do Rio Pardo), surgem centenas de pequenas empresas de serviços (marmorarias, lanchonetes, oficinas, consultorias) para atender a nova demanda. É o que os economistas chamam de efeito multiplicador.

O setor terciário envolve o comércio varejista e atacadista e a prestação de serviços, desenvolvidas por atividades como transporte, setor bancário, saúde, educação, fornecimento de energia e de água, tratamento de esgoto, administração pública, entre outros.

Em 2025, o estado atingiu a marca histórica de mais de 330 mil empresas ativas, com um crescimento notável de 15,4% na abertura de novos negócios, especialmente no interior (JUCEMS, 2025).

Outro grande empreendimento que o estado tem investido é a Rota Bioceânica, envolvendo a logística e transporte, além de impulsionar outros serviços como comércio, hotelaria, gastronomia, bancários, entre outros.

A Rota Bioceânica[32] é um projeto de infraestrutura que visa ligar o Porto de Santos (no Oceano Atlântico) aos portos do Chile (no Oceano Pacífico), tendo uma redução do tempo e dos custos de transporte, o que favorece a exportação de produtos do agronegócio e da indústria, como grãos, carne e celulose.

Curiosidades

Mato Grosso do Sul deixa de ser um estado 'no centro do continente' para se tornar o 'centro do corredor' que liga dois oceanos, além de integrar quatro países: Brasil, Paraguai, Argentina e Chile, reduzindo tempo de viagem e custos. Isto muda a nossa importância na economia mundial.

Dessa forma, ela favorece não só o setor terciário (com os serviços agregados), mas também os setores primários - escoamento de commodities - e o setor secundário – beneficiando a indústria de celulose e frigoríficos, entre outras, agregando muito valor e desenvolvimento para o estado.

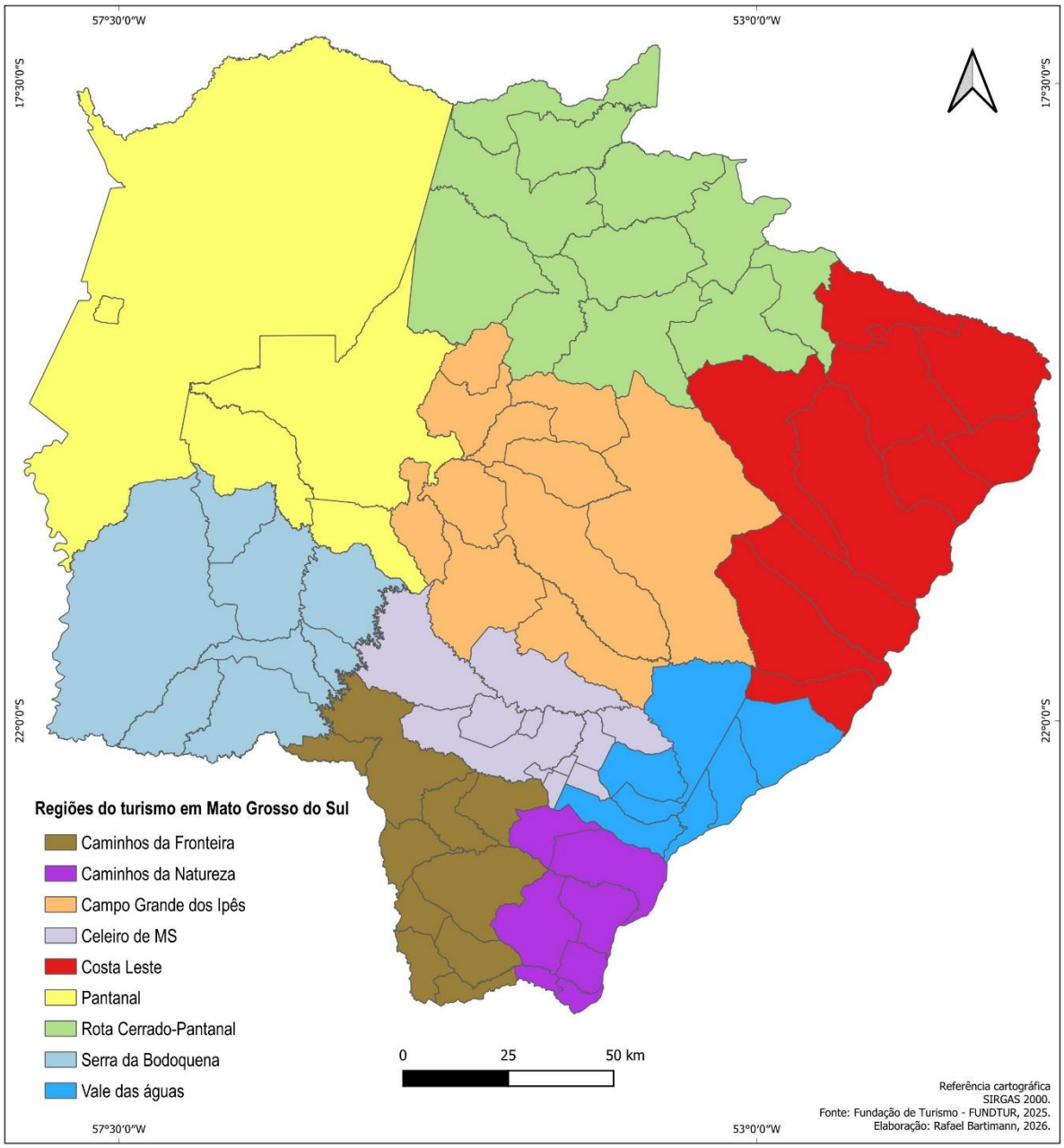
Além disso, temos o potencial do turismo, o estado conta com 10 regiões turísticas oficialmente reconhecidas, englobando 52 municípios que possuem o selo de qualidade do Ministério do Turismo.

Mato Grosso do Sul alcançou, em julho de 2025, o 2º melhor desempenho do Brasil em faturamento turístico, com uma alta de 12,9%, sendo impulsionado por estratégias de Carbono Neutro e pelo reconhecimento internacional.

A Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul (Fundtur-MS) tem direcionado suas estratégias com base nos princípios do Programa de Regionalização do Turismo (PRT). A figura 26 mostra as regiões de turismo no Mato Grosso do Sul, dividida em 9 regiões.

[32] Para acompanhar o empreendimento acesse o site oficial https://rotabioceanica.com.br/

Figura 26 – Regiões de Turismo em Mato Grosso do Sul.



A capital do estado, Campo Grande, funciona como a principal porta de entrada e centro de turismo de eventos. Também é conhecida pelo turismo como “Caminhos dos Ipês”. Essa denominação reflete a forte identidade da capital com a sua paisagem urbana, que se transforma anualmente com a florada das espécies nativas, unindo o desenvolvimento da cidade à preservação do bioma Cerrado.

Embora Campo Grande seja celebrada por sua beleza natural, a cidade enfrenta um dilema comum às grandes capitais: o conflito entre o crescimento urbano e a conservação do Cerrado.

Muitas vezes, empresas do setor imobiliário (as incorporadoras) pressionam o poder público para mudar as leis e permitir construções em áreas que antes eram protegidas. Isso pode levar ao desmatamento de "bolsões" de Cerrado que ainda restam dentro da cidade.

Regiões banhadas pelo Rio Paraná, com forte apelo para o turismo náutico e de lazer, além do crescimento do turismo de negócios em Três Lagoas. Os Caminhos da Fronteira e Cone Sul: Regiões que integram a cultura paraguaia ao cotidiano sul-mato-grossense, tendo o turismo rural, as águas termais e a produção agropecuária como principais atrativos.

E Vale das Águas e Celeiro do MS, tendo como o turismo rural, águas termais e na produção agropecuária como atrativo: a cultura paraguaia e o turismo de compras (Ponta Porã), além do potencial para o agroturismo.

Bonito é a região de referência em ecoturismo mundial, cujo foco são as águas cristalinas, cavernas e sustentabilidade. Em 2025, o destino registrou crescimento de 3% no fluxo de visitantes, superando a marca de 247 mil turistas (FUNDTUR, 2025).

E o Pantanal abrange cidades como Corumbá e Miranda, sendo o destino principal para safáris fotográficos, observação de aves e pesca esportiva. A Rota Cerrado Pantanal, situada ao norte, destaca-se pelo turismo de aventura e contemplação em cidades como Coxim e Costa Rica.

Esses destinos não apenas atraem divisas internacionais, mas sustentam uma vasta cadeia de serviços que inclui hotelaria, gastronomia e guias especializados, gerando renda para milhares de famílias de forma sustentável.

Portanto, o turismo é uma atividade em expansão, baseada principalmente no patrimônio natural e cultural do estado, contribuindo para a geração de renda e empregos.

A geografia econômica de Mato Grosso do Sul revela um estado com grande potencial produtivo e logístico. No entanto, o desenvolvimento econômico traz desafios que precisam ser enfrentados, como: a concentração de terras, os conflitos territoriais, a exploração do trabalho e os impactos ambientais do modelo produtivo.

A concentração de terras é um problema complexo, pois o nosso estado apresenta grandes extensões de terra que pertencem a poucos proprietários, enquanto muitas pessoas têm pouco ou nenhum acesso à terra. Essa concentração dificulta o acesso à terra por pequenos agricultores, comunidades indígenas e quilombolas, aumentando as desigualdades sociais e econômicas no campo.

A concentração de terras em Mato Grosso do Sul é um dos nossos maiores desafios sociais. De acordo com o último Censo Agropecuário, essa desigualdade fica clara quando olhamos para o tamanho das propriedades em MS, isto é, apenas 7% dos estabelecimentos rurais (as grandes fazendas com mais de 1.000 hectares) ocupam cerca de 80% de toda a área rural do estado. Já a Agricultura Familiar representa cerca de 70% do total de estabelecimentos no estado, mas ocupa apenas cerca de 5% da área total.

Enquanto uma minoria de grandes proprietários foca na produção de *commodities* para exportação (como a soja e o milho), a maioria dos trabalhadores rurais, indígenas e quilombolas disputa espaços mínimos para viver e produzir comida para a nossa mesa.

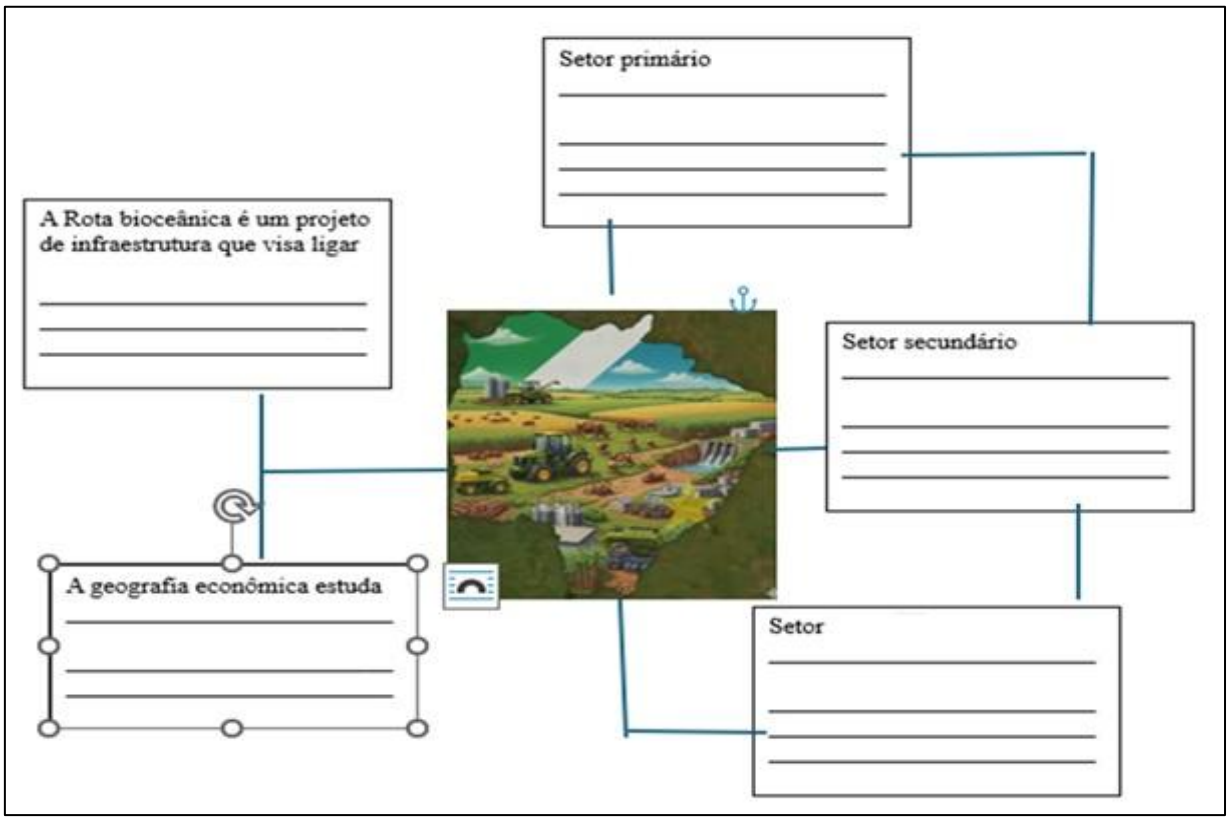
Assim, surgem conflitos territoriais entre grandes propriedades rurais e territórios tradicionalmente ocupados por povos indígenas e comunidades quilombolas. Esses conflitos podem gerar situações de violência, insegurança e desrespeito aos direitos garantidos pela Constituição.

Ademais, muitas populações vulneráveis, como indígenas e quilombolas são submetidos a condições precárias de trabalho, como jornadas excessivas, baixos salários, falta de direitos trabalhistas e, em casos mais graves, trabalho análogo à escravidão, conforme demonstrado no capítulo anterior.

Outro dado importante, esse modelo produtivo agroexportador é importante para o estado, no entanto, o uso intenso de máquinas e agrotóxicos provoca diversos impactos ambientais, como desmatamento, contaminação do solo e da água, perda da biodiversidade, entre outros.

Portanto, compreender esses aspectos é fundamental para pensar um desenvolvimento mais justo, sustentável e inclusivo. Logo, o desenvolvimento econômico não deve buscar apenas o lucro, deve haver um planejamento sistemático, visando a preservação e conservação do ambiente, ética, justiça e qualidade de vida para as gerações futuras.

TESTANDO SEUS CONHECIMENTOS



PROPOSTA DE ATIVIDADE

Compreensão e interpretação

1. Associação de colunas

COLUNA A	COLUNA B
(1) Porto Murtinho	( ) Corredor rodoviário que visa conectar o Porto de Santos (Atlântico) aos portos do Chile (Pacífico), reduzindo custos de exportação para a Ásia.
(2) Rota Bioceânica	( ) Município estratégico de MS que atua como a principal "porta de saída" fluvial e terrestre para a integração com o Paraguai e o Norte da Argentina
(3) Setor energético	( ) Pilar econômico do estado, caracterizado pela produção em larga escala de commodities (soja, milho, carne e celulose) voltadas ao mercado externo.
(4) Logística	( ) Conjunto de infraestruturas (rodovias, ferrovias e portos) e processos necessários para que a produção chegue ao destino final com eficiência.
(5) Agronegócio	( ) Segmento em expansão no estado que utiliza a cana-de-açúcar para a produção de biocombustíveis e energia elétrica, concentrado no centro-sul de MS.

2) Explique o que é o PIB e sua importância para analisar a economia de Mato Grosso do Sul.

3) O crescimento do agronegócio aumentou a produção e as exportações, mas também intensificou conflitos pela terra. Como é possível conciliar crescimento econômico e justiça social?

Entrevista

Em grupo de 04 a 05 pessoas.
a Rota Bioceânica vai transformar a economia e a logística do Mato Grosso do Sul, mas o que as pessoas que vivem aqui pensam sobre isso?

Etapas

- Faça uma ficha

- Construa as perguntas com questões objetivas
- Entreviste professores, colegas e familiares
- Fazer um tabelamento
- Socialização das ideias

TRABALHO EM GRUPO

Tema: Compreender a geografia econômica de Mato Grosso do Sul, analisando seus setores produtivos.

- A sala será dividida em grupos de 4 alunos.
- Cada grupo produzirá um cartaz com os temas:
    - Grupo 1: Setor primário (agronegócio, agricultura e pecuária)
    - Grupo 2: Setor secundário (indústrias e transformação)
    - Grupo 3: Setor terciário (comércio, serviços e turismo)
    - Grupo 4: Infraestrutura e logística (Rota Bioceânica, transporte e exportações)

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALBUQUERQUE, A. R. C. et al. Cartografia escolar e o ensino de Geografia Regional. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 18, n. 2, 2022.

BARTIMANN, Rafael. **Mato Grosso do Sul: Setor primário, secundário e terciário**. Campo Grande: s/d.

BLOG GEOMORENA: **Material Didático.** Campo Grande, [s.d.]. Disponível em: http://geomorena.blogspot.com/search/label/MATERIAL%20DID%C3%81TICO. Acesso em: 22 jan. 2026.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **Lealdades negociadas: povos indígenas e a expansão dos impérios ibéricos nas regiões centrais da América do Sul (segunda metade do século XVIII).** São Paulo: Alameda, 2014.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política**: território e poder, regiões e organização do Estado. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 2003.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Regionalizações do espaço brasileiro: uma revisão crítica. *In*: LEOPOLDO, Eudes et al. (org.). **Geografia do Brasil**: temas e reflexões. Rio de Janeiro: Consequência, 2021.

ELLIOT, John. A Conquista Espanhola e A Colonização Da América. *In*. BETHELL, Leslie. **História da América Latina: América Latina Colonial**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1997.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos**. 5. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Embrapa, 2018.

GEORGE, Pierre. **A Geografia Ativa**. Tradução de Gisele Maraia. São Paulo: Difel, 1980.

GONDIM, Marco Aurélio. **História de Mato Grosso do Sul**: ocupação do território. Disponível em; https://pt.slideshare.net/slideshow/histria-do-mato-grosso-do-sul-ocupao-do-territrio-incio-do-perodo-colonial-prof-marco-aurelio-gondim-wwwmarcoaureliotk/10449018#15 Acesso dia 22 jan. 2026.

HAESBAERT, Rogério. **Região**: trajetos e perspectivas. Trabalho apresentado na Primeira Jornada de Economia Regional Comparada (2005).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. São Paulo: Editora Alfa-ômega, 1976.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mato Grosso do Sul**: Panorama. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/panorama. Acesso em: 22 jan. 2026.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de Unidades Geomorfológicas do Estado de Mato Grosso do Sul**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Escala 1:250.000.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Atlas Geográfico Escolar**. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

MARTINELLI, Marcello. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MATO GROSSO DO SUL. Agência de Notícias de Mato Grosso do Sul. **Caminhos da produção: uma radiografia de como a produção do estado escoa pelos modais**. Campo Grande, 2024. Disponível em: https://agenciadenoticias.ms.gov.br/. Acesso em: 28 jan. 2026.

MATO GROSSO DO SUL. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. **No Dia dos Povos Indígenas, artistas falam sobre resistência por meio da arte**. Campo Grande, 2022. Disponível em: https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/. Acesso em: 22 jan. 2026.

MATO GROSSO DO SUL. Junta Comercial de Mato Grosso do Sul (JUCEMS). **Relatório de Abertura de Empresas e Movimentação Mercantil: Balanço 2024-2025**. Campo Grande: JUCEMS, 2025.

MATO GROSSO DO SUL **Plano de Desenvolvimento Regional de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: SEPLAN, 2011.

MATO GROSSO DO SUL. SEMADESC. **MS tem o 2º maior crescimento do PIB do país em 2023**. Campo Grande, 2024. Disponível em: https://www.semadesc.ms.gov.br/ms-tem-o-2o-maior-crescimento-do-pib-do-pais-em-2023/. Acesso em: 25 jan. 2026.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação (SEMADESC). **Relatório de Desempenho Econômico e Setor Mineral: Panorama 2024-2025.** Campo Grande: SEMADESC, 2025.

SANTOS, Milton**. A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção**.** São Paulo: Edusp, 2008.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BEBER, Marcus Vinicius; VERONEZE, Ellen. Os antigos caçadores do planalto de Mato Grosso do Sul: de 10.500 a 6.700 anos atrás. *In*: CHAMORRO, Graciela; COMBES, Isabela (org.). **Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul**: história, cultura e transformações sociais. Dourados: Ed. UFGD, 2018. p. 61–73.

SILVA, Giovani José da. **A reserva Indígena Kadiwéu, 1899-1984**: memoria, identidade e história. Dourados: UFGD, 2004.

SOUZA, M. J. et al. Comunidades quilombolas: territórios de resistência e conservação. **Revista do Instituto Florestal**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 106-110. Disponível em: https://smastr16.blob.core.windows.net/iflorestal/ifref/RIF4-1/RIF4-1_106-110.pdf. Acesso em: 25 jan. 2026.

VALDEZ, Marli G.; AMARAL, Rodrigo de P. **A administração do território e o movimento divisionista em Mato Grosso**. Campo Grande: Editora UFMS, 2011.
VALDEZ, Diane; AMARAL, Miriam Bianca do. **História de Mato Grosso do Sul.** Curitiba, PR: Base Editora, 2011